



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
ÉTNICOS E AFRICANOS**

LEOMAR BORGES DOS SANTOS

**IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS
HOMENS PRETOS DE SALVADOR:
IDENTIDADE, RELIGIOSIDADE, MEMÓRIAS E NARRATIVAS
(1970-2020)**

Salvador
2025

LEOMAR BORGES DOS SANTOS

**IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS
HOMENS PRETOS DE SALVADOR:
IDENTIDADE, RELIGIOSIDADE, MEMÓRIAS E NARRATIVAS
(1970-2020)**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós- Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (Pós Afro) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Estudos Étnicos Orientadora: Prof. Dr^a. Cristiane Santos Souza. Coorientador: Prof. Dr. Jeferson Bacelar

Salvador
2025

Ficha catalográfica

Biblioteca CEAO - UFBA

S237 Santos, Leomar Borges dos.

Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos de Salvador: identidade, religiosidade, memórias e narrativas (1970-2020) / Leomar Borges dos Santos. - 2025. 173 f.

Orientadora : Prof^a Dr^a. Cristiane Santos Souza.

Coorientador : Prof^o Dr^o Jeferson Bacelar.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Estudos Afro-Orientais 2025.

1. Irmandade negra. 2. Identidade. 3. Movimentos negros. I. Souza, Cristiane Santos. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Centro de Estudos Afro - Orientais III. Título.

CDD - 267

LEOMAR BORGES DOS SANTOS

**IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS
HOMENS PRETOS DE SALVADOR:
IDENTIDADE, RELIGIOSIDADE, MEMÓRIAS E NARRATIVAS
(1970-2020)**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós- Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (Pós Afro) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Data de aprovação: ____/____/____
Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cristiane Santos Souza - Orientadora
UFBA/UNILAB
Presidente da banca Examinadora

Prof. Dr. Elias Alfama Moniz
UFBA/UFRB
Membro Interno

Profa. Dra. Ana Claudia Gomes de Souza
UNILAB
Membro Externo

Aos

que me precederam na fé e deixaram o legado do Rosário dos Pretos. À mainha Laura – força da natureza, ao painho Osvaldo (vida eterna) e aos irmãos Lua e Dinho (os políticos da família). Ao meu amor, Vera (esposa), a graça da manifestação do amor de Deus em minha vida. E à cunhada Eliene, personificação da generosidade. A vocês, minha eterna gratidão!

AGRADECIMENTOS

A Deus por realizar em mim a Sua Vontade e a Virgem Maria, Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e das Pretas, que intercede por mim, passando sempre à frente.

A minha orientadora professora Cristiane Souza e Coorientador Jeferson Bacelar pela inspiração e a condução dessa jornada com sabedoria, leveza e afeto.

Aos membros do ITÀN, em especial, Amanda, Willian, Emily, Aline e Alexandra que contribuíram com sugestões e correções no projeto que submeti a seleção. Meu afeto e gratidão! Aos meus interlocutores e interlocutoras, irmãos e irmãs do Rosário, que me confiaram suas memórias, suas narrativas e suas histórias de vida entrecruzadas com a Irmandade dos Homens Pretos e das Mulheres Pretas.

Aos colegas que muito contribuíram durante o componente curricular, Seminário de Metodologia, na apresentação do projeto.

A coordenação do programa (Professor Felipe Fernandes e Professora Magali Almeida), aos Professores e Professoras que não se furtaram em me escutar e indicar caminhos, estratégias, leituras, revisão de procedimentos e de conceitos, busca por fontes primárias e aprofundamento das pesquisas. Fiz questão de registrar na dissertação.

Aos servidores e servidoras do CEAO (Antônio Carlos Araújo de Oliveira, Verônica Pontes, Adelmo Carvalho da Puridade, Jorge, Antônio, Cleiton Jeferson Paixão Soares de Oliveira) do Pós-Afro (Alex Sandro Telles), da Biblioteca (Taiana Bonfim Sousa e Maria das Graças Barbosa de Santana) que sempre foram gentis e atenciosos com as minhas demandas.

As Professoras Lucilene Reginaldo e Ana Claudia de Souza que compuseram a Banca de Qualificação e ao Professor Elias Alfama que com Professora Ana Claudia de Souza compuseram a Banca de Defesa.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – Fapesb, pela bolsa que foi fundamental para ajudar na possibilidade de dedicar mais tempo à Pesquisa.

"Enquanto os leões e as leoas não escreverem sua história, prevalecerá a versão dos caçadores e das caçadoras."
(Provérbio Africano adaptado.)

"Eu vi meu Rosário falar, eu vi meu Rosário falar!!! Agora que eu quero ver se couro de gente é para queimar!!! Agora que eu quero ver se couro de gente é para queimar!!! Vou pedir pra São João, Cosme e Damião para nos ajudar!! Vou pedir para São João, Cosme e Damião para nos ajudar!!! Quero um abrigo de engenho de flores chamando para trabalhar!! Quero um abrigo de engenho de flores chamando para trabalhar!! Êia alumiou toda terra e o mar!!! Êia alumiou toda terra e mar! Eu vi meu Rosário falar!!! Eu vi meu Rosário falar!!!"

(Música cantada no Rosário. Adaptação da música engenho de flores cantada por José de Ribamar Viana (Papete) e Composição de Josias Sobrinho.)

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi revelar e analisar a dinâmica sociocultural, política e religiosa da Irmandade do Rosário dos Pretos a partir das memórias, narrativas e vivências de seus participantes. Os estudos sobre a continuidade das ações das irmandades negras no Brasil, de forma geral, no pós-abolição, ainda são escassos e rarefeitos, com pouco material focado no período equivalente ao século XX, especialmente os que tragam contribuições epistemológicas, a partir de suas ações e estratégias políticas. Por isso, focamos nosso trabalho nos anos de 1996 a 2020, marco que traz um diferencial ao trabalho em relação à grande parte das pesquisas produzidas. Para o desenvolvimento do trabalho, optamos por uma perspectiva metodológica etnográfica. Nesse caminho, além de ser um participante observador situado no trabalho, faço registros de campo, bem como da identificação e caracterização das fontes documentais e orais, construindo uma rede de interlocutores e interlocutoras. Por meio dos relatos colhidos, narramos como pensam e vivem suas experiências na Irmandade, confirmando, afastando ou aproximando suas memórias e narrativas dos trabalhos anteriores e documentos verificados, produzindo e sistematizando em cinco capítulos reflexões sobre essa trisecular organização religiosa, espaço de pertencimento e construção da identidade negra.

Palavras-chave: Irmandade Negra. Religiosidade. Identidade. Movimentos Negros.

ABSTRACT

The objective of this work was to reveal and analyze the sociocultural, political, and religious dynamics of the Irmandade do Rosário dos Pretos based on the memories, narratives, and experiences of its participants. Studies on the continuity of the actions of black brotherhoods in Brazil, in general, in the post-abolition period, are still scarce and rarefied, with little material focused on the period equivalent to the 20th century, especially those that bring epistemological contributions, based on their actions and political strategies. For this reason, we focused our work on the years 1996 to 2020, a milestone that differentiates the work in relation to most of the research produced. To develop the work, we opted for an ethnographic methodological perspective. In this way, in addition to being a participant observer situated in the work, I make field records, the identification and characterization of documentary and oral sources, building a network of interlocutors. Through the reports collected, we narrate how they think and live their experiences in the Brotherhood, confirming, distancing or bringing their memories and narratives closer to previous works and verified documents, producing and systematizing in five chapters reflections on this three-century-old religious organization, a space of belonging and construction of black identity.

Keywords: Black Brotherhood. Religion. Identity. Black Movement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Proposta e parecer de ingresso na Irmandade	13
Figura 2 – Meu aniversário	14
Figura 3 – Irmão Professo Leomar Borges	15
Figura 4 – Relatório do Planejamento das Comemorações dos 100 anos de Ordem Terceira	17
Figura 5 – Logomarca comemorativa dos 100 anos da Irmandade.....	18
Figura 6 – Relatório do Planejamento das Comemorações dos 100 anos de Ordem Terceira	19
Figura 7 – Imagens do bloco alvorada na avenida	21
Figura 8 – Chave que abre a porta principal da Igreja	24
Figura 9 – Irmã Professora e irmãs Noviças.....	48
Figura 10 – Projeto do Compromisso.....	49
Figura 11 – Compromisso de 1900	49
Figura 12 – Compromisso 1945	50
Figura 13 – Certidão de Cartório.....	51
Figura 14 – Proposta de Emenda para Compromisso de 1966.....	51
Figura 15 – Compromisso de 2001	52
Figura 16 – Compromisso atual de 2017.....	53
Figura 17 – Jazigo do Professor Manoel R. Querino	56
Figura 18 – Jazigo da família Bambocher.....	56
Figura 19 – Jazigo de Lucinda Maria da Conceição	57
Figura 20 – Jazigo Manoel do Bonfim Galiza e sua família	57
Figura 21 – Compromisso	68
Figura 22 – Preleção na Sacristia irmãos e irmãs da Pia União de	75
Figura 23 – Procissão da Festa de Santo	80
Figura 24 – Procissão da Festa de Santo Antônio de Categeró no Pelourinho	80
Figura 25 – Liturgia da Paixão do Senhor Morto na Igreja do Carmo.....	82
Figura 26 – Imagem do Senhor Morto no Esquife	83
Figura 27 – Procissão de São Benedito	84
Figura 28 – Entrega das coroas de.....	85
Figura 29 – Foto da Cabocla	86
Figura 30 – Coroa de Flores para o Caboclo.....	87
Figura 31 – Foto do Caboclo e de fiéis	88
Figura 32 – Terço dos Homens	89

Figura 33 – Profissão de fé de irmãos e irmãs.....	90
Figura 34 – Mama Muxima.....	91
Figura 35 – Celebração com vestes africanas - Festa de Mama Muxima no Rosário.....	92
Figura 36 – Festa de Mama Muxima em Angola.....	92
Figura 37 – Festa de Santa Bárbara.....	95
Figura 38 – Prior da Irmandade – Juiz da Festa	96
Figura 39 – Irmãos revestidos e em Traje Social	98
Figura 40 – Irmãs Revestidas	99
Figura 41 – Irmãs em Traje Social	99
Figura 42 – Devoção Santo Antônio de Categeró.....	100
Figura 43 – Santo Antônio de.....	101
Figura 44 – Irmã Devoção de	102
Figura 45 – Santa Bárbara	104
Figura 46 – Irmão de São Benedito.....	105
Figura 47 – São Benedito	107
Figura 48 – Santa Bakhita	108
Figura 49 – Santa Efigênia	108
Figura 50 – Santo Elesbão.....	108
Figura 51 – Livros de Cânticos	123
Figura 52 – Capa CD Músicas cantadas no Rosário	124
Figura 53 – Mapa Egito.....	141
Figura 54 – Ata assembleia MNU	148
Figura 55 – Imagens de irmãos e irmãs e de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e das Pretas	154

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Mapa para acessar os arquivos digitalizados da Irmandade.....	32
Quadro 2 – Mapa para acessar os arquivos digitalizados da Irmandade.....	32
Quadro 3 – Mapa para acessar os arquivos digitalizados da Irmandade.....	33
Quadro 4 –Perfil dos interlocutores e das interlocutoras da pesquisa.....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I. UMA GESTÃO TRISECULAR DE SUCESSO: DA COLÔNIA A CONTEMPORANEIDADE	43
1.1 OS COMPROMISSOS E A RACIALIZAÇÃO DA IRMANDADE.....	45
1.2 COMPROMISSO E A DIGNIDADE NA MORTE.....	54
1.3 A MESA ADMINISTRATIVA E SUA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL	59
1.4 MESA ADMINISTRATIVA – CARGOS, DEVERES E ATRIBUIÇÕES.....	64
1.5 A IRMANDADE E SEU PROCESSO ELEITORAL	67
CAPÍTULO II. IDENTIDADE, RELIGIOSIDADE E FÉ NAS CELEBRAÇÕES DE SANTOS E SANTAS NA CASA ROSARIANA.....	73
2.1 FESTAS, MOBILIZAÇÃO, IDENTIDADE E CULTURA NEGRAS	79
2.2 VESTES, HÁBITO, BATAS E ABADÁS	98
2.3 CÂNTICOS, VIDAS E LUTAS AFROCENTRADAS	108
CAPÍTULO III. IGREJA, PASTORAL AFRO, IRMANDADE E MNU: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS NEGRAS DE REPARAÇÃO HISTÓRICA	125
3.1 A IGREJA CATÓLICA E IDENTIDADE NEGRA	130
3.2 A PASTORAL AFRO DE SALVADOR: CRIAÇÃO, ATUAÇÃO E RESISTÊNCIA ...	136
3.3 A BÍBLIA E O POVO NEGRO	140
3.4 A CONSTITUIÇÃO DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DE SALVADOR.....	143
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS - TESSITURAS CONTINUADAS.....	152
REFERÊNCIAS	155
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA ACADÊMICA	158
ANEXO B – TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS - TCUD .	159
ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	160
ANEXO D – ATA DE REUNIÃO DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DE SALVADOR - CEDIDA PELA PROFESSORA ANA CÉLIA, APÓS CONSULTA A GILBERTO LEAL	163
ANEXO E – ATA DE ASSEMBLEIA ESTADUAL DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DE SALVADOR	170

1 INTRODUÇÃO

Cheguei à Irmandade, em 1995, a convite do irmão Edson Tobias de Matos¹, que se encontra na eternidade. Durante aquele ano, frequentei, conheci diversos irmãos e irmãs da Irmandade, participei das festas dos oragos², participei como apoio e atuei em diversos eventos, me sentindo acolhido! Nesse mesmo ano, resolvi ingressar na Irmandade como irmão noviço e ouvi do irmão Júlio Silva a seguinte pergunta: “você quer entrar na Irmandade? Como? Se as palmas das suas mãos não são nem pretas!” Acreditei que, com aquela fala, possivelmente, não ingressaria, pois ele era o irmão mais antigo, respeitado e cuidava de todas as questões dentro da Irmandade que se referiam à tradição, inclusive as chaves, função de grande importância e responsabilidade, pois era ele quem abria e fechava a igreja.

Contudo, a minha proposta de ingresso foi assinada pelo irmão Neilto dos Santos Barreto³, no dia 16 de julho de 1996, e encaminhada à comissão de sindicância no dia 21 de julho para o parecer (Figura 1). As propostas são encaminhadas à reunião de mesa administrativa, geralmente entre agosto e setembro, para que os aprovados e aprovadas se preparem para toda a cerimônia e confecção do hábito e adereços (cinto com espada de couro no lado esquerdo e o terço do lado direito, como aparece na Figura 2). Fiz um ano de noviciado e, no ano seguinte, em outubro de 1997, me tornei irmão professo – recebi o grau (uma “capa preta”, acrescentada ao hábito branco do noviciado), conforme aparece na Figura 3.

¹ Nascido em 15 de agosto de 1947. Falecido em 26 de março de 2020, com 73 anos. Técnico em Desenho Projetista foi a sua profissão e cursava direito. Não concluído devido a sua passagem a vida eterna. Irmão Maçom. E Foi um dos fundadores do bloco Ilê Ayiê e participava do movimento negro. Ingressou na irmandade como irmão Professo em outubro de 1986.

² Santo a quem se dedica um templo ou uma capela; padroeiro.

³ Nascido em 29 de março de 1948. Formado em Biblioteconomia. Irmão Maçom. Ingressou na Irmandade como Irmão Professo em outubro de 1977. O irmão Professo mais antigo de irmandade em atividade.

Figura 1– Proposta e parecer de ingresso na Irmandade

Venerável Ordem 3a. de N. S. do Rosário dos Pretos das Portas do Carmo

N. de Inscrição _____

Salvador, 16 de JULHO de 1996

PROPOSTA

O abaixo assinado, nos termos dos Compromisso em vigor propõe para Irmão desta Irmandade o Sr. LEONAR BORGES DOS SANTOS

Estado Civil SOLTEIRO Idade 26 anos

Profissão ADMINISTRADOR DE EMPRESAS Nacionalidade SERROPOULITANO

Residência RUA VISCONDE DE CARNEIRO, 61 APTO 602 B RIO VERMELHO

Assinatura do Proposto _____ Assinatura do Proponente _____

DESPACHO — A Comissão DE SINDICANCIA para informar

Salvador, 21 de JULHO de 1996

Rafael Gonzaga de Lencina
PRESIDENTE

PARECER

Os abaixo firmados, tendo sindicado se o proposto possui os requisitos exigidos por nossos compromissos, são de parecer que o mesmo _____ seja aceito como sócio irmão devendo fazer o noviciado desta Irmandade. Bahia, _____

NOTA — Todo requerente deverá apresentar 2 retratos, carteira de identidade e se for casado, certidão de casamento de acordo com o cap. III, 7.º do compromisso

A Comissão Alcino Pinheiro Faria
Julio Silva
Genesio Teodoro Gomes

DESPACHO FINAL

em Sessão de _____ de _____ de 1996

O Presidente _____

Pagou a joia de entrada de \$ 50,00 Salvador 21 de 10 de 1996

O Tesoureiro p/ Vitor Maria da Conceição

Fonte: Arquivo da Irmandade, 1996.

Lendo a proposta que submeti naquela época, em 16 de julho de 1996, identifiquei que ainda era solteiro, com 26 anos de idade, morava no Rio Vermelho, em um prédio que avistava o mar, e todo 2 de fevereiro realizávamos um encontro com diversas pessoas, amigas e

amigos, parentes, casados e solteiros, casais enamorados, para celebrar a Festa de Iemanjá. Ao analisar as assinaturas de diversos irmãos apontadas na proposta, reporto-me aos ensinamentos, às orientações, à simplicidade e ao compromisso dos que nos precederam na fé, na resistência e na missão de legar toda essa história do Rosário dos Pretos.

Figura 2 – Meu aniversário



Fonte: Arquivo pessoal

Distante no tempo dos celulares com o recurso de fotografar em alta definição, a foto foi feita de forma analógica por um fotógrafo profissional e revelada em estúdio com todos os procedimentos da época. Tive acesso a essa foto mais recentemente, por meio do irmão Adonai, que a encontrou em algum arquivo da Irmandade, que foi danificado. Nela, estou em frente ao altar e usando o hábito⁴ de noviço. Nesse dia, para poder vesti-lo, fui buscar no

⁴ Vestimenta usada por membros de comunidades monásticas, ordens religiosas ou congregações. É um sinal de

compromisso a autorização para poder usá-lo fora da Festa da Irmandade ou de celebração religiosa específica para isso. E aí está, encontrei o argumento.

Figura 3 – Irmão Professo Leomar Borges



Fonte: Arquivo pessoal

E já se vão 27 anos desde que me tornei membro da Irmandade. Ao longo desses anos, algumas situações foram importantes e interessantes e serviram de aprendizado nesta minha jornada dentro do Rosário dos Pretos e Pretas e para a vida. A primeira, apenas com 3 anos de irmão professo, foi ser comunicado que assumiria o cargo de definidor, após aprovação em reunião do dia 14 de março de 1999, na gestão do irmão Prior Pedro Soares de Oliveira. Muitos irmãos e muitas Irmãs sequer tinham acesso à sala da Mesa, no segundo andar, mesmo com mais tempo. O Irmão Nicanor fala em seu relato sobre os limites de acesso dentro da Irmandade, estabelecidos pelos que já estavam ali por mais tempo. Em um

consagração, compromisso e pertencimento a Deus.

dos momentos de sua caminhada, relatou:

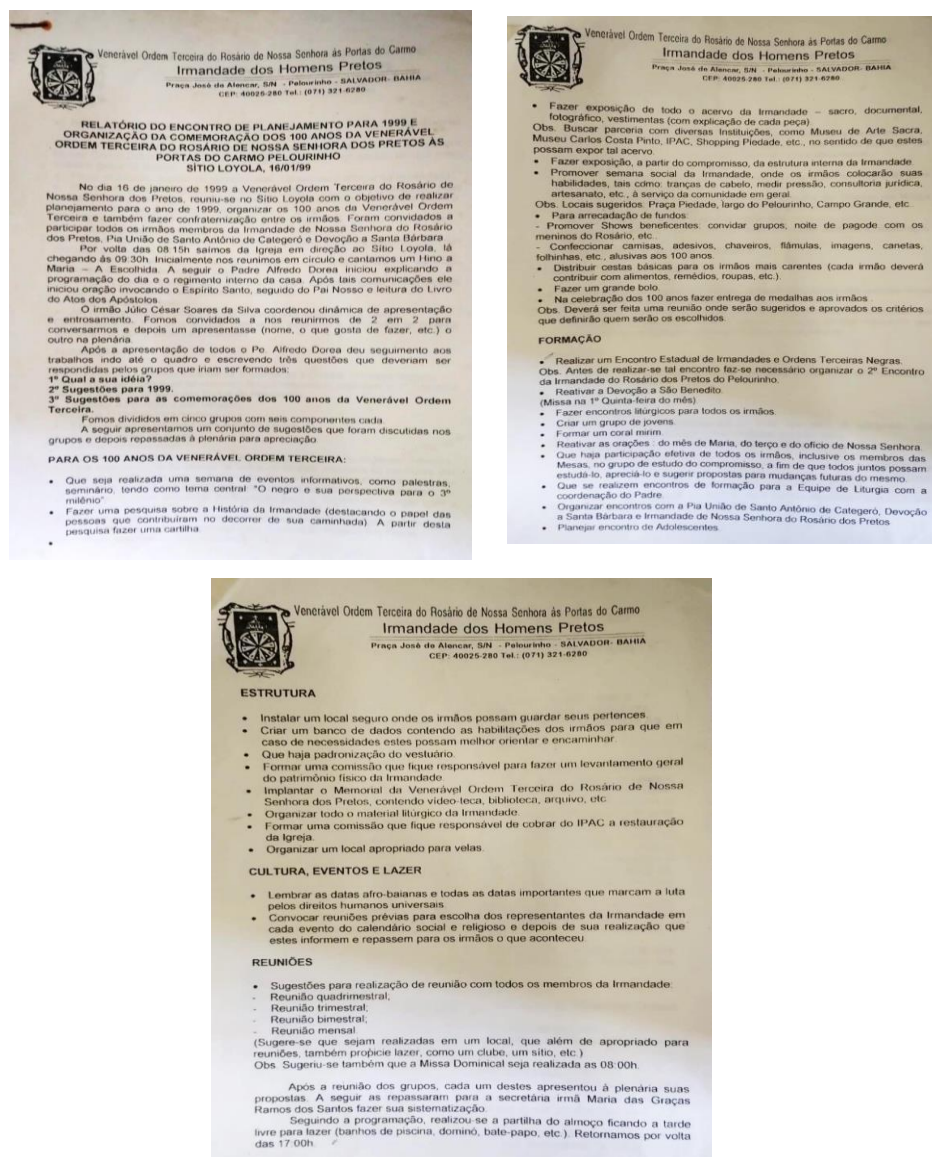
Eu e seu Rafael. Nós estávamos na parte de baixo, não é no corredor. E ele me disse, menino, a gente conversando e disse menino. A sala da casa da mesa tem um buraco que está. Vamos lá que eu vou te mostrar. Vou te mostrar para você ver como é a coisa. Eu disse, tudo bem! Eu vim com ele até a porta. Ele pegou a chave para abrir a porta para subir para o primeiro andar e virou para mim e disse assim: “Oh, espera aí. Ainda não é a hora de você ir lá em cima. Na hora de vocês lá em cima, vão chamar para vocês irem lá em cima. Não é a hora não, vem cá. Ai, voltamos, sentamos no banco, no corredor. Eu passei um noviciado sem ir no primeiro andar. Eu não conheci o primeiro andar durante o noviciado. Quando vim no primeiro andar, foi assim, uma coisa para mim, muito importante. É, ia passando um Capitão da polícia. IA passando aí na porta da igreja. E ele se sentiu mal. Ele era do axé. Ele se sentiu mal, aí entrou. Eu e Eurico, nós estamos sentados no fundo. Aí o camarada veio se sentindo mal, abafado. Aí eu saí na frente, e digo o que o senhor tem e tal. Ele anda e para. Eurico diz: vamos abrir a blusa dele e vai buscar água ali, “aquela água” para ele. Para a gente fazer uma coisa. E aí eu digo tudo bem, aí eu fui no pote. Peguei um caneco da água. Ele abriu a porta. Subimos, eu, ele e o Capitão. E chegamos aqui em cima. E conseguimos fazer ele voltar ao normal. Foi a primeira vez que eu subi. E já era Irmão Professo. Quer dizer, era um momento. É, eu vou pôr uma coisa que eu aprendi. Eu era garoto. Há mais mistérios entre o céu e a Terra do que a sua vã filosofia conhece, sabe?

Outro momento importante foi a minha participação na comissão dos 100 anos de Ordem Terceira, em 1999, na qual promovemos diversas ações e atividades que ampliaram o diálogo com diversos setores da sociedade, sejam órgãos públicos, iniciativa privada e movimentos sociais, a exemplo dos movimentos negros. O Encontro se deu no dia 16 de janeiro de 1999, no sítio Loyola, coordenado pelo Padre Alfredo Dórea⁵, que, dividindo os irmãos e irmãs em grupos, entregou três perguntas para serem respondidas: a) Qual a sua ideia? b) Sugestões para 1999 e c) Sugestões para as comemorações dos 100 anos da Venerável Ordem Terceira.

Então, no final, foi sistematizado em um relatório (Figura 4) o planejamento geral para o ano de 1999, apresentado por cada grupo, como parte das festividades do centenário da Venerável Ordem Terceira.

⁵ Padre Alfredo Dórea atuou no Rosário dos Pretos na época do capelão Padre Hélio da Silva. Era da Congregação Jesuíta e atualmente é Padre Anglicano e coordena o Instituto Beneficente Conceição Macedo (IBCM), Rua Santa Clara do Desterro, 85, Nazaré, Salvador-Ba, que cuida de pessoas com HIV.

Figura 4 – Relatório do Planejamento das Comemorações dos 100 anos de Ordem Terceira



Fonte: Arquivo da Irmandade, 1999.

Para as comemorações dos 100 anos, ficaram estabelecidas ações de formação com seminários, palestras e encontros, tendo como tema central “O Negro e sua perspectiva para o 3º Milênio”. No documento também é apresentada a ação que destaca a necessidade de “Fazer uma pesquisa sobre a História da irmandade”, destacando o papel das pessoas que contribuíram no decorrer da sua caminhada para sua existência e resistência, com a finalidade de gerar, ao final, uma cartilha. Nas comemorações do centenário, promoveram-se feiras, cursos e serviços para a comunidade do Centro Histórico, produção de materiais (camisas, flâmulas, chaveiros, canetas, folhinhas) com a marca dos 100 anos (Figura 5), com

o objetivo da aquisição de recursos para a manutenção da Irmandade; produção e distribuição de alimentos para pessoas em situação de vulnerabilidade; e para fazer uma exposição de todo acervo da Irmandade (sacro, documental, fotos e vestimentas). Isso aconteceu, mais uma vez, recentemente! Uma exposição foi lançada no dia 6 de outubro de 2023, no Solar do Ferrão. (Figura 6).

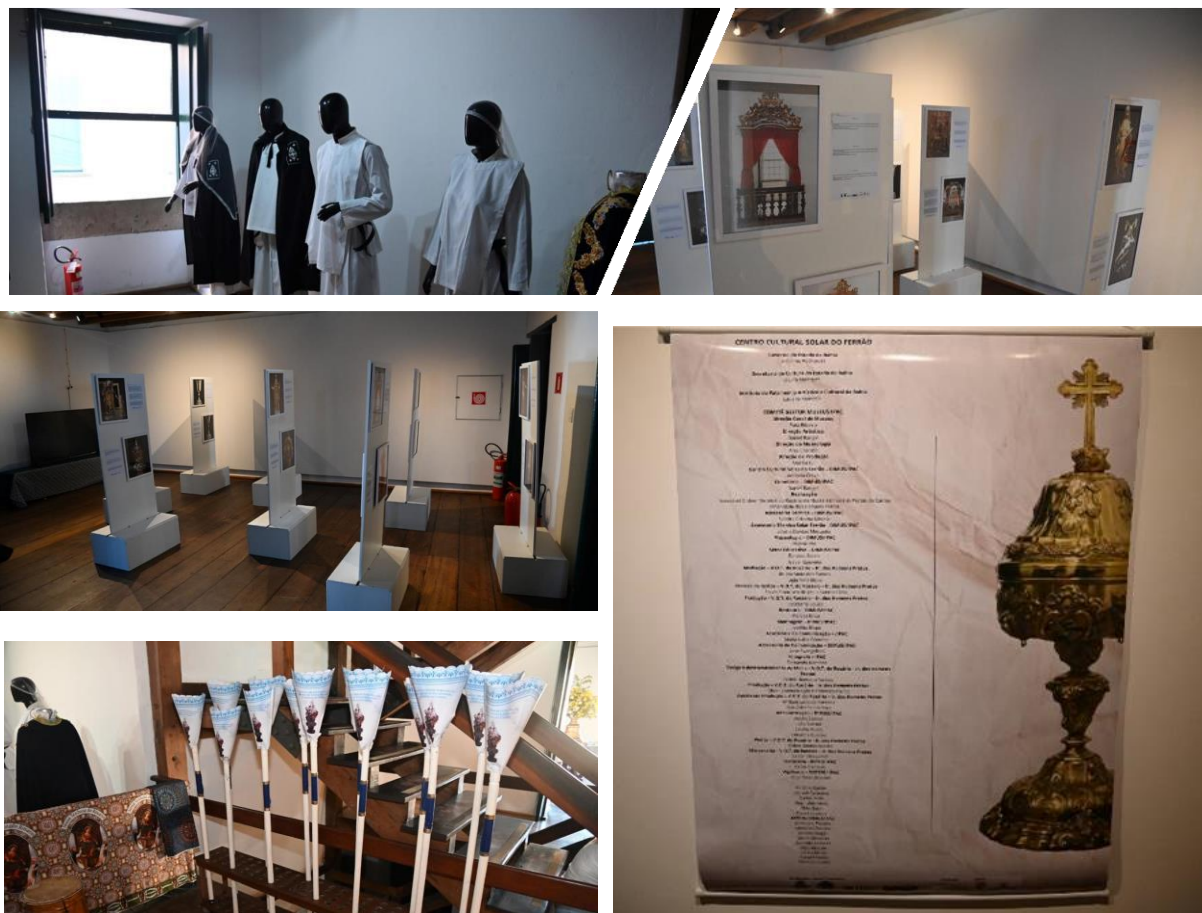
Para a realização das ações de celebração dos 100 anos da Irmandade, foram criadas comissões de trabalho específicas que atuaram em diversas frentes de trabalho para promover a organização, qualificação, convênios, formação litúrgica, eventos, shows, melhoria da infraestrutura, atualização de documentos e fortalecimento dos laços de fraternidade e compromisso com a Irmandade.

Figura 5 – Logomarca comemorativa dos 100 anos da Irmandade



Fonte: Arquivo da Irmandade, 1999.

Figura 6 – Relatório do Planejamento das Comemorações dos 100 anos de Ordem Terceira



Fonte: Arquivo da Irmandade, 2023.

Outro fato que me trouxe uma surpresa grande, pois até então, ainda não tinha sido percebido por mim, foi quando o irmão Pedro Soares, Prior, me convidou para a festa de seu Terreiro. Não fui à festa, pois fiquei receoso, haja vista não ter conseguido entender essa conexão até esse convite. Não estava confortável. Eu não tinha atentado para essa relação, que fui entendendo configurar-se como *dupla pertença*⁶, vivenciada por alguns irmãos e algumas irmãs do Rosário, mesmo depois de quase 10 anos passados de ingresso na Irmandade. Os irmãos e as irmãs tinham muito cuidado sobre o que era só para dentro e não para fora da Irmandade. Atualmente, não há tanto essa preocupação e comportamento. Segundo relata o Irmão Júlio: “*esses conhecimentos eram de poucos, não era passado pra qualquer um. Em algum momento começou ingressar muitos irmãos e irmãs que passaram a dar visibilidade àquilo que era segredo e sagrado e de forma distorcida.*”

No decorrer desta jornada, ainda promovemos com outros irmãos e irmãs a saída de

⁶ Quando uma pessoa se considera pertencente a mais de uma religião ou denominação.

dois blocos de Carnaval, o Quilombolas do Pelô e o Quilombo de Alá. O Quilombolas do Pelô foi uma ideia do Irmão Raimundo Nonato e teve a participação na fundação dos irmãos Roberto Nascimento, Reinaldo Cabrueira e Alberico Paiva e da Irmã Josete Batista. Nesse bloco fui apenas folião. Em 1997, ele saiu na sexta-feira de Carnaval e circulou na área do Pelourinho. Segundo o Irmão Roberto, *“não tinha uma fantasia própria, a não ser a sandália que era oferecida e cada folião criava sua própria fantasia. Para animar os integrantes do bloco foi contratada a Banda de percussão ‘Filhos de Mestre Prego’, apelido de Valter França Aragão. A nomeação de quilombolas ou quilombo, referia-se às reuniões e encontros que se faziam para comemorações e encontros de membros do movimento negro e diversas organizações no restaurante de Alaide do Feijão”*, que era irmã do Rosário dos Pretos e faleceu em 31 de janeiro de 2022.

Quanto ao bloco Quilombo de Alá, estive envolvido na organização com os irmãos Adailton Sérvulo, Roberto Nascimento, Jailton Oliveira, Raimundo Nonato, Albérico Paiva e a Irmã Josete Batista e minha esposa Veralucia Alcântara. O irmão Roberto, ainda em seus relatos, nos disse que o circuito foi também o Pelourinho, animado pela mesma Banda Filhos de Mestre Prego. Contudo, houve a disponibilidade de um abadá. Além disso, o bloco desfilou com 3 alas, com diversas pessoas também fantasiadas, para simbolizar o tema do ano: “O canto das três raças”. E completou, o irmão Roberto: *“Naquele ano, 1998, fizemos uma confraternização no encerramento do desfile, com a feijoada na sede do bloco Filhos de Korin Efan”*⁷.

Em outra ação, em 2012, iniciamos com o Padre Gabriel um diálogo com o Adido Cultural de Angola, Camilo Afonso⁸, com o intuito de estreitar laços com a igreja cristã católica de Angola. Apesar de conseguirmos todos os encaminhamentos de passagem, local para ficarmos e construirmos uma agenda, houve uma dificuldade no processo dos passaportes e, assim, não conseguimos viajar. Dentre as responsabilidades que ao longo do tempo foram sendo atribuídas e confiadas, está a passagem por diversos cargos na

⁷ Os Filhos de Korin Efan é um tradicional Bloco de Afoxé, que desfila nos circuitos Osmar (Campo Grande) e Batatinha (Pelourinho), foi fundado pelo Ogan Erenilton, da Casa de Oxumarê, e presidido pela sua filha, a advogada Elisângela Silva. **Korin Efan** que em iorubá Korin significa “cântico” e Efan “terra de ijexá”.

⁸ O Adido Camilo Afonso que faleceu este de 2024. Ele esteve na Direção da Casa de Angola, sediada em Salvador/Ba entre os anos de 2009 e 2017.

mesa administrativa. Fui Definidor⁹, Mestre de Noviços(as)¹⁰, Vice-Prior, Prior¹¹ Procurador – Geral e membro da Junta Definitória (órgão de aconselhamento à Mesa Administrativa).

No ano de 2019, fomos homenageados pelo Bloco Alvorada, que é um dos mais antigos blocos de samba de Salvador. Muitos irmãos e irmãs são foliões do Alvorada e no carnaval daquele ano, mais irmãos estiveram presentes no desfile. Eu, por outro lado, já saía como folião há algum tempo. Na sexta-feira, dia 01 de março de 2019, o Alvorada arrastou uma multidão em seu desfile, garantido a alegria e a tradição do samba raiz, mas também traz uma nova geração, seja de foliões, seja de seus gestores culturais, que numa relação intergeracional com a velha guarda, está dando continuidade ao legado dessa agremiação carnavalesca.

O relato do Irmão Crispim, me fez lembrar sobre essa relação da Irmandade com as agremiações carnavalescas negras, especialmente com o samba, mesmo porque tínhamos como integrantes da Irmandade um dos maiores sambistas do Brasil, o Irmão Batatinha. Assim disse o Irmão Crispim:

Hoje no Rio de Janeiro, já há 12 anos, desfilo numa escola de samba também. É muito legal porque eu saio em uma escola, a primeira escola de samba do Brasil e quiçá do mundo, é Estácio de Sá. E eu aqui, a primeira irmandade que está de pé, a Irmandade Preta, olha isso. Isso mesmo. Para mim, é muita coisa, entendeu?! Porque essa casa aqui, a gente não sabe, não dá é o valor que ela tem, a força que tem essa casa.

Figura 7 – Imagens do bloco alvorada na avenida



Fonte: Arquivo Bloco Alvorada. Foto Fafá Araújo, 2019.

⁹ Membro da Mesa que atua nas deliberações da Mesa Administrativa e pode assumir funções em diversas comissões da Irmandade e de substituir no impedimento de outros membros da administração.

¹⁰ Irmão ou Irmã, Membro da Mesa Administrativa, responsável por acolher e formar os noviços e noviças até a profissão, e acompanhar os irmãos professores e irmãs professoras na suas jornadas dentro da Irmandade.

¹¹ Nomenclatura para o Irmão que preside uma Irmandade com título de Venerável Ordem Terceira.

E essa relação da Irmandade com blocos e o carnaval vem de uma época muito antiga, conforme relata o irmão Júlio:

Era uma tradição, pois na segunda-feira de carnaval, a igreja abria para celebrar aos antepassados. E o Afoxé Pai Borocô¹², a Mãe do Fundador, Mestre Didi, Mãe Senhora era integrante da Irmandade, e ao subir para o Terreiro, passava antes pela igreja para rezar. E neste dia, sempre havia uma erva-doce para quem passasse por lá, e eu experimentei. Irmã Anastácia tia de Irmã de Bernadete. Ela disse que quem bebe dessa erva doce não sai mais do Rosário. Eu arregalei os olhos e ela riu com o irmão Albérico. E eu estou aqui, até hoje.

Fomos além-mar. Quão importante e simbólico foram as três viagens que a Irmandade fez a Angola. Assim relatou a Irmã Nilsa:

Estando na África, eu fiquei paralisada. Eu senti uma emoção que eu não me lembro de ter. Foi precisamente em Luanda. Eu estava à beira mar, no mesmo lugar, no Porto onde os escravos africanos viam aprisionados para virem para aqui. Eu não, não sabia explicar. Senti uma emoção enorme dentro da água, eu me lembro que eu estava com uma calça comprida. Arregacei e entrei no mar. Tá, mas foi uma emoção, parecendo que eu ia viver ou ia representar. Sei lá, o que foi! Não sei se, se eu fui sugestionada por mim mesma. Mas eu não sei dizer se dá aqui que eles vieram e eles foram para lá à força. Ainda deu aquela, aquela emoção imensa. Senti medo, e isso foi demais pra mim.

Em junho de 2016, como citado, conseguimos fazer a primeira viagem a Angola, desta vez com o padre Lázaro Muniz; e representando a Irmandade foi o Vice-Prior, à época, Adonai Passos Ribeiro, que se tornou o Prior, logo após o final da minha gestão. Por ato administrativo, com base no compromisso, e também por tradição, o Prior passa a ser o Procurador-geral, pois sabiamente os irmãos deixaram este legado, onde o irmão que deixa o Priorado, automaticamente, torna-se o Procurador-geral na mesa seguinte, assim sendo mantém-se duas perspectivas: prestação de contas e respostas inquiridas pela atual mesa; e manutenção e orientação sobre os passos que devem ser dados a partir da gestão que foi encerrada, garantindo também a continuidade dos processos construídos na gestão anterior, benéficos à Irmandade. Política de Estado e não de governo. E insistem que somos seres inferiores, sem inteligência e sabedoria.

¹² Borocô é um termo do candomblé que se refere a Nanã nagô, um orixá da sabedoria e dos pântanos. Nanã é responsável pelos portais de entrada e saída (reencarnação e desencarne).

Enquanto estive Prior e depois Procurador-geral, iniciamos e continuamos o processo de atualização do compromisso, criação do regimento interno da Irmandade; o processo para patrimonialização da Festa de Nossa Senhora do Rosário e também duas viagens a Angola, uma em 2017 e outra em 2018, e com estas viagens conseguimos a entronização na Igreja do Rosário da réplica da imagem de Nossa Senhora da Muxima (Nossa Senhora do Coração), padroeira de Angola, que ocorreu em outubro de 2018, tendo apenas essas três imagens pelo mundo: nos Estados Unidos, na Argentina e no Brasil. O irmão Crispim traz essa memória como uma das mais afetivas. *“A chegada de Mama Muxima¹³, que veio no meu ombro, depois que desceu do carro, entendeu? Fomos buscar no aeroporto. Ela veio ali, em cima do carro tal e eu ali do lado dela, entendeu? A Chegada de Mama Muxima, entendeu? Que foi trazida aqui pelo seu irmão e outros irmãos e irmãs também.”* Em 2020, em plena pandemia, encerrava o meu mandato de Procurador-Geral, passando a ser membro da Junta Definitória¹⁴ na nova gestão da Mesa Administrativa 2020 a 2023.

A chave que abriu a porta: do noviciado ao mestrado

Em 2019, durante o cargo de Procurador-Geral, antes do fim da gestão, que seria em 2020, retornei à universidade para oxigenar a minha prática¹⁵. Nesse momento para cursar um componente curricular como aluno especial. Neste ano, atuando na Irmandade na função de Procurador-geral, passei a abrir a igreja pela manhã e fechando no final da tarde, caso não tivesse outro irmão na igreja. Eu trabalhava próximo à Praça Municipal, e saía do trabalho, à época, na Secretaria Municipal da Reparação. Portanto, sempre me deslocava com esta chave (Figura 8) em mãos, pois passou a ser uma missão.

¹³ Devoção mariana de Angola, também conhecida como Nossa Senhora da Conceição da Muxima ou Nossa Senhora da Muxima. Senhora do Coração. É a padroeira de Angola.

¹⁴ Conselho de irmãos e irmãs mais velhos, que já assumiram cargos na Mesa Administrativa, para aconselhar a Administração.

¹⁵ Ao final do semestre, fui convidado pela Professora Cristiane Souza, atualmente minha Orientadora, para participar do grupo de pesquisa ITÀN - Poéticas da Imagem, Outras Grafias, Narrativas Insurgentes. Naquele período, participei do processo seletivo para o mestrado com o projeto que falava sobre a Península de Itapagipe, pois já havia escrito todo esse projeto para mestrado que não conclui, na verdade não defendi, e fazia parte de toda uma construção de pesquisa de atuação profissional dentro daquele território. Contudo, não fui aprovado na seleção do Pós-Afro em 2019.

Figura 8 – Chave que abre a porta principal da Igreja



Fonte: Arquivo pessoal da Irmã Cosma Miranda, 2023.

Então, no dia da primeira reunião do ITÀN, no final de novembro, eu me dirigi para o CEAO, onde fica também o Pós-Afro, no Largo 2 de julho. E lá cheguei com a chave da igreja (pedi para ficarem atentos à chave), quando imediatamente fui interpelado pela professora Cristiane, perguntando-me que chave era aquela e inclusive tirou foto; e a partir dali eu comecei a contar a história. Em um determinado momento, ela perguntou: *“por que você não escreve seu Projeto sobre a Irmandade do Rosário dos Pretos”*. Então, comecei a escrever um novo projeto para participar da seleção até minha aprovação em 2021¹⁶. Foi a partir da chave que, além de abrir a porta da igreja, também abriu a porta para o mestrado. Aprendemos com os antepassados que nos precederam na fé, que a casa (como chamamos a Igreja do Rosário) deve ser aberta pelos irmãos e irmãs do Rosário. Conforme disse o irmão Júlio: “sempre deveriam ser os irmãos e irmãs da casa que deveriam abrir a Igreja e sempre havia a presença na casa de membros da Irmandade ao longo do dia.” Em determinado momento, identifiquei que outras pessoas estavam abrindo a igreja e solicitei, em uma reunião de mesa administrativa, a chave sobressalente para que eu pudesse assumir a abertura e o fechamento da igreja. É neste caminhar ao encontro do legado dos ensinamentos recebidos e da missão recebida, que faço também essa jornada, trilhada desde noviciado, passando pela chave, que comunica por meio ancestral o caminho a seguir até o ingresso no mestrado, tendo como mediadora a minha atual orientadora, que é iniciada no candomblé. Feliz e verdadeiro diálogo inter-religioso, como acontece no Rosário dos Pretos e das Pretas, seja com a dupla pertença de alguns membros e algumas membras, seja no acolhimento das religiões afro-brasileiras para celebrar, seja no diálogo institucional com diversas religiões a partir dos conselhos e comissões ecumênicas e inter- religiosas que nós participamos e atuamos. Essa

¹⁶ Em 2020, no qual fui aprovado, mas fiquei no cadastro reserva, pois não havia vaga suficiente, mesmo alcançando a média necessária de aprovação. Em 2021, mais uma vez, fiz a seleção, na qual fui aprovado em primeiro lugar e iniciei o mestrado no semestre 2022.1.

grande encruzilhada, apontou os caminhos e a escolha dessa escrita sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Salvador (1970 -2020) – Identidade, Religiosidade, Memórias e Narrativas.

Ao longo da realização das disciplinas obrigatórias e optativas ofertadas no programa, pude ter contato com ideias e reflexões que foram me fazendo reformular algumas questões indicadas na proposta inicial da pesquisa. Vale ressaltar algumas. Primeiro, no componente curricular Seminário de Metodologia¹⁷ a problematização sobre a diferenciação entre cristianismo e catolicismo e como pensar a religiosidade negra, e a forma de administração organizacional da irmandade. Outro ponto importante que ganhou corpo na pesquisa, a ligação com o movimento negro a questão de gênero, escuta de irmãs e irmãos para obter a impressão deles, assim como Daniela. Edson perguntou sobre os ritos durante a celebração e se havia outras irmandades com as mesmas características, quanto aos objetivos, assim como a importância de registrar os relevantes acontecimentos ao longo da história.

Após as considerações e sugestões da banca de qualificação, reformulamos o objetivo geral do trabalho: “revelar e analisar a dinâmica sociocultural, política e religiosa da Irmandade do Rosário dos Pretos a partir das memórias, narrativas e vivências de seus participantes.” E os objetivos específicos: investigar as dinâmicas políticas, sociais, culturais e religiosas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos; identificar os acontecimentos históricos que foram relevantes na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos no período estudado; avaliar a atuação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos no combate ao racismo, a intolerância religiosa e na educação antirracista.

A partir do início da escrita, diversas sugestões apresentadas durante a apresentação

¹⁷ Voltando as aulas presenciais na universidade, apresentei o projeto de pesquisa, submetido à seleção do mestrado, a Professora Patrícia Godinho, aos colegas, a minha orientadora Professora Cristiane, e ao coorientador Professor Jeferson Bacelar, que avaliaram e propuseram possibilidades, referências e ajustamento no tamanho da pesquisa, devido ao tempo de 2 anos para o mestrado. Entre as sugestões, o colega João salientou a diferenciação necessária entre cristianismo e catolicismo e como pensar a religiosidade negra, e a forma de administração organizacional da irmandade. Fabiane indicou a leitura sobre catolicismo popular e hibridismo. Eric perguntou como seria a ligação com o movimento negro e qual seria a metodologia aplicada no estudo. Vaneza perguntou por que a irmandade dos homens pretos, limitando a questão de gênero. E sugeri o livro identidade e diferença de Stuart Hall. Joicyara sugeri a escuta de irmãs e irmãos para obter a impressão deles, assim como Daniela. Edson perguntou sobre os ritos durante a celebração e se havia outras irmandades com as mesmas características. E sugeri a correção em um dos objetivos, assim como a importância de registrar os relevantes acontecimentos ao longo da história. Luciane sugeri explicar a categoria homens pretos. A Professora Patrícia indicou algumas bibliografias (Alencastro, Joseph Inikori) e sugeri a inclusão da categoria sociabilidade no tema. A professora Cristiane e o Professor Jeferson salientaram a boa escrita do projeto, fizeram alusão ao tamanho do período estudado, as diversas categorias e assuntos, havendo a necessidade de um recorte para caber no tempo de pesquisa do mestrado. Após o resultado da seleção do mestrado, a apresentação do projeto foi mais um momento de grandes emoções. Chorei bastante!

do projeto foram sendo incorporadas, assim como as recebidas na realização dos componentes curriculares¹⁸. Para dar início ao trabalho de pesquisa organizamos um plano de trabalho e de levantamento e caracterização das documentações e fontes utilizadas. Um ponto importante neste momento foi a identificação das diferenças e proximidades entre a abordagem da história social e das ciências sociais. Ainda no momento preliminar, para começar a construir um entendimento sobre campo das pesquisas sobre as Irmandades Negras. Para tal, fui fazendo as leituras sobre irmandades e literatura histórica, os fichamentos dos respectivos materiais. Entretanto, o ponto “chave” e de grande importância foi o que ele disse: “leia todos e identifique o que não foi escrito ainda, para você não repetir o que já foi dito!” E assim, comecei a minha jornada de leituras e resumos. Ampliamos e aprofundamos temáticas com linguagens diversas que nos ajudaram a identificar novas abordagens sobre temática racial no Brasil e em outros países, principalmente em África¹⁹ nos deparamos com a força da ancestralidade e da necessidade de cuidado com os territórios e espaços sagrados em que estamos e somos parte, com a missão de preservar o legado recebido. Tudo a ver com o meu projeto sobre o Rosário dos Pretos²⁰. Reconheci a necessidade de estudar mais sobre África. Foi nesse momento que decidi, acompanhar também a Linha de Pesquisa de Estudos Africanos, coordenada pelos Professores Nicolau Parés e Fábio Baqueiro, que me trouxeram contribuições importantes, assim também o Tirocínio feito com a Professora Ana Cláudia de Souza²¹.

Fiz a leitura de artigos, dissertações, teses e livros que contavam, narravam ou contranarravam os processos históricos de constituição, existência e as relações

¹⁸ A exemplo da Linha de Pesquisa de Estudos Étnicos com Professor Jesiel Ferreira e Professora Suzana Maia, que sugeriram a criação de rotina de escrita e de sentar-se para escrever sempre que algo vier à mente e depois fazer os ajustes. Do professor Marcelo Mello, no componente curricular de Teorias da Etnicidade, que me sugeriu que as perguntas nas entrevistas, com integrantes do Rosário dos Pretos e das Pretas, fossem articuladas e cruzadas com suas vidas, utilizando as expressões “como”, “quando” e “de que forma as experiências foram vividas a partir de ingresso irmandade”, evitando assim que os interlocutores e interlocutoras utilizassem a argumentação de que eu já sabia como as coisas eram, aconteciam, existiram e ou existem na História da Irmandade. Assim, como das novas percepções que tive com o Professor Elias Alfama sobre a Colonialismo e Anticolonialismo, promovendo a decolonialidade das nossas narrativas e grafias sobre a África, e dos discursos fakes da Europa ao longo do processo de colonização, nos lembrando que ainda perdura a colonialidade do ser, do saber e do poder.

¹⁹ No componente Relações Raciais e Étnicas-Perspectivas de Comparação Internacional com a Professora Cristiane e Professor Márcio André.

²⁰ E com o Professor Rafael Sanzio, em África e Ciências Humanas-Matrizes Africanas no Território Brasileiro.

²¹ No Tirocínio que fiz no componente Laboratório de Saberes e Relação Étnico Racial, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, onde fui acolhido carinhosamente pela Professora Ana Cláudia e estudantes Africanos, Africanas e Quilombolas. E também com o Professor Nicolau Parés, Antropologia Afro-Americana, que me foi indicado pela Professora Cristiane.

socioculturais, econômicas políticas e religiosas das Irmandades Negras Católicas no Brasil, entre os períodos colonial, imperial e republicano.

Citaremos alguns que trouxeram informações importantes e que ainda não tinha acessado. Digo importantes, pois os textos lidos trazem uma linha em comum e que me fez encontrar a possibilidade de um caminho a seguir nessa jornada de contribuir com algo a mais com minha pesquisa e que evidencie a valorização para a comunidade negra dessas organizações religiosas, sobretudo a Irmandade dos Homens Pretos do Pelourinho, Cidade de Salvador, Bahia. Assim, identifiquei que em comum, de todos os materiais que fiz as leituras, estes apresentam o contexto institucional das irmandades, seja na sua organização interna como das suas relações com as demais instâncias da sociedade onde estavam inseridas.

Nos próximos parágrafos apresento algumas contribuições apresentadas por autores e autoras presentes em suas obras que evidenciam pontos que desenvolvo em minha reflexão ao longo da dissertação, especialmente sobre o caminho que escolhi em fazer um estudo etnográfico da Irmandade dos Homens Pretos, levantando as relações humanas (de onde vem, idade, tempo de irmandade, composição familiar e atividade profissional, vivências e experiências) constituídas entre seus integrantes e destes com a organização religiosa, a partir de suas festas, suas celebrações, suas atividades culturais, sociais e participações políticas, sejam no âmbito da igreja católica e na relação com outras igrejas cristãs ou no diálogo inter- religioso; sejam nas relações com os poderes públicos, organizações sociais e movimentos negros organizados.

A dissertação de Sara Farias Oliveira (1997) traz uma narrativa no século XIX da estrutura institucional da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, apresentando a organização, os documentos, a relação entre os irmãos e irmãs, as disputas de poder e os conflitos entre seus membros, a igreja, os capelães; as festas, os funerais a partir de inventários, cartas, compromissos acessados em diversos arquivos, inclusive o da Irmandade. No texto apresenta-se a importância das irmandades católicas para a organização negra em Salvador.

Lucilene Reginaldo (2005), na dissertação “Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista”, chama a atenção para as dificuldades ao longo da história de acesso aos documentos das Irmandades com raras exceções, a exemplo da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho em Salvador. Ela faz um estudo documental a partir do arquivo da irmandade por meio de atas das reuniões ordinárias e extraordinárias, do livro de assentos das entradas de irmãos e irmãs,

livro para o lançamento das eleições, outro para inventário dos bens e, finalmente, um livro de receita e despesa, além de cartas enviadas e recebidas de autoridades civis e eclesiásticas.

A professora Anália Santana (2013), irmã do Rosário dos Pretos, na sua dissertação intitulada a “Participação política das mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1969-2001)”, é um dos poucos trabalhos, que tive acesso, que estuda o período contemporâneo da Irmandade, ou seja, a partir da metade do século XX ao início do século XXI. Este trabalho evidenciou a dificuldade, limitações e os conflitos de gênero no ambiente da Irmandade dos Homens Pretos no Pelourinho. A partir dos documentos da Irmandade, compromissos e entrevistas, traz a luz os embates promovidos pelas irmãs do Rosário na construção de um espaço igualitário e de participação nas decisões da organização, que se iniciou a partir da Mesa de Honra - onde destinava-se às tarefas mais domésticas, festivas e de arrecadação de recursos - até chegar a Mesa Administrativa, destinada aos homens da Irmandade e que tinham voz e voto e geriam a organização religiosa. Este processo ocorreu em 2001, com a atualização do compromisso e que encerra as atividades da Mesa de Honra e as irmãs podem agora ser eleitas para qualquer cargo e ter voz e voto na Mesa Administrativa.

A professora e pesquisadora Ana Rita Reis de Almeida (2013) traz na sua dissertação “A Igreja do Rosário dos Pretos, no Pelourinho. Arte, Memória e Religiosidade: uma análise informacional do teto da nave central”, apresenta-nos a constituição artística da igreja do Rosário, com suas características da arte sacra com estilos barroco, neoclássico e rococó. Nos apresenta ainda os artistas, pintores e escultores, do início século XVIII ao fim do século XIX, que trabalharam na edificação da igreja do Rosário. Também nos revela a história e as devoções aos Santos e Santas da Irmandade, além de nos contar um pouco da força da identidade e religiosidade afrocatólica de fieis, devotos, devotas e integrantes da irmandade.

Na dissertação “Pelas contas do Rosário: cidadania na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho no pós-abolição (Salvador, 1888-1930)”, da pesquisadora Mariana de Mesquita Santos (2015), encontrei o primeiro estudo do início do século XX sobre a Irmandade do Rosário do Pelourinho. Relata a história mais recente da Irmandade e sua atuação como instrumento de representatividade da comunidade negra em Salvador e seu engajamento no campo de debates políticos e socioeconômicos durante aquele período estudado. A autora revela também a redução das atividades de muitas irmandades a partir da metade do século XIX, e que isso indica a diminuição de estudos sobre essas organizações. A Irmandade do Rosário é uma exceção, pois ainda permanece atuando em diversos campos da sociedade, buscando garantir as conquistas legadas pelos

antepassados, mas buscando avançar em pautas contemporâneas para a população negra de Salvador, da Bahia e do Brasil, pois cita na sua dissertação o encontro e criação da Rede de Irmandades Negras Católicas em 2017, sob coordenação da Irmandade de Salvador.

O trabalho de pesquisa de Stela Oliveira (2020) analisa a Irmandade do Rosário do Pelourinho como um espaço de quilombismo, que se constitui como território de resistência ancestral e cultural, promovendo a representatividade negra, transformações sociais e fortalecimento de uma identidade negra afro diaspórica

Diante dessas leituras, me deparei com a necessidade de trazer para a pesquisa cada vez mais a dinâmica da vida das pessoas que se conectaram com a Irmandade neste espaço sagrado, mas também de sociabilidade, de construção de relações socioculturais, políticas, econômicas e religiosas em processos de deslocamentos, de encontros e desencontros, que marcam as vidas de integrantes da organização religiosa e que fundam alicerces de perenidade da própria Irmandade. Quem são essas pessoas? De onde vêm e quais suas motivações, suas relações com religiosidade afro-brasileira? Quem os levou e quais seus aprendizados e legados para a Irmandade? Quais as narrativas, memórias não escritas, não ditas e que estão contidas nas suas subjetividades?!

Para responder a essas perguntas e construir a escrita que pudesse alcançar os objetivos elencados para o projeto de dissertação, as sugestões recebidas e que respondessem às diversas perguntas elaboradas para o campo, a metodologia escolhida foi a etnografia, perpassando por diversas etapas no processo de identificação e caracterização das fontes, documentos, interlocutores e interlocutoras, com entrevistas semiestruturadas e dialógicas que possibilitaram alcançar, também, as narrativas e memórias orais daquilo que não está escrito.

A etnografia, como metodologia escolhida, se fez pertinente diante dos aspectos que tento identificar no objeto estudado. Pois conforme identifiquei nas leituras, sendo meu mestrado de um programa interdisciplinar, o desejo dessa pesquisa é trazer algo novo sobre a Irmandade do Rosário, sendo esse um aspecto importante da interdisciplinaridade, ou seja, mais do que o diálogo entre disciplinas, é a apresentação nesse processo dialógico de um novo paradigma para as ciências sociais.

Nesta pesquisa, atuei como participante observador, pois sou membro da irmandade. Há, então, condições positivas e negativas postas diante das relações constituídas com a instituição, seus integrantes, lugar de fala, espaços acessados no âmbito das estruturas administrativa e de poder, conflitos e questões subjetivas envolvidas em diversos momentos da minha trajetória na organização religiosa.

A escrita deverá conter aspectos que podem ser revelados durante as escutas, as observações, as consultas documentais, com informações, que muitas vezes estejam diametralmente opostas aos registros realizados em diversos momentos da história da irmandade. A centralidade da escrita deve-lhe ser conferida, mesmo que surjam situações complexas, problemáticas e que ressaltem conflitos até então subjacentes e circunscritos intramuros. A etnografia, ou melhor, o etnógrafo terá que revisar e revisitar seus textos constantemente, do rascunho ao documento pronto, considerando até que ponto devem ser ou não apresentados os conflitos, as mazelas, distorções e situações que tragam prejuízos com a publicação destes conteúdos. Precisamos partir do princípio de que a nossa escrita deve se basear pela ética e compromisso com a verdade, contudo não se valendo da confiança e da facilidade de acesso a assuntos restritos, utilizá-los e trazê-los à tona indistinta e indiscretamente. A etnografia faz o percurso do cotidiano, codificando e decodificando as relações sociais, das formas de poder estabelecidas, do que está mais escondido, do que subjaz em cada pessoa ou instituição; descreve processos de grupos, indivíduos, coletivos, contextos e territórios, nos diversos campos do saber e nas diversas matizes da sociedade, com suas dinâmicas, criatividade e inovações; revelando, analisando e criticando o que está implícito ou explícito no fazer da pesquisa. Nesse aspecto a etnografia pode se apresentar de forma contextual, retórica, institucional, política e historicamente.

Como participante observador, e diante da experiência de ouvir que, em diversos momentos nas organizações da sociedade civil e na própria irmandade, pesquisadores não retornam com resultados do que foi produzido com a pesquisa, entendo a importância de que este trabalho não é mais meu, e sim de todas as pessoas que contribuíram com essas jornadas, escrita e percepções de vida. Mesmo sendo de dentro, “etnógrafo nativo”, não estou falando “por e deles”, mas tentando que falem por si mesmos e que sejam revelados o que foram e estão sendo construídos nas relações do eu-outro-irmandade do Rosário dos Pretos e das Pretas. Penso que me aproximei da etnometodologia, que visa trazer sociológica e antropologicamente o cotidiano das práticas e das relações socioculturais, religiosas e políticas da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos.

Assim, procedemos à identificação de fontes seus respectivos documentos, tais como livros de atas, registros de presença em eventos e atividades da Irmandade, grupos e comissões existentes, material impresso de celebrações, jornais, revistas, redes sociais, fotos, vídeos e documentos digitais. Essas informações podem orientar, registrar e indicar as ações políticas, sociais, culturais e religiosas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Com a execução do Projeto de Digitalização da documentação existente no acervo da irmandade, por meio da Lei Aldir Blanc, em parceria com Estado da Bahia, conseguimos acessar com facilidade muitos dos documentos antigos, a exemplo de compromisso (estatuto da irmandade), atas, fotos etc., no período entre os séculos XIX e XX. E, ainda, tem outra parte não digitalizada, cujos arquivos estão localizados no andar superior da igreja, na sala nominada de São Benedito, onde, recentemente, no dia 15 de julho de 2023, inauguramos a biblioteca do Rosário.

Acessamos, também, ao Jornal Voz do Rosário, informativo criado pela Mesa Administrativa 2011/2014, com o objetivo de levar a comunidade rosariana e mais além, uma síntese das atividades desenvolvidas pela Venerável Ordem Terceira, com uma visão especial às causas do povo preto. Foram 14 edições, com tiragem de 1.000 exemplares por edição, não sendo pré-determinada uma data para a edição e circulação do informativo. São abordados em todas as edições, os Santos Negros e Santas Negras, que, infelizmente tem pouca visibilidade entre os católicos, sendo desconhecidos inclusive, por grande parte da comunidade negra católica, não existindo nas autoridades eclesiais, o real interesse na divulgação. O Informativo deixou de circular no primeiro momento, por questões financeiras - algumas edições foram patrocinadas por irmãos e irmãs ou fieis -, posteriormente, houve uma desmobilização da equipe de trabalho que era composta por poucos irmãos, que, na cara e coragem, faziam o Informativo acontecer.

O projeto Gestão Arquivista do Acervo da Irmandade dos Homens Pretos promoveu a digitalização de diversos documentos da Irmandade, por meio do Edital 01/2020, do Estado da Bahia, premiado com Lei Aldir Blanc. Isto facilitou o acesso a identificação de compromissos, assim como projetos e emendas de suas atualizações nos períodos de 1769,1781,1820,1849,1872,1899,1900,1945,1966, localizados nas caixas (CX01DC01, CX01DC02, CX01DC03, CX01DC04, CX01DC05, CX01DC06, CX01DC07, CX01DC08)(Imagem 1), que trazem a estruturação e composição da Irmandade, com artigos que garantem o funcionamento da organização religiosa, procedimentos entre os irmãos e as irmãs, e relacionamentos com a igreja católica do Brasil e a Santa Sé.

Acessamos livros de correspondências diversas do período de 1950 a 1980 (CX031DC10), livros de Atas dos períodos de 1970 a 1979 (CX06DC2, CX06DC3, CX06DC4A, CX06DC4B, CX06DC4C, CX06DC4D, CX06DC4E, CX06DC4F) (Imagem 2), listagem de documentos das eleições de 1970, 1975,1976,1978 e 1981(CX09DC6G, CX09DC6H, CX09DC6I, CX09DC6J, CX09DC6L) (Imagem 3).

Quadro 1 – Mapa para acessar os arquivos digitalizados da Irmandade



**IRMANDADE DOS HOMENS PRETOS
MAPA DE ARQUIVO**

NATUREZA DOCUMENTO	CODIGO	TITULO DA OBRA	ÉPOCA
ESTATUTOS / REGIMENTOS	CX01DC01	COMPROMISSO DA IRMANDADE DE N. S. DO ROSARIO DOS HOMENS PRETOS - ORDENADO NO ANO DE 1769 APROVADO 1781	1820
ESTATUTOS / REGIMENTOS	CX01DC02	PROJETO DE COMPROMISSO PARA IRMANDADE DE N. S. DO ROSARIO DA CORPORACÃO DOS HOMENS DE CÔR PRETA	1872
ESTATUTOS / REGIMENTOS	CX01DC03	COMPROMISSO DA VENERAVEL ORDEM 3ª DE NOSSA SENHORA DAS PORTAS DO CARMO	1900
ESTATUTOS / REGIMENTOS	CX01DC04	PROJETO DE REFORMA COMPROMISSO DA VENERAVEL ORDEM 3ª DE NOSSA SENHORA DAS PORTAS DO CARMO - APROVADO EM 12 DE AGOSTO DE 1945	1945
ESTATUTOS / REGIMENTOS	CX01DC05	COMPROMISSO DA VENERAVEL ORDEM 3ª DE NOSSA SENHORA DAS PORTAS DO CARMO (cópia)	1899
ESTATUTOS / REGIMENTOS	CX01DC06	CERTIDÃO PASSADA A PEDIDO DA VENERAVEL ORDEM 3ª DE NOSSA SENHORA AS PORTAS DO CARMO DA REFORMA DE SEU COMPROMISSO FEITO EM 1849 (Registro Civil das Pessoas Jurídicas nesta Comarca)	1849
ESTATUTOS / REGIMENTOS	CX01DC07	EMENDA PARA REFORMA DO ANTE PROJETO DO COMPROMISSO DA VENERAVEL ORDEM 3ª DE NOSSA SENHORA DAS PORTAS DO CARMO - 1966	1966
ESTATUTOS / REGIMENTOS	CX01DC08	COMPROMISSO DA VENERAVEL ORDEM 3ª DE NOSSA SENHORA DAS PORTAS DO CARMO (parte)	SEM DATA

Fonte. Arquivo da Irmandade, 2023.

Quadro 2 – Mapa para acessar os arquivos digitalizados da Irmandade



**IRMANDADE DOS HOMENS PRETOS
MAPA DE ARQUIVO**

EXPEDIENTE	CX06DC2	LIVRO DE ATAS DE 1959 À 1974	1959 À 1974
EXPEDIENTE	CX06DC3	LIVRO DE ATAS DE ELEIÇÕES 1950 À 1979	1950 À 1979
EXPEDIENTE	CX06DC4	ATA DA SESSÃO DA DEVOÇÃO DE STO. ANTONIO DE CATIGERÓ - 1973	1973
EXPEDIENTE	CX06DC4A	ATA DA SESSÃO EXTRAORDINARIA DA MESA - SETEMBRO 1974	1974
EXPEDIENTE	CX06DC4B	ATA REUNIÃO DE ASSEMBLÉIA - FESTA DA PADROEIRA N. SRA ROSÁRIO - SETEMBRO 1975	1975
EXPEDIENTE	CX06DC4C	ATAS DAS REUNIÕES DE 1º E 2 AGOSTO 1976	1976
EXPEDIENTE	CX06DC4D	ATA DA REUNIÃO DA CONFRARIA DE N. S. DO RÔSARIO DE JOÃO PEREIRA EM 26 DE FEVEREIRO 1978	1978
EXPEDIENTE	CX06DC4E	ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINARIA EM 23 DE AGOSTO 1979	1979
EXPEDIENTE	CX06DC4F	ATA REUNIÃO NA SEDE DA SOCIEDADE MONTE PÍO EM 21 OUTUBRO 1979	1979

Fonte: Arquivo da Irmandade, 2023.

Quadro 3 – Mapa para acessar os arquivos digitalizados da Irmandade



IRMANDADE DOS HOMENS PRETOS MAPA DE ARQUIVO

EXPEDIENTE	CX09DC6G	ELEIÇÃO DA MESA ADMINISTRATIVA - LISTA DOS NOMES - 1970	1970
EXPEDIENTE	CX09DC6H	ELEIÇÃO DA MESA ADMINISTRATIVA - REELEIÇÃO CHAPA AMOR E GLORIA - PANFLETOS - LISTA DOS NOMES - 1975 Á 1977	1975 Á 1977
EXPEDIENTE	CX09DC6I	ELEIÇÃO DA MESA ADMINISTRATIVA - LISTA DOS NOMES E PANFLETOS - 1976 Á 1978	1976 Á 1978
EXPEDIENTE	CX09DC6J	ELEIÇÃO DA MESA ADMINISTRATIVA - LISTA DOS NOMES PANFLETOS - 1978 Á 1980	1978 Á 1980
EXPEDIENTE	CX09DC6L	ELEIÇÃO DA MESA ADMINISTRATIVA - LISTA DOS NOMES PANFLETOS - 1981 Á 1984	1981 Á 1984

Fonte: Arquivo da Irmandade, 2023.

Em seguida, selecionamos irmãos e irmãs, segundo alguns critérios. Consideramos aspectos relacionados à participação na elaboração do “compromisso”; aspectos relacionados ao tempo na Irmandade, no caso, os associados há mais de sete anos; aspectos relacionados à frequência, nas atividades da casa, por exemplo, ser ou haver sido integrante de grupos temporários ou permanentes, de integrar ou ter integrado devoções existentes (Santa Bárbara, Santo Antônio de Categeró e São Benedito), assim como ser ou ter sido membro da Mesa Administrativa da Ordem.

Com essas entrevistas, levantamos os fatos e as histórias de vida e do cotidiano, tanto dos integrantes da Irmandade quanto da comunidade rosariana. Como esses irmãos e irmãs chegaram à Igreja do Rosário, como suas vidas se cruzaram, quem os levou, ou como foram introduzidos na organização religiosa. Se tinham familiares, amigos e amigas, como se sentiram e como se sentem ainda hoje, após tanto tempo. Essas entrevistas foram acordadas e todas as pessoas assinaram um termo de permissão de utilização de suas falas e imagens.

Iniciamos a pesquisa de campo no dia 24 de maio de 2023, com Antônio Lima Nicanor. 74, nasceu em Salvador, Bahia, terceiro grau, representante comercial, estado civil, solteiro, solteiro, 2 filhas, morador na Rua Renato Sigurado, nº 2, apartamento 101, Pernambués.

Nos encontramos no segundo andar da Igreja, onde fica a sala da Mesa Administrativa, espaço que era muito reservado ao acesso, mesmos noviços e noviças só se fossem autorizados. Neste andar ficam o coro²², a biblioteca, a sala de São Benedito, que serve para encontros e reuniões; e atualmente, no corredor desse ambiente, são expostas

²² Conjunto de pessoas que cantam trecho musical em uníssono ou em várias vozes; coral.

fotografias de festas, de irmãos e irmãs e hábitos utilizados pela Irmandade e Devoções. Eu e o irmão Nicanor, antigo militante do MNU e membro do bloco afro Ilê Aiyê e do projeto Axé, nos sentamos numa mesa em frente a porta da sala de reunião da Mesa Administrativa e iniciamos a nossa entrevista, que trouxe, pouco mais de 1h20 min, reflexões importantes, dentre elas que a irmandade é espaço de educação, de transformação social e de conflitos dolorosos. “Eu conheci a irmandade, eu nasci no Santo Antônio, no bairro do Santo Antônio. E o Santo Antônio é próximo ao Pelourinho. E eu adorava ver a procissão do Senhor Morto”. Segundo O irmão Nicanor ainda:

A irmandade naquele tempo não é isso de hoje. As irmandades, elas eram imponentes. As pessoas faziam questão, se orgulhavam de fazer parte das irmandades tanto do Carmo, como Trindade, Conceição da praia. E o próprio Rosário, a de São Domingos e eu gostava da procissão do Senhor Morto. Eu gostava muito de ver. E a irmandade do Rosário me chamava a atenção. Eu tinha uma atenção especial pelo Rosário.

No dia 14 de junho, me reuni com o Irmão Almir, coordenador da Pastoral Afro, atualmente. O irmão Almir Santos Menezes, apelido Almir brasa, 64 anos, nasceu em Salvador, Professor de História, Teólogo pós-graduado em metodologia do ensino superior, casado, tem 2 filhos, mora em Cajazeira X. Coordenador e Articulador da Pastoral Afro. Participou do MNU, na década de 80, com o grupo Gênese e da Unegro (2015). Nossa conversa foi na sede do Centro Arquidiocesano de Articulação da Pastoral Afro de Salvador - CAAPA, no Pelourinho, próximo aos Filhos de Gandhi. O espaço é utilizado para diversas formações, encontros e articulações não só da igreja, mas também de diversos movimentos sociais e culturais que queiram utilizar a sede. Nos reunimos na secretaria, em meio a diversos livros sobre a igreja, movimento negro e revistas.

Ao longo da entrevista, fomos levados às memórias dos antepassados, levando-nos a fortes emoções e lágrimas. Segundo Irmão Almir:

Fui convidado por uma amiga, que já era Irmã do Rosário e da Mesa Administrativa, Sandra Bispo. É, eu comecei a frequentar. Eles chamavam de namoro, não é? Um ano, um ano e meio, quase 2 anos namorando e depois os Irmãos me apresentam uma devoção. A devoção de Santo Antônio de Categeró. Depois eu fiquei em observação pela minha participação dentro da Irmandade. Entrando no noviciado, então levei mais 1 ano e pouco, quase 2 anos.

No mesmo andar, que me reuni com o Irmão Nicanor, entrevistei Nilsa Bomfim Dias, no dia 30 de junho. Uma das nossas mais velhas e referência de compromisso e

determinação. Para ela educação é a chave da virada. Busca estudar sobre diversos temas e participa de inúmeros eventos e atividades aqui ou fora do país, aos 89 anos de idade. Durante a entrevista, sempre repetia que temos que fundamentar o que acreditamos e não ficarmos no achismo, por isso a busca do conhecimento deve ser permanente. Nilsa Bonfim Dias, conhecida por todos por Miso, 89 anos, nasceu na Rua Daniel Lisboa, 123, em Brotas e foi imediatamente morar na Liberdade, na rua Vicentina, 4, Lapinha. Superior completo, é Professora aposentada, viúva, teve um filho e adotou 4. Perguntei-lhe como chegou à irmandade e ela respondeu:

Através de pessoas que frequentavam o mesmo centro de convivência de idosos que eu frequentava. Num dia, uma das que frequentou o centro de idosos que eu era presidente, ela entrou nesse centro e também no centro do Serviço Social do Comércio - SESC, do Serviço Social Indústria - SESI e da Polícia Militar. Desses centros, tinham irmãs. E pessoas que eram daqui que frequentavam. Maria Margarida foi para o centro onde eu era presidente. Há muito tempo eu venho participando de movimentos na sala de aula, promovendo movimentos em favor das crianças negras dos desassistidos, trabalhando na periferia da cidade como professora, como no interior de Cachoeira e de São Félix. Pois fui ser professora, primeiro, nessas cidades.

No dia 12 de julho, utilizei o mesmo espaço para entrevistar Adilma. Na igreja, esse é o lugar mais silencioso e facilitava a gravação. O ambiente mais reservado, sem o entra e sai de turistas ou de irmãs e irmãos. Nome completo: Adilma Sacramento de Souza. A família a chama de neném. Na Irmandade chamam de Dilma. Tem 69 anos, nasceu na maternidade Climério de Oliveira, no bairro de Nazaré, em pleno Carnaval, morou no Pero Vaz e hoje mora em Cajazeiras. Soteropolitano, Professora de primeiro grau. Falta concluir o curso de Psicologia. Solteira e não é mãe.

Adilma trouxe a irmandade como o acontecimento que mudou sua percepção sobre sua identidade. Passou a se reconhecer como mulher negra, bonita e orgulhosa pela cor da sua pele ao se ver em outras tantas pessoas como ela nas celebrações. Para ela, existe uma Adilma antes e outra depois do ingresso na Irmandade.

Ela nos relatou como conheceu a Irmandade:

Bom, a irmandade eu conheci através de uma amiga, que já faleceu, Maria Aparecida. Eu frequentava, sempre lá na Igreja São Francisco, lá em cima, que tinha todas as terças. Acho que ainda tem todas as terças. Ali era assim, um ponto de encontro com meus amigos na Igreja de São Francisco. Aí a colega me disse: A Dilma, vamos lá na igreja do Rosário. Eu vi um dia, e a missa me surpreendeu. Porque realmente a missa daqui não é comum, como as outras, não é? Aí eu me assustei. Fiquei assim, olhando aquela alegria, todo mundo

cantando, batendo palmas e tal. Pronto. Aí eu comecei a frequentar aqui. Encontrei uma amiga minha de muitos anos, Gal (Maria das Graças Ramos). Ela é minha amiga de mocidade, de juventude. A gente saía no Ilê Aiyê, sempre juntas. E aqui fiquei, fui ficando, conhecia um, conhecia outra, me apresentava a uma, me apresentava a outro e a igreja foi toda entrando no meu coração, nossa senhora do Rosário foi abrindo o meu coração e eu não fui mais para São Francisco.

Logo em seguida, 8 dias depois, no dia 20 de julho, me reuni com Crispim Santos. Dessa vez, ficamos no espaço térreo, no corredor lateral interno, que é de acesso aos irmãos e irmãos e restrito aos visitantes, a não ser autorizados. Ficam a sala do Prior, da Secretaria e da Tesouraria. Na interlocução com Crispim, algo me chamou atenção, pois até aquele momento, todas as pessoas entrevistadas foram indicadas para ingressar na Irmandade. Ele foi chamado pela própria casa rosariana, pois ao passar na porta da igreja, encontrava-se em uma dificuldade pessoal, adentrou na missa e assim passou a conhecer a igreja e retornou outras vezes até receber o convite formal.

Crispim José dos Santos. Gosta de ser chamado de Crispim Santos. Idade é 75, nasceu na cidade de Salvador, no bairro do pau miúdo, aos 5 de julho de 1948. Tem segundo grau, servidor público municipal aposentado. Solteiro sem filhos. Continua morando no mesmo lugar que nasceu, rua Eufrosina Miranda, número 16, Pau Miúdo. E trouxe suas memórias de ingresso, como podemos ver no trecho que segue em destaque.

É muito interessante a minha história, porque eu pra falar a verdade, eu não conhecia a irmandade, não conhecia, entrei na irmandade. Eu como é que eu, pessoalmente, em um sufoco, né, que num governo que estava demitindo, demitindo muita gente. Então eu descendo aqui no Pelourinho, uma terça- feira, terça-feira da benção. Aí eu vi uma homilia do Padre, Padre Alfredo. E estava sem coincidindo muito com a minha pessoa, né? Eu fui para casa. Aí, semanas depois, aí teve um debate aqui com os candidatos negros. E eu estava apoiando um candidato lá da comunidade. Ele veio, foi convidado naquela época, e aí eu vim assistir, entendeu? Então, na segunda-feira, por coincidência, quando eu estava a subir eu entrei, né, pra rezar? Já estava assim, como é que se diz, com o coração e a cabeça voltados para essa casa. Aí encontrei um irmão antigo, seu Júlio, finado Júlio. Aí conversei com ele assim, rapidinho. Ele disse, meu filho, e aí, quer entrar para a irmandade, assim mesmo? Eu disse, quero. Ele me deu uma proposta e assim, eu assinei a proposta aqui mesmo. E subir para casa. Então, daí quando foi depois passou um mês mais ou menos, um mês a 2 meses, eu recebi uma cartinha, naquela época a gente recebia uma cartinha em casa, me chamando para eu ser noviço. Nem sabia o que era noviço... Aí tinha um irmão aqui que ele era, é o chefe de noviço, Albérico, aí me chamou. Conversou comigo, mas agora eu não estou pronto, não me sinto à vontade. Então se passou, já no próximo ano, eu aí, né, recebi a cartinha em casa de novo. Foi a irmã

Valquíria, que está aí até hoje. Esse ano eu vou até mudar, e aí novicieei. No outro ano recebi o grau.

No mês de agosto, onde se comemora as vocações na igreja, a revolta de búzios e faz-se memória a ancestralidade, no dia 14 de agosto, entrevistei Rosinha. Ficamos no mesmo local, utilizado com Crispim, pois ela estava com dificuldade de locomoção para ir ao andar de cima, onde fiz as primeiras entrevistas. É uma das nossas mais velhas. Sua entrevista foi marcada pela preocupação com a perda das tradições da Irmandade e as constantes mudanças com narrativas de modernidade.

Maria Rosa dos Santos, 84 anos, nasceu em São Felipe. Interior da Bahia, mas foi criada em Salvador, desde os 7 anos de idade. Primeiro grau completo, foi doméstica e hoje está aposentada. Solteira, tenha um filho adotivo. E viver com Jean e Ariane que foram do Projeto Semente do Rosário. Mora na Estrada Velha do Aeroporto, Jardim Esperança, rua Simone Barradas, caminho 5, casa 3. A Irmã Rosinha narrou sobre o momento em que chegou na Irmandade, porém deixando evidente que suas visitas a Irmandade vinha a décadas.

Eu cheguei aqui na irmandade, por meio da finada irmã Abigail, eu era afilhada de batismo. Era irmã veterana que ficava, venha, venha, venha, vai, não vai, vai, não vai. Nesse tempo ainda eu trabalhava. Aí, quando me aposentei, vim para aqui, aí estava aqui ajudando ela, fazia as coisas que ela precisava, uma toalha passada, lavar uma roupa. Aí eu entrei na irmandade em 7/11/1979. Mas eu comecei a visitar desde os 20 anos de idade, acompanhando Abigail, que era minha madrinha.

Nessa mesma semana, dia 16 de agosto, foi a entrevista com Cosma Pereira de Miranda. Fizemos na sala do Priorado. Ela é a vice-priora. A sala fica no final do corredor, com grades de ferro antigas. A direita fica uma passagem para dentro da igreja, espaço de celebração, e a esquerda no corredor tem uma grande janela que se avista o final da ladeira do pelourinho e a subida para o Carmo, atravessadas pela rua que dará no Taboão, a esquerda, e a direita, a rua da baixa dos sapateiros. Dessa janela da igreja, se vê de frente a Casa do Benin. Nessa interlocução com Cosma, ficou marcada a sua angústia diante da perda de compromisso com a irmandade por diversos integrantes e do aumento de interesses mais pessoais, utilizando-se do capital social da irmandade.

Cosma Pereira de Miranda, apelido coisinha. Idade 73 anos, soteropolitana, nascida na Liberdade, no largo do Japão, nasceu em casa. Superior completo. Professora de Geografia. Solteira. Atualmente, mora em Itapuã, na rua da ilha, 488, condomínio Mar de Itapuã. A irmã Cosma chegou à Irmandade em 1995. Sobre esse momento ela lembra que

foi para fazer uma atividade para a irmã e acabou se noviciando em 1996. Pois como disse: “quem foi convidada para a irmandade foi minha irmã Damiana, que ainda aguarda a proposta até hoje. Como morava fora do Brasil, ela pediu pra eu vim fazer uma atividade aqui e aqui eu estou até hoje”.

Encontrei-me no dia 24 de agosto com Ubirajara Santa Rosa ou Bira. Realizamos no corredor lateral, o mesmo já descrito aqui. Ubirajara, assim como o Crispim, foi chamado a casa. Em seu trabalho militar, no pelourinho, adentrou a igreja e a partir desse momento não mais saiu. Nos falou que desse encontro foi-se moldando uma nova realidade em sua caminhada de fé e religiosidade. Ubirajara Santa Rosa. Nascido em 2/07/1958. Bira na Irmandade, e o orukó²³, na religião de matriz africana é Igisile (filho de Obaluaiê), na categoria dia Azoany. Tem 66 anos, Soteropolitano, nascido na Rua Três de Maio. Segundo grau completo, policial militar reformado. Casado há 36 anos, não tem filhos. Mora em Camaçari, na rua estrada 23, número 21, Jardim Limoeiro.

O que o irmão Bira traz em suas memórias sobre sua chegada na Irmandade, revela seu envolvimento com o Centro Histórico no exercício do trabalho, conforme destacamos no trecho a seguir.

Rapaz, é uma brincadeira. A irmandade entra na minha vida, foi eu trabalhando aqui, na operação centro histórico da polícia militar em 1993. E nessa operação, cada por cada unidade, os interessados vinham tirar um serviço aqui por quando estava se revitalizando o centro turístico de Salvador. Aí foi que eu comecei trabalhar aqui. Trabalhava uma noite. Pegava das 6 da noite às 23h. E no outro dia, eu pegava 23h às 7h, folgava 2 dias. Aí foi quando comecei a me aproximar da Irmandade. Foi quando eu me apaixono por ela, pela história, pelos séculos, pelo conhecimento. Também tinha um padrinho que sabia que tinha, mas não conhecia, que era irmão daqui. O Irmão Albérico Paiva Ferreira. Segundo ele, foi padrinho de batismo. Ele conhecia minha família e eu não sabia. Eu tô conversando aqui sentado, ali onde hoje essa menina tem o bar, mas era da mãe dela. Trabalhando de noite, conversando, ele disse: você é filho de um marceneiro, que tinha oficina na rua Newton, na Barroquinha, entre em frente à igreja da Barroquinha. Ai, ele me identificou, você acredita? Perguntou meu nome, eu disse é Bira, Ubirajara. Então ele disse que batizou um desses meninos gêmeos. Aí com essa conversa ele chegou à conclusão, que era meu padrinho.

Fiz entrevista com o irmão Júlio na Associação Protetora dos Desvalidos (SPD). Tínhamos uma reunião lá, de irmãos e irmãs do Rosário para deliberar sobre a ação que queremos mover para a impugnação da assembleia e do processo eleitoral que vem se

²³ Orunko, ou Orúkọ em iorubá, é uma cerimônia religiosa e um nome próprio.

arrastando por mais de um ano. Ficamos no segundo andar, próximos a janela que dá para o terreiro de Jesus. A SPD ficou durante 20 anos instalada na Irmandade do Rosário, antes de ir para o atual prédio. Júlio César Soares, 58 anos, nasceu em Salvador, no bairro de Pero Vaz, na Liberdade. Superior completo, Professor, casado tem 1 filho e 1 filha, Lucas Silva e Maria Laura Carvalho Soares. Mora na caixa d'água. Entrou na irmandade em 1991. Perguntei como foi o seu encontro com a Irmandade e ele relatou que:

Primeiro fui a convite. No caso eu fazia parte de grupo e de lá nós começamos um movimento né trabalhar o movimento de ação própria paróquia São José operário lá em Pernambués e de lá surgiu um grupo chamado polêmica negra. A maioria dos jovens era católico, onde nesse grupo jovem conheci o padre Heitor, padre italiano que me convidou a participar de um grupo chamado ginga no centro histórico que se reunia no convento de São Francisco. Então conheci o irmão Alberico Paiva com outros irmãos que faziam parte desse grupo Ginga, a exemplo da atual Mestra de noviças e noviços, Irmã Glória. Nós fizemos muita amizade com o Irmão Albérico né e também conhecemos Irmã Maria das Graças Ramos (Gal) que começou mostrar um universo onde o negro participava dentro da igreja católica. Com esses encontros com irmão Alberico e que era muito próximo da igreja do

Rosário dos Pretos e seus antepassados já tinham, fizeram parte da irmandade e ele estava sendo convidado a entrar na irmandade do Rosário, ele começou a incentivar Maria das Graças e eu para participarmos, e assim aconteceu. Ele falou que tinha muitas pessoas que estavam idosas e que precisavam de jovens para participar e realizar com os mais velhos e mais velhos uma nova dinâmica na irmandade. Aí foi o meu primeiro contato com a irmandade do Rosário, passei um ano nesse namoro e aí logo após o irmão Albérico entrar como noviço, no ano seguinte entraram eu e a irmã Maria das Graças.

O irmão Júlio participou do grupo Ginga e criou o grupo Polêmica Negra.

Quadro do perfil dos interlocutores e interlocutoras

A seguir apresento o quadro com a descrição do perfil dos interlocutores e das interlocutoras da pesquisa. Para a realização e o uso dos relatos colhidos durante as entrevistas contamos com o consentimento das interlocutoras e interlocutores, conforme os termos de consentimento e participação na pesquisa e do compromisso de utilização dos dados (ver Anexos A e B). Antes da versão para a defesa ser encaminhada aos membros da banca, o trabalho foi apresentado aos interlocutores e interlocutoras como parte do compromisso ético e político estabelecido ao longo da pesquisa.

Quadro 4 –Perfil dos interlocutores e das interlocutoras da pesquisa²⁴

nº	Interlocutora(a)	Idade	Tempo na Irmandade	Formação/Profissão	Pertencimento Religioso
1	Antonio Lima Nicanor	75	19 anos	Economista e Bacharel em Direito	Católico. Não tem dupla pertença, contudo cuida de seu Orixá.
2	Almir Menezes	64	28 anos	Pós-graduado em metodologia do ensino superior	Dupla pertença
3	Nilsa Bomfim Dias	89	23 anos	Professora	Católica
4	Adilma de Sousa	69	15 anos	Professora	Católica
5	Crispim José	75	29 anos	Servidor Público	Dupla pertença
6	Maria Rosa dos Santos	84	35 anos	Foi doméstica	Dupla pertença
7	Cosma Miranda	73	27 anos	Professora	Católica. Foi suspensa recentemente para OYÁ
8	Ubirajara Santa Rosa	65	27 anos	Militar reformado	Dupla pertença
9	Júlio Cesar Soares	58	33 anos	Professor	Dupla pertença

Fonte: Composição feita por este autor, 2023.

Finalmente, organizamos os dados e as informações pesquisadas – analisando-as, revisando-as, transcrevendo-as, codificando-as, decodificando-as, corrigindo-as e sistematizando-as, atendendo ao processo teórico-metodológico do projeto de pesquisa, constituindo, assim, o arcabouço necessário para estruturação da relatoria e publicação sobre o objeto estudado.

Chegamos à estrutura da dissertação com seus capítulos e suas sinopses, que possibilitam a minha escrita. Assim a dissertação está estruturada em 3 capítulos, além desta introdução e mais as considerações finais. Na introdução está **A CHAVE QUE ABRIU A PORTA: DO NOVICIADO AO MESTRADO**. Nele faço um percurso dessa jornada, tendo sua gênese o noviciado, que foi o meu ingresso na Irmandade do Rosário dos Pretos, passando pelo retorno à vida acadêmica, após 8 anos de afastamento, como aluno especial do Pós-afro em 2018, que culminou como a minha inserção, em 2019, no grupo de pesquisa ITÀN - Poéticas da Imagem, Outras Grafias, Narrativas Insurgentes, que foi fundamental para minha aprovação em 2022.1 no Mestrado de Estudos Étnicos e Africanos com o projeto Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Salvador (1970 -2020) – Identidade, Religiosidade, Memórias e Narrativas. Neste caminho, indico os passos dados, sem mudanças no projeto original. Em seguida, apresento as produções acadêmicas

²⁴ Com o consentimento dos interlocutores e interlocutoras optamos por utilizar seus nomes verdadeiros, tendo em vista que um dos objetivos deste trabalho é revelar as trajetórias e vivências de sujeitos que fazem a Irmandade em seus propósitos enfrentando desafios e criando estratégias cotidianas para mantê-la viva.

pesquisadas sobre a temática, a metodologia escolhida, caracterização das fontes documentais verificadas, as atividades de campo e entrevistas realizadas. Por fim, apresento a organização dos capítulos da dissertação com um breve resumo do que trabalho em cada um deles.

No capítulo 1. **UMA GESTÃO TRISECULAR DE SUCESSO: DA COLÔNIA A CONTEMPORANEIDADE**, apresento e reflito sobre a estrutura organizativa da Irmandade, partindo da contemporaneidade - com o processo eleitoral para a Mesa Administrativa de triênio 2023-2026, que após 16 anos, ocorre uma disputa entre duas chapas – e revisitando o período colonial com a criação da Irmandade, em 1685, por negros e negras Congo/Angola. Apresentamos a Irmandade e seus fins, a construção do templo, sua elevação à categoria de Ordem Terceira, a estrutura organizacional, os órgãos estruturais, a composição de seus integrantes, dos Clérigos com provisão para a Igreja, as receitas, despesas, patrimônio e suas relações institucionais com diversos organismos dentro e fora da igreja.

Capítulo 2. **IDENTIDADE, RELIGIOSIDADE E FÉ NAS CELEBRAÇÕES DE SANTOS E SANTAS NA CASA ROSARIANA** fazemos uma peregrinação pelos ritos, liturgias e simbologias das festas e celebrações na Igreja do Rosário dos Pretos, que são momentos de fortalecimento da identidade negra, do pertencimento e da resistência da cultura afrodiaspórica aliado ao estreitamento dos laços da Irmandade e de irmãos e irmãs com as comunidades e as religiões afro-brasileiras. Contamos sobre devoções e grupos religiosos criados na Irmandade, santos e santas, calendários e preparações para as festas. Narramos o encontro das diversas manifestações religiosas e culturais, da elaboração e partilha da comida, dos roteiros das procissões e a força da fé de devotos e devotas aos seus oragos. Isso tudo nos remete a pensar que o encontro entre a matriz negra do cristianismo em África e a religião tradicional africana pode ser o esteio dessa religiosidade e identidade do Rosário dos Pretos.

Capítulo 3. **IGREJA, PASTORAL AFRO, IRMANDADE E MNU: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS NEGRAS DE REPARAÇÃO HISTÓRICA** busco refletir sobre diálogos e tensões entre as irmandades negras e os movimento negros, a partir das diversas correntes e suas construções teóricas sobre o reconhecimento de organizações religiosas negras como integrantes dos movimentos negros, do que seja sincretismo religioso, da utilização das manifestações da religiosidade afro-brasileira em celebrações católicas, assim como da manutenção das tradições ou não dos terreiros de celebrarem missas e ou ter processos que utilizam o espaço cristão católico como parte de ritos de iniciação. Para além disto, analisa-se o papel das irmandades como espaços de resistência do povo negro; a transmissão de valores ancestrais para descendentes da colonização

- que foram ressignificadas e atualizadas a novas dinâmicas da sociedade; - e como foi garantida a salvaguarda da cultura da negra por essas organizações religiosas cristãs e pela religiões afro-brasileiras, sendo esta última, entendida por alguns setores e participantes dos movimentos negros, como única promotora dessa resistência cultural.

Por fim, nas considerações finais, **TESSITURAS CONTINUADAS**. Neste capítulo tento organizar alguns pensamentos que são continuados e não findados nessa dissertação que ora me propus sistematizar ouvindo as narrativas, memórias e conhecimentos herdados e construídos ao longo das histórias vinculadas entre irmãos, irmãs da Irmandade do Rosário dos Pretos e das Pretas.

CAPÍTULO I. UMA GESTÃO TRISECULAR DE SUCESSO: DA COLÔNIA ACONTEMPORANEIDADE

Neste capítulo falamos sobre a estrutura organizativa da Irmandade. Apresentamos os compromissos, a Irmandade e seus fins, a construção do templo, sua elevação à categoria de Ordem Terceira, a estrutura organizacional, os órgãos estruturais, a composição de seus integrantes, dos Clérigos com provisão para a Igreja, as receitas, despesas, patrimônio e suas relações institucionais com diversos organismos dentro e fora da igreja.

Estudos apontam (OTT. C.1968; Santana, 2013) que, em 1604, homens e mulheres, povos escravizados de Angola, reuniam-se nos porões da Catedral da Sé. A partir daí, como forma de organização social e religiosidade, criaram a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Sua formalização, porém, data de 1685.

Por irmandade, entende-se uma associação, grupo ou confraria, que se baseia em doutrinas ou preceitos religiosos. Os termos irmandade, confraria e ordem denotam situações semelhantes, posto que consistiam em associações compostas por leigos, que visavam promover o culto a um santo devoto. Além das atividades religiosas que primavam na organização de procissões, de festas, e na coroação de reis e rainhas, essas instituições arcaram com obras assistenciais, em benefício de seus membros – ajudando os necessitados, prestando assistência na doença e na morte, visitando os prisioneiros, concedendo dotes, protegendo os escravos contra os maus-tratos de seus senhores e ajudando esses escravizados a obter a carta de alforria. Um verdadeiro reduto afro-cristão (Simoni, 2017).

A construção da Igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos teve início em 1704, e foram anos até a conclusão das obras. Quando edificada, tornou-se a representação da liberdade para a expressão da religiosidade. A partir de 2 de julho 1899, ao receber o título²⁵ de Ordem Terceira, da Santa Sé, por meio do Arcebispo da Bahia Dom Jerônimo Thomé da Silva, passou a se chamar Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo – Irmandade dos Homens Pretos. Esse título é a maior honraria dentro da hierarquia da Igreja Católica e a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos é a única instituição negra a possuí-la, tanto no Brasil quanto na América Latina. Segundo afirma a Irmã Nilsa²⁶,

Até hoje, a maior conquista é o título de Ordem Terceira, né? Porque foi uma luta para isso acontecer e com a Ordem Terceira você tem os privilégios de

²⁵ Exposto na Secretaria da Igreja.

²⁶ Nilsa Bonfim Dias, conhecida por todos como Miso, 89 anos, nasceu na Rua Daniel Lisboa, 123, em Brotas e foi imediatamente morar na Liberdade, na rua Vicentina, 4, Lapinha.

muitas coisas que não podia ser antes. Eu penso que esse foi um momento de busca de poder dentro da igreja, de luta, a maior luta, a maior Conquista foi essa. E depois, você adquirindo o direito de lutar, de se defender e ver que você pode fazer. Pois não podia nem promulgar um compromisso, se você não fosse a Ordem Terceira, você não podia fazer uma série de reivindicações, de direitos, você não teria como, porque o negro não podia entrar na igreja, nem calçado podia, tinha que ser descalço.

Havia quem negasse esse título, mesmo dentro da própria igreja da Bahia. Foi preciso, em uma situação, irmãos terem que levar o documento para comprovar, segundo lembra o irmão Bira²⁷ em um dos trechos de seu relato:

Quando nós, eu, tesoureiro, a gente ia prestar conta é anual, todo dia 31 de janeiro, eu me lembro como se fosse hoje. Nós tínhamos de apresentar a prestação de contas ao nosso representante, atual sede que era o Monsenhor Walter, ele disse na nossa cara, na minha de nosso Irmão Sebastião Barbosa, que a Irmandade queria usurpar o título de Ordem Terceira. Nós saímos totalmente transtornados. Chegamos aqui, entramos nos arquivos, achamos o diploma e fui lá no 2 de julho, numa copiadora, fazer uma cópia idêntica e levar o diploma com todo o carinho até ele e mostrar o diploma. A partir daquela data, ele se redimiou. Pediu desculpas, e disse agora sim, eu reconheço vocês como Ordem Terceira. Naquele tempo a Cúria não reconhecia a gente como Ordem Terceira. Se o padre, daquela qualidade, dizer que nós usurpávamos esse título, imagine os outros. É preconceito que eles tinham conosco.

Segundo Sara Farias (1997, p.117),

O conjunto de transformações pela qual passava a sociedade e a igreja baianas na segunda metade do século XIX afetou a irmandade do Rosário. Mas uma dessas mudanças deve ter afetado particularmente o espírito dos irmãos negros: a abolição da escravatura em 1888. Esta ata surpreendeu os irmãos lutando pela reforma física de sua igreja, com o vimos, e se temos informações sobre essas dificuldades infelizmente não possuímos testemunho direto deles sobre o advento da abolição. Mas podemos imaginar a festa que foi. Mais do que isso, agora parecia que cidadania religiosa iria culminar com cidadania civil. Sabemos que tal não ocorreu. Seja com o for, os negros do Rosário se sentiram mais à vontade no período pós emancipacionista e talvez isso explique o próximo passo tomado na história institucional da irmandade: sua elevação à categoria de Ordem Terceira. Até aquele ponto a categoria de Ordem Terceira era privilégio de brancos e mulatos. Com a abolição, chegava a vez dos pretos. Ainda assim, sabiam que a Igreja não era exatamente “amiga dos pretos,” a igreja por exemplo teve um papel praticamente nulo no movimento contra a escravidão. E era então preciso saber negociar, saber, em particular cercando o arcebispo da Bahia, massageando seu ego. Em 1894, mesmo ano em que se pendurou o retrato de D. Jerônimo na sala de reuniões da irmandade, os mesários do Rosário escreveram ao arcebispo pedindo para se tomarem Terceiros: “Desejando os Irmãos serem elevados a categoria de terceiros, vem muito humildemente impetrar de V.Ex3 a graça de elevá-los a dignidade de Ordem 3a da Santíssima Virgem do Rosário, solicitando a Bulia da

²⁷ Ubirajara Santa Rosa. Nascido em 2/07/1958. Bira na Irmandade, e o orukó na religião de matriz africana é Igisile (filho de Obaluaiê), na categoria dia Azoany.

sua confirmação [...] Cumpre dizer que a Igreja está collocada em um dos melhores pontos d'esta cidade, diariamente frequentada pelos Fieis: fazem com toda solennidade a Festa do Santíssimo Rosário tudo conforme ordenou S.S. Papa Leão 13.

Os Irmãos da Mesa de 1894 foram Prior Afonso Maria de Freitas, Vice-Prior Elói Aleixo Franco, Secretário Pedro George de Oliveira, Tesoureiro Severiano Carlos Ferreira, Procurador Geral Manoel Friandes e membros Inocêncio dos Santos, Pedro Almeida, Manoel Galiza, Venceslau da Silva, Jacinto de Andrade, Silvério de Carvalho, Teotônio Procópio, Manoel dos Santos, Alvino do Bonfim, Faustino da Silva, Francisco da Costa e Adão Costa. Ainda segundo Farias (1997, p. 118 e 119):

Em 1899, onze anos após a abolição, a irmandade foi elevada à Ordem Terceira. A nova classificação era um evidente sinal de prestígio perante a população baiana. Para a Igreja, o interesse seria trazer os confrades, agora terceiros, mais próximos do catolicismo oficial. Resta saber se os irmãos agiram de acordo. Faltam informações a esse respeito. O fato é que os negros do Rosário utilizaram da nova posição para difundir, século seguinte, seus valores, sua cultura e sua religiosidade, além de continuar sendo espaço de abrigo da identidade negra no “Pelourinho”.

1.1 OS COMPROMISSOS E A RACIALIZAÇÃO DA IRMANDADE

Segundo a Irmã do Rosário, Anália Santana (2013), “nos primeiros anos de criação, a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho era regida por uma diminuta descrição, de um antigo estatuto, o qual só se tem registro do seu prólogo. Isso causava muitas inquietações internas e externas, dentre elas a desconfiança de ilegitimidade aos olhos do governo da colônia, da igreja e da coroa por não possuir um documento completo ou um regulamento”. Assim:

[...] ordenaram em 1769 um Compromisso, que sendo aceito pela maior parte, os Irmãos daquele tempo, recorreram imediatamente a Proteção Real para aprovação por meio da Provisão que o Tribunal da Meza da Consciência e Ordens da Corte e Cidade de Lisboa obtiveram, e se passou incorporado no mesmo Compromisso aos 10 de outubro de 1781, e em consequência pelo dito Compromisso se tem governado a Irmandade (Compromisso, 1949, p. 5).

Foram diversas atualizações, a partir de 1781, quais sejam: 1820, 1872 (Figura 10), 1900 (Figura 11), 1945 (Figura 12), 1949 (Figura 13), 1966 (Figura 14), 2001 (Figura 15), e recentemente foi feita atualização em 2017 (Figura 16) Para a Irmã Adilma “O compromisso é quem tem o poder. É o documento que nos rege. É o regimento que a gente tem que seguir. O compromisso e o regimento. O compromisso é interno, tem que seguir, então esse documento é que dá o poder; você tendo o conhecimento do regimento, você seguindo o compromisso, o

poder está nas mãos, entendeu?”

Do Compromisso de 1781 até o atual, reformado em 2017, no seu capítulo primeiro, racializa-se a participação na irmandade, com exceção de 1820, que não expressava a cor, mas sim pessoa de “qualquer qualidade”, escravizado ou liberto. Parece-nos que implicitamente estaria definida de cor preta. E na proposta de emendas do Compromisso de 1966, o Cônego Francisco Curvelo sugere a retirada da distinção de cor. Contudo, não há o registro de sua aprovação. Antes, até 2001, era racializado pela denominação de cor preta. Após 2001, incluiu-se de origem negra, abrindo a possibilidade para pessoas pardas, conforme estabelece o IBGE e o estatuto da Igualdade Racial, onde pessoas pretas e pardas são consideradas negras, por critério de autodeclaração. A introdução do critério de origem negra, que amplia o ingresso de irmãos e irmãs que se autodeclarem negros, e são de cor parda, vem trazendo um grande debate do empardecimento e até do embranquecimento da Irmandade, como apresentamos abaixo com a imagem (Figura 09) e narrativas de meus interlocutores e interlocutoras.

O Irmão Nicanor²⁸ chama atenção ao dizer que “se você ler a ata da reunião da Mesa, verá que fui voto vencido. Fui, assim, a voz contrária. Eu fui a voz contrária, sabe? Porque primeiro, essa questão de pretos e pardos, que são considerados negros já vivi nas empresas. E eu já discutia desde o tempo que foi feita a reforma do estatuto em 2000. 2001, exatamente. Não há 2 livros no vídeo que vão mudando, ligue desde ao livro. Mudou ali, né? Eu já vinha discutindo isso. Por quê? Porque eu falo do movimento negro. Eu vivia isso.”

Sobre a questão o Irmão Almir reflete sobre a necessidade de rever conceitos que orientam a Irmandade ao mesmo tempo que deixa explícito sua preocupação com a perda da “tradição”, ao ponderar:

Eu preciso ter essa visão mais, mais definida. Porque hoje muitas coisas mudaram. Mas a gente precisa rever todos os conceitos. Porque irmandade dos homens e mulheres pretas. Entendeu? E a gente não pode descaracterizar. É muita preocupação, muita preocupação. Eu vejo isso. Muita preocupação de comprometimento. Eu passei por um processo de comprometimento, de pertencimento. E que a gente vê que essas pessoas estão, de certa forma, até descaracterizando a nossa forma de ser, isso me preocupa muito. A atualidade. Quer dizer, a gente está perdendo a tradição, a religiosidade, não pode ser assim. Não pode ser dessa forma. Eu estou muito preocupado porque tem determinados irmãos que eles, não sei, que deixaram de ter essa visão, né? Mas acentuada e começaram a amolecer um pouco os regimes, porque quando entrou, não era assim, porque agora a gente tem que agir assim, por causa da atualidade, da modernidade, da

²⁸ Antônio Lima Nicanor. 74, nasceu em Salvador, Bahia, terceiro grau, representante comercial.

realidade, mas para tudo tem um momento, precisa ser é essa mudança. Toda mudança requer resistência e eu não estou vendo essa resistência. Podemos nos atualizar sem perder a essência.

Por outro lado, a Irmã Nilsa chama atenção para as mudanças do mundo de forma enfática ao refletir sobre a necessidade ou não do aspecto racial orientar a Irmandade: “O mundo mudou. Abolição da Escravatura ou da escravidão negra já terminou! Então, a vida dos escravos negros que traziam para cá, vinha forçado, já terminou, já terminou! Então eu não sei por que na Irmandade só poderiam entrar pessoas de cor preta. Para Irmã Nilsa, “se o mundo mudou, as circunstâncias são outras, os tempos são outros, entram as pessoas que se identificam”. Ela continua sua reflexão sobre a questão dizendo que “se você é católico, apostólico, romano, é uma igreja católica, porque você vai discriminar as pessoas, porque elas são brancas. Ela pode ser branca e ter ascendência negra, entendeu? Porque você não tem que olhar só a cor da pele.” Observamos nesta fala da Irmã que para ela a cor não deve ser um aspecto definidor para fazer parte da Irmandade. Está explícito em sua reflexão que pessoas brancas não podem ser discriminadas, pois têm “ascendência negra”.

O relato de Nilsa apresenta inúmeros pontos controversos no que se refere à questão racial. Ela aponta para a mistura racial característica da história do país, ressalta que muitas vezes essa foi uma estratégia dos pretos de resistência à discriminação, conforme podemos :

As pessoas se misturam, você não vai dizer você só casa com preto para seu filho nascer preto. Na hora da discriminação às pessoas para lutar pela vida e para se desligar da discriminação, dizia que ia casar com outra branca para seu filho não sofrer. Hoje, você não deixa entrar na igreja porque a pessoa é branca. Eu tenho certeza que muitas pessoas vão achar que eu estou errada. Mas eu penso assim. Porque uma pessoa branca tem o sentimento que ela quer ter, o que ela pode fazer, o que ela pode dizer, e a luta dela ser imensa, muito maior do que uma pessoa preta que é preto e não luta pelos pretos. E não tem uma visão de mundo. Como a gente vê assim, você vê na África do Sul, como é que é, uma pessoa de pessoa lutando pelos pretos da África do sul, e brancas, que não tinha. Não é isso? Não são só os pretos que lutam pelos pretos, e tem pretos que não lutam por pretos, nem por coisa nenhuma. Então, eu acho que depende da pessoa que quer entrar, com a finalidade que ela tá entrando. Ela é branca, eu penso, não tem essa discriminação. Eu acho que cada um sabe o que está fazendo, não é por aí que vai separar ninguém. Eu acho que a gente tem mais é que unir e não separar.

O Irmão Bira reflete sobre a questão da cor e da raça chamando atenção para a autodeclaração e autoidentificação:

É a pessoa que se autodeclara, a sua autoidentidade é quem diz o que ela é, e a gente tem que respeitar. Às vezes eu tenho um negão que ele não se acha negro, e sim branco. Mesmo preto, ele vai para a imprensa, se declara a favor da escravidão, a favor do genocídio. Então se uma pessoa que se diz clara e se sente com pele negra, eu tenho de respeitar aquela pessoa, porque talvez ele vai contribuir muito mais do que o próprio a preto, como diziam os irmãos antigos, aqueles que têm a pele toda tintura da de preto. Tem preto, principalmente aqueles que, alcançam cargos mais elevados, a primeira coisa que ele parece é com uma branca. Bota uma loira do lado dele. Não estou criticando isso, estou dizendo que essas pessoas, muitas vezes, não se veem como negras.

Já o irmão Júlio²⁹ diz que deve seguir “o que estabelece o documento de tombamento de imaterialidade que é a Irmandade dos Homens Pretos”. E enfatiza: “Preto é Preto. Vai ter que dar um basta. Não pode ter uma Irmandade de Pretos com mais brancos”. O que segundo ele já caracteriza a realidade outras irmandades no Brasil. “Isso acontece na Irmandade de Minas Gerais e da Paraíba. Como vamos falar de uma memória preta, sem ter e sem ser pretos e pretas.”

Figura 9 – Irmã Professa e irmãs Noviças



Fonte: Arquivo da Irmandade, 2022.

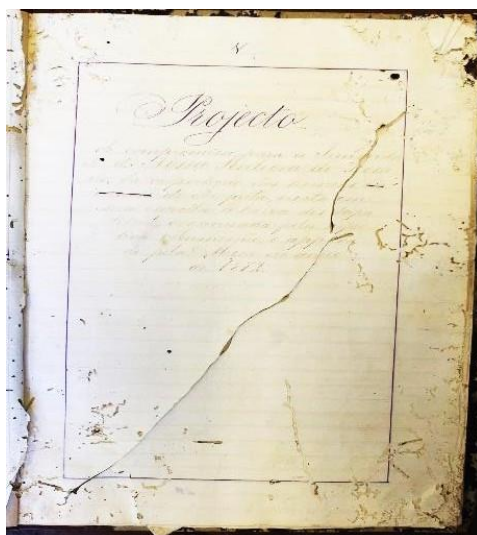
Esse não é um debate simples e que será revisitado e bem debatido durante as assembleias para discussão da atualização do Compromisso e do Regimento Interno, como podemos observar nas perspectivas apresentadas pelos Irmãos com os quais interagi e dialoguei mais diretamente para essa pesquisa. O retorno de racialização para cor preta devolverá à Mesa Administrativa a capacidade de não ser alcançada pelo Estatuto da Igualdade Racial nem pela orientação do IBGE, ficando, exclusivamente, sob sua diretriz

²⁹ Júlio César Soares, 58 anos, nasceu em Salvador, no bairro de Pero Vaz, na Liberdade. Superior completo.

essa decisão.

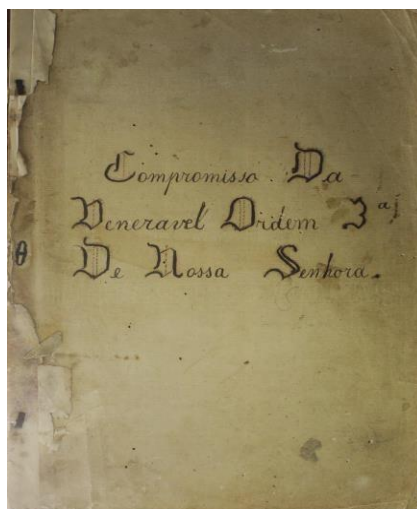
Segundo Sara Farias (1997, p.12), “O primeiro compromisso da irmandade do Rosário das Portas do Carmo de que tenho notícia é datado de 1781, mas não consta entre os documentos existentes nos arquivos baianos.” Identificamos no arquivo da Irmandade o Projeto de 1872, mas não sabemos se o projeto virou o compromisso, contudo é o que está escrito. Ao longo desse período não há relatos de outro. Virá, então, vinte oito anos depois, o de 1900 como atualização em relação ao de 1872. No texto do Projeto de 1872, fala-se em confraria (não legível) de homens de cor preta.”

Figura 10 – Projeto do Compromisso



Fonte: Arquivo da Irmandade, 1872.

Figura 11 – Compromisso de 1900



Fonte: Arquivo da Irmandade, 1900.

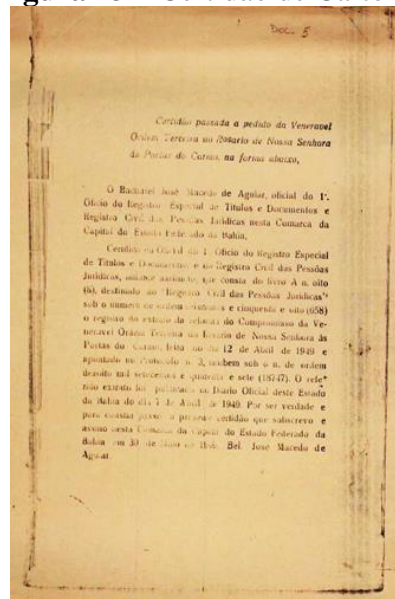
É interessante notar que nem no Compromisso de 1900 nem no de 1945, aparecem confraria ou irmandade dos homens pretos. E sim, Nossa Senhora do Rosário. Mesmo não existindo Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos como título da Virgem Maria, os irmãos e irmãs do Rosário constituíram como título nas suas descrições em diversos documentos, imagens e textos.

Segundo Sara Farias (1997), “Em 1900, o com promisso determinava que as mulheres tomariam parte na administração e gozariam das mesmas regalias dos irmãos mesários em tudo que estiver de acordo com seu sexo. A participação administrativa das mulheres estava limitada, pois eram do sexo frágil e, supostamente não possuíam capacidade de decidir. Essa desqualificação do sexo feminino esteve presente desde o estatuto de 1820. Proibiam-se os escravizados de ocuparem certos cargos, as mulheres, independentemente de serem ou não livres, não pediam ocupar certos cargos, os mais importantes ou de direção, porque pela “qualidade do sexo não exercitam ato de mesa. Nesse estatuto a função desempenhada pelas mulheres seria assistencial: “visitar os enfermos, orientar-se do tratamento [que os doentes] recebem e da boa ordem”.

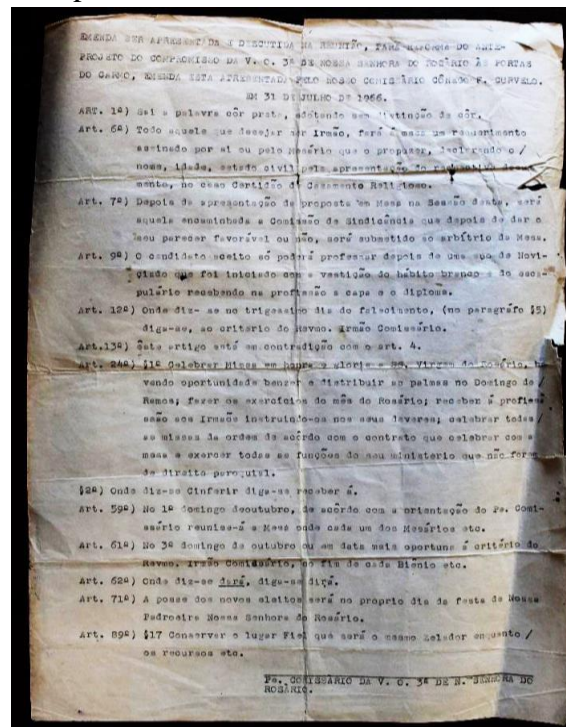
Figura 12 – Compromisso 1945



Fonte: Arquivo da Irmandade, 1945

Figura 13 – Certidão de Cartório

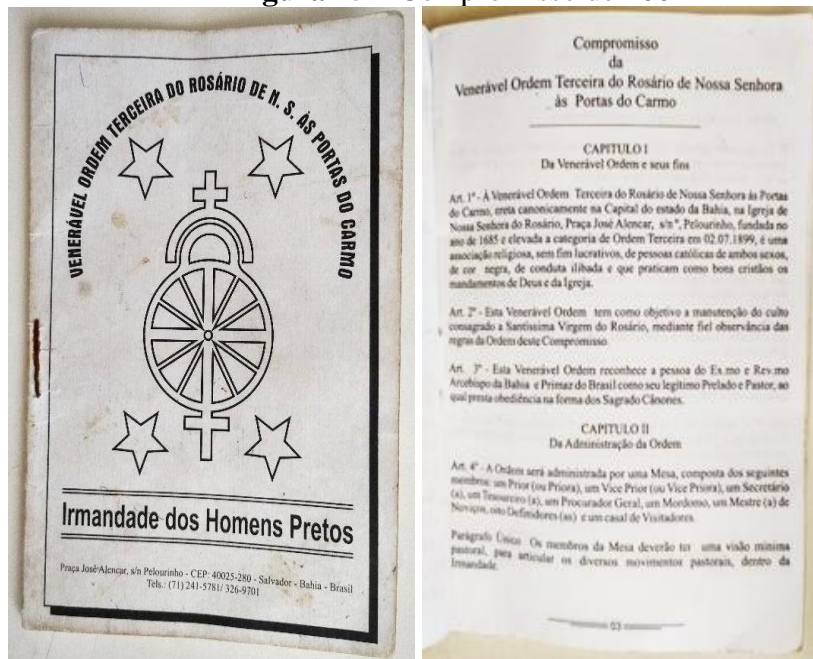
Fonte: Arquivo da Irmandade, 1949.

Figura 14 – Proposta de Emenda para Compromisso de 1966

Fonte: Arquivo da Irmandade, 1966.

Identificamos esse documento de proposta de emenda pelo Cônego Curvelo, que dentre muitas sugestões, solicitou a retirada da distinção de cor preta para sem definição de cor.

Figura 15 – Compromisso de 2001

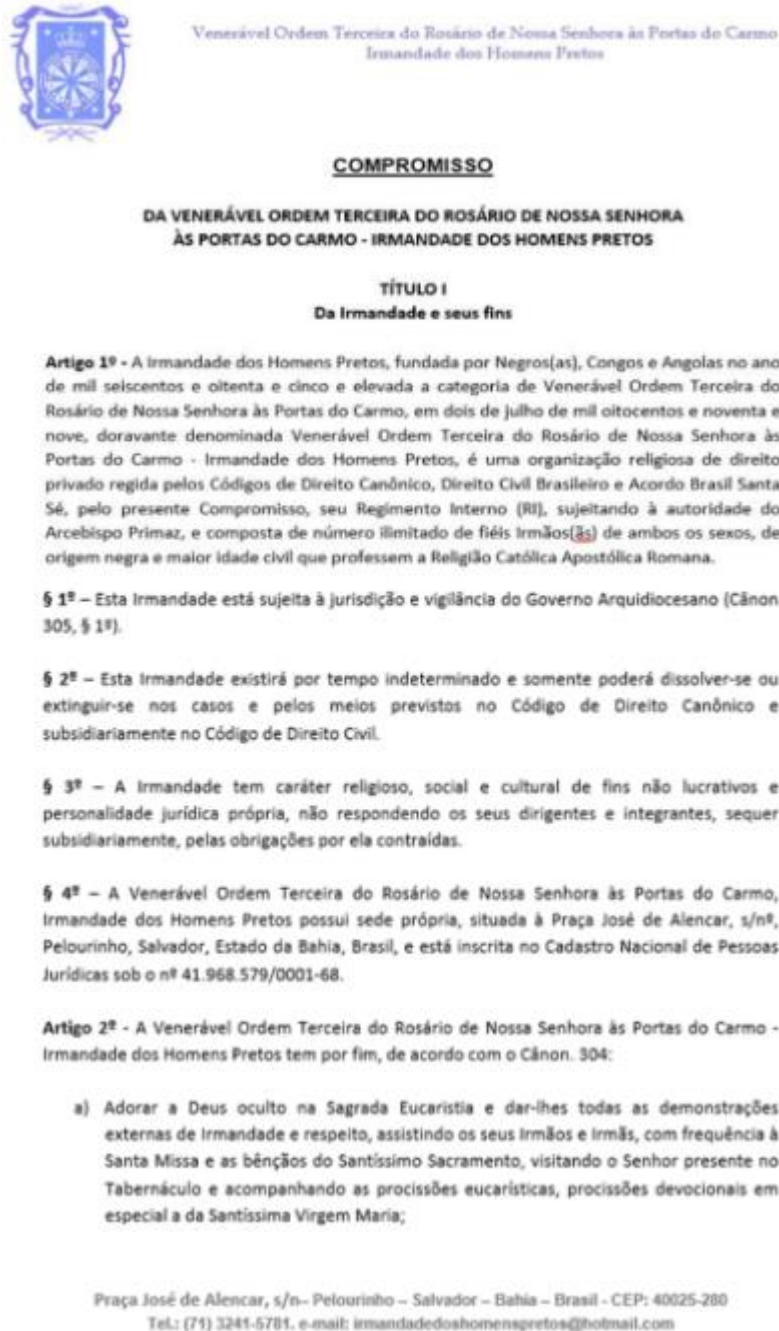


Fonte: Arquivo Pessoal, 2001.

Em 2001, com uma nova reforma, é inserida a cor negra, diferentemente dos antigos compromissos que tinham cor preta como definição, conforme o título que é “Irmandade dos Homens Pretos”. Essa mudança traz para a Irmandade a situação complexa, pois conforme o estatuto da igualdade racial e pela análise do IBGE, a cor negra é o somatório de pretos e pardos. Nesse sentido, amplia-se a busca de pessoas que se autodeclaram negras com pele clara, produzindo em determinada medida afastamento da gênese da irmandade, apesar de que em alguns momentos existiram brancos por imposição da igreja e de senhores de engenho.

No artigo primeiro do Compromisso de 2017 (Figura 16), com atualizações, tem-se a constituição da irmandade e seus fins. Mantém-se nesse documento a definição de origem negra e não preta. É a primeira vez que o Compromisso da Irmandade também apresenta a figura do Regimento Interno – RI, que aprofundará as diretrizes gerais do Estatuto (Compromisso).

Figura 16 – Compromisso atual de 2017



Fonte Arquivo Pessoal, 2017.

A Irmandade era composta de negros, crioulos e mestiços com ascendência africana. Para tanto havia uma necessidade de se buscar instrumentos metodológicos para identificar nos contextos estudados encontros de informações, experiências e vivências realizadas, simbologias e identidades constituídas ao longo das viagens transatlânticas. Mesmo sendo fundada por

pretos africanos de Congo e Angola, ao longo da sua existência várias etnias (Jeje³⁰, Ketu³¹, Iorubás³²) passaram a adentrar na Irmandade, contudo existiram estratégias dos fundadores para a manutenção do controle da administração.

O ingresso na Irmandade se dá por meio de uma solicitação à Mesa Administrativa da Ordem, que deve conter dados pessoais, profissionais e residência. Esse pedido deve ser apoiado por um irmão Professo, sendo avaliado e votado em reunião de Mesa Administrativa. Sendo aprovado, o candidato passa um ano no postulante (estágio inserido com o novo compromisso de 2017) e mais outro ano de noviciado; e validada sua caminhada de formação e aprovação da Mesa, recebe o grau de irmão Professo. Algo interessante é que os compromissos anteriores proibiam a participação de pessoas pertencentes a outras religiões, seitas ou grupos secretos (maçonaria) condenados pela Igreja Católica. O Compromisso de 2001 excluiu esta proibição. Contudo, desde sempre, muitos irmãos e irmãs de religiões afro-brasileiras fizeram parte do Rosário dos Pretos. E ressalto que identifiquei na forma do escrutínio eleitoral, com favas brancas e pretas, parecida com a forma utilizada na maçonaria para aprovar ou não o ingresso de candidatos à Ordem Maçônica³³. O irmão Júlio lembrou que “antigamente havia uma sindicância para ingressar na Irmandade. A comissão de sindicância visita a família, o local de trabalho, ouvia vizinhos. O seu comportamento era avaliado para além do espaço da Igreja.” Esse mesmo processo é feito na maçonaria para avaliar os processos de indicação dos possíveis novos maçons.

1.2 COMPROMISSO E A DIGNIDADE NA MORTE

Irmã Adilma em uma de suas falas entende ser o maior legado da Irmandade o Culto aos antepassados, aos ancestrais. Segundo ela, “todas essas atividades que a gente desenvolve aqui, foi aprendida antes e passada pra gente que vai chegando e a gente tem a responsabilidade de passar para quem está chegando agora. Quem vai chegar, né? Se a gente ainda tiver aqui a gente vai passar. Esse culto aos antepassados é uma coisa que eu aprendi aqui. Muita gente

³⁰ Indivíduo pertencente ao povo jeje. língua hoje viva esp. no Togo e em Gana, derivada do extinto *tado* falado no reino de Adjá que ficava no Sul dos atuais Togo e Benin; é dada como origem do grupo linguístico Kwa.

³¹ Ketu é o nome da região de Ketu, no Benim. Candomblé Ketu é o maior e mais influente ramo do Candomblé, uma religião afro-brasileira. Tem origem nas tradições dos povos da região de Ketu, incluídos entre os iorubás ("nagôs").

³² Povo africano do Sudoeste da República Federal da Nigéria, com grupos espalhados pela República de Benin e pelo Norte da República do Togo (Trazido em grandes levadas para o Brasil).

³³ Associação que tem como objetivo o desenvolvimento moral e espiritual dos seus membros, a melhoria da sociedade e a promoção da fraternidade.

chegou aqui, aprendeu aqui, entendeu? Eu não tinha essa atividade de cultuar os antepassados” ela ressalta a questão da memória, do legado passado de geração para geração. “Fazer essa memória a história de quem veio antes, de quem veio antes de mim, né? Então isso a gente aprendeu aqui. Quem tá chegando tá aprendendo, né? Porque vê antes. E quem vai chegar também vai aprender e vai continuar. E eu aprendi e estou passando”. E finaliza reafirmando que “é muito importante a gente cultuar nossos antepassados, a gente zelar pelos nossos antepassados. Essa missa de segunda-feira, que é dedicada aos nossos antepassados, eu sempre convido as pessoas. Têm uma profissão linda das velas até o cemitério.”

Como dito, a irmandade foi espaço para o sepultamento digno de seus associados e associadas, assim como para pessoas que mesmo não sendo da organização religiosa eram acolhidas com um digno enterro, pois muitas faziam doações ou deixavam heranças e imóveis para a irmandade com intuito de receberem um féretro com todas as pompas possíveis. Era uma fonte de renda, como até hoje, com a propriedade de carneiras no cemitério de Quintas dos Lázaros.

Em 1857, o governo cede terreno à irmandade do Rosário no cemitério das Quintas dos Lázaros “para fabricar” seu próprio cemitério. Os mesários se reuniram e formaram uma comissão para “agenciar esmolas entre nossos irmãos e devotos, a fim de se dar princípio à fatura de nosso cemitério.” No ano seguinte, em “acta de sessão de Meza,” indicava-se a continuação de obras dos novos carneiros (Farias, 1997, p. 105).

A Igreja do Rosário mantém 492 carneiras³⁴ neste cemitério, que além de fonte de renda, também atende os irmãos, as irmãs, os filhos e as filhas até 18 anos. Durante o período colonial, a Igreja foi utilizada como local de sepultamento. Em diversas partes da Igreja encontram-se jazigos³⁵ de pessoas e famílias. A exemplo de Manuel Querino³⁶, que foi membro da Irmandade.

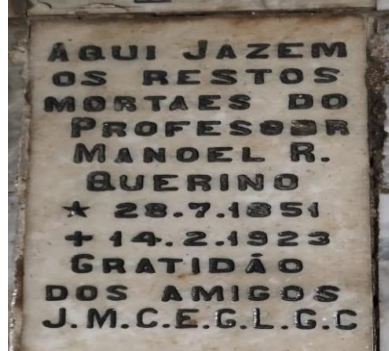
³⁴ Gaveta ou urna onde se enterram os cadáveres;sepultura.

³⁵ Monumento funerário que serve de sepultura para um ou mais mortos.

³⁶ Manuel Raimundo Querino, comumente conhecido por: Manuel Querino, foi um dos mais destacados intelectuais negros baianos, considerado como um dos fundadores da Antropologia brasileira. Faleceu em Salvador, no dia 14 de fevereiro de 1923.

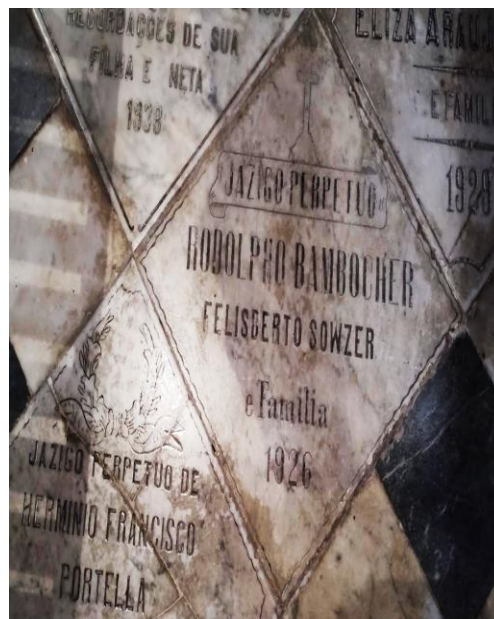
(Figura 17). E da família Bambocher³⁷(Figura 18).

Figura 17 – Jazigo do Professor
Manoel R. Querino



Fonte: Foto de celular do Autor, 2023.

Figura 18 – Jazigo da família
Bambocher



Fonte: Foto de celular do Autor

³⁷ Rodolpho Bambocher, registrado em Salvador como Rodolpho Martins de Andrade, o babalaô nigeriano Bámbósé Obítikó foi figura central na constituição da liturgia do candomblé no século XIX. Reverenciado como Tio Bamboxê pelo povo-de-santo, foi o grande responsável pela organização do culto ao orixá Xangô no Brasil, divindade a que pertencia. (<https://www.pilaodeprata.com.br/> Acessado em 3 outubro de 2023).

Figura 19 – Jazigo de Lucinda Maria da Conceição



Fonte: Foto de Celular Autor, 2023.

O irmão Júlio me disse em uma de nossas conversas que essa Irmã Lucinda Maria da Conceição era Mãe de Eugênia Ana, Mãe Aninha, uma das mais importantes Ialorixá do Ilê Axé Apô Afonjá, que também era Irmã do Rosário.

Figura 20 – Jazigo Manoel do Bonfim Galiza e sua família



Fonte: Foto de celular Autor, 2023.

A busca por sepultamento digno e nas igrejas era uma forma de conforto para homens e mulheres que tinham fé de que quanto mais bem acompanhado fosse seu sepultamento e sendo na igreja e ainda próximo do altar, mais tranquila seria sua passagem da vida para a morte.

Independente das condições financeiras, muitos buscavam as irmandades para poder associar-se e garantir todos esses procedimentos fúnebres. E mesmo os que não integravam a irmandade, também deixavam quantias e bens (imóveis, terrenos, joias) para que pudessem ter um enterro digno, mesmo quando não sepultado na igreja. Alguns irmãos e irmãs com posses deixaram em seus testamentos diversos bens para a Irmandade, inclusive aqueles que galgaram cargos, a exemplo de juízes e escrivães.

Manoel Bonfim Galiza foi ex-juiz e escrivão da Irmandade. Alguns testamentos e inventários realmente chamam a atenção pela quantidade de bens que registram. Não por acaso algumas dessas fortunas pertenciam àqueles que ocuparam cargos na irmandade: juízes, procuradores, consultores, escrivães, tesoureiros. As propriedades de Manoel Galiza em 1908 foram avaliadas em 33:000\$000 (trinta e três mil réis), hoje R\$825,00 (oitocentos e vinte cinco reais). Somados aos móveis, que valiam 80\$000 réis, seu patrimônio era uma verdadeira riqueza. Mesmo levando em consideração que os valores no final do século XIX e início do XX foram corroídos pela inflação, a fortuna desses ex-mesários era considerável (Farias, 1997, p. 88).

Segundo Irmão Júlio, que ouviu dos nossos mais velhos e mais velhas, na igreja havia uma disposição para sepultamento. No lado direito da porta de entrada se sepultavam os angola; do lado esquerdo os Iorubás; na frente próximo do altar de Santo Antônio de Categeró, o povo Mina. Atualmente, não se sepulta, mas tem o ossuário, no fundo da Igreja, para que os integrantes da Irmandade façam o traslado de seus ossos para serem guardados naquele espaço sagrado. Hoje, o sepultamento continua sendo uma das fontes de renda. Temos as carneiras no cemitério de Quintas dos Lázaros e mais três imóveis para locação, pagamento para visitação a Igreja, que ocorre de segunda a sábado e os recursos vindos das mensalidades, que irmãos e irmãs pagam, sendo da Irmandade e ou das devoções existentes, que servem de recursos financeiros para a manutenção do patrimônio³⁸ material que fica sob a gestão da Venerável Ordem Terceira do Rosário dos Pretos.

³⁸ 19 (dezenove) Imagens Sacras de madeira, 05 (cinco) imagens de Roca; 03(três). Emblemas de prata com as Insígnias; 02 duas (duas) Coroas de prata; 04 (quatro) Tocheiras de prata; 02 (duas) Coroas de Ouro; um Cálice e Patena folheado a ouro; 01(um) Ostensório de Ouro; 01 (uma) Âmbula de prata e folheada a prato; 01(um) Candelabro, para cinco velas, de prata; 17(dezessete) Emblemas pequenos, de prata; 06 (seis) Telas de autores desconhecidos; 04 (quatro) Crucifixos de madeira; as Alfaias e Ornamentos do Culto, os livros que compõem seu Acervo Cultural, o Edifício do Templo Consagrado à S. S. Virgem do Rosário com os Móveis; 3 quadras de Carneiras edificados no Cemitério de Quintas dos Lázaros; 1(uma) casa no Bairro do Pero Vaz e 1(uma) casa no Largo do Tanque, ambas comerciais; 1 (uma) outra, residência, na rua Barão do Rio Vermelho, no Bairro da Saúde e mais 2234 itens registrados conforme o Inventário do dia 13 de abril de 2016. E mais os bens adquiridos conforme balanço de 2015 a 2017 no valor de 14.661,11.

1.3 A MESA ADMINISTRATIVA E SUA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

A Mesa Administrativa, órgão executivo responsável pela administração direta, eleita trienalmente, investido dos poderes inerentes aos cargos assumidos por seus integrantes, conquanto observadas, quando da prática dos seus atos, as limitações estabelecidas pelo Compromisso e seu Regimento Interno - RI, constituída de dezenove Mesários para exercerem os cargos e funções: Prior(a), Vice-Prior(a), 1º Secretário(a), 2º Secretário(a), 1º Tesoureiro(a), 2º Tesoureiro(a), Procurador(a) Geral, Mordomo(a) de Culto, Mestre(a) de Noviços, oito Definidores(as) e um casal de Visitadores. Para o Irmão Nicanor “ser tesoureiro foi o cargo mais difícil que assumi.” O último foi procurador-geral, encerrado neste ano de 2023. O irmão Almir foi Vice - Prior e definidor. Salientou que “os definidores, atualmente, não estão definindo nada.” A Irmã Nilsa disse que: O momento mais difícil foi no processo de afastamento do Irmão Eurico, em 2008.” Ela assumiu três cargos: definidora, mestra de noviços(as) e vice - priora. Hoje a luta da Irmã Nilsa, dentro da Irmandade, é seu direito de votar e ser votada.

O Irmão Crispim³⁹ participa da Mesa Administrativa desde que ingressou na Irmandade e foi definidor e visitador. Ele continua dizendo que “fazer todo processo de preparação de uma irmã para o sepultamento foi um dos maiores desafios enquanto mesário”. Ela não tinha parentes e morreu no hospital.

A Irmã Rosinha⁴⁰ foi a única que participou da Mesa de Honra, só composta por mulheres, e depois da Mesa Administrativa unificada, tendo homens e mulheres. Ela lembra que foram 4 cargos na mesa de honra e 3 cargos na atual Mesa Administrativa. Não lembrava os cargos.

A Irmã Cosma⁴¹ foi secretária e nessa gestão 2020-2023 é a Vice - Priora. Relatou que: como secretária foi uma ótima experiência, pois conseguiu se relacionar e interagir com toda comunidade rosariana. Mas como vice - priora foi impedida pelo Prior de atuar, pois tinha um acordo com ele de cuidar das questões sociais e festas, mas na primeira reunião da Mesa, em 2020, ele disse que ela não teria mais essas responsabilidades e sim o secretário. No caso do irmão Bira, ele ocupou quase todos os cargos, com exceção de visitador⁴² e mestre de

³⁹ Crispim José dos Santos. Gosta de ser chamado de Crispim Santos. Idade é 75, nasceu na cidade de Salvador, no bairro do pau miúdo, aos 5 de julho de 1948. Tem segundo grau, servidor público municipal aposentado.

⁴⁰ Maria Rosa dos Santos, 84 anos, nasceu em São Felipe. Interior da Bahia, mas foi criada em Salvador, desde os 7 anos de idade. Primeiro grau completo.

⁴¹ Cosma Pereira de Miranda, apelido coisinha. Idade 73 anos, soteropolitana, nascida na Liberdade, no largo do Japão, nasceu em casa. Superior completo. Professora de Geografia. Solteira.

⁴² Irmão ou Irmã, membro da Mesa Administrativa, que visita irmãos e irmãs por diversas situações que chegam a Irmandade ou por iniciativa direta da administração.

noviços(as). Relatou que:

Participei de muitos avanços, como novo modelo de organização dos pagamentos e recibos na tesouraria, na forma de comprar, onde uma empresa entregava todos os produtos e alimentos durante as festas; fui eu quem trouxe a utilização do primeiro computador na Irmandade, antes era máquina olivetti. E participei da luta para o controle da portaria que estava na mão de irmãos. Foi um dos maiores conflitos da Mesa Administrativa que eu estava e da própria Irmandade.

O irmão Julho foi Definidor, Vice-Prior e Prior. E relatou que sofreu muito como Prior internamente com ataques e desrespeitos de irmãs e irmãos, calúnias e difamações, quase com dissolução da Mesa, contudo conseguiu com pouquíssimos membros finalizar a gestão. E externamente o enfrentamento com o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC durante o período da reforma da Igreja. Com muitos obstáculos, discriminações, atrasos das obras e sobretudo com a preocupação com o patrimônio da irmandade, que foi deslocado para a Igreja do Carmo, durante a reforma e isso tirava seu sono.

Após 315 anos de existência, as mulheres passam a compor a Mesa Administrativa da Irmandade com direito a voz e voto, na atualização do Compromisso de 2001. Assim descreve o Capítulo II Da Administração da Ordem (Artigo 4º) "[...] uma Mesa, composta dos seguintes membros: Prior(a), Vice-Prior(a), Secretário(a), Tesoureiro(a) Procurador(a) Geral, Mordomo(a) de Culto, Mestre(a) de Noviços, oito definidores(as) e Casal de Visitadores”.

Por mais de trezentos anos as mulheres negras do Rosário não exerceram o poder administrativo porque uma das diretrizes do Compromisso as excluía. As mulheres só participaram da Mesa de Honra, que tinha cargos estabelecidos no Compromisso, eram eleitas, porém não decidiam administrativamente, limitando-se a promover todos os cuidados com atividades religiosas e ou culturais, além dos serviços de limpeza, alimentação e serviços prestados à comunidade de fiéis.

Em 02 de setembro de 2001, passados 316 anos da sua criação, a comissão de reforma do Compromisso extinguiu o artigo que excluía, de forma sexista, a participação das mulheres da Mesa Administrativa. Com isto, deixou de existir a Mesa de Honra e as mulheres podem ser integrantes da Gestão da Ordem, eleitas para quaisquer cargos e com voz e voto.

Em 2017, com atualização do Compromisso e da elaboração do Regimento Interno-RI, foram definidos os fins e a estrutura organizacional da Irmandade, assim estabelecidos em Assembleia Geral (inserida na atualização de 2017), Junta Definitória, Mesa Administrativa, Conselho Fiscal (Agora eleito) Comissões Permanentes (Comissão de Sindicância e de Obras). Esta forma organizativa constituiu ao longo desses séculos um dos pilares de

manutenção da Irmandade, mesmo diante de diversas dificuldades, pois os conflitos se davam desde a sua origem, quando apenas alguns irmãos de Congo/Angola e depois em aliança com os Crioulos (Pretos nascidos no Brasil) detinham o poder de voz e voto em relação às demais etnias, que se faziam presentes na gestão. Havia, também, a introdução de homens brancos, em alguns cargos, dito estratégicos para a Igreja e os senhores de engenho, a exemplo da secretaria e da tesouraria, fazendo assim o controle das comunicações e dos recursos que entravam na Irmandade.

No compromisso de 2017 foi criada a figura da Assembleia Geral, órgão autônomo, permanente e soberano da Irmandade dentro dos limites do Direito Canônico⁴³, das leis comuns do país, que é composta de todos os Irmãos e Irmãs em pleno gozo dos seus direitos e deveres.

Não havia em compromisso antigos este órgão, que é o espaço para deliberar sobre questões que possam vir a ferir os interesses da Irmandade, assim como decisões que extrapolam a autoridade da Mesa administrativa. Uma dessas assembleias é a de eleição, conforme citei no início deste capítulo. Para além, tem-se a de planejamento e a de prestação de contas. As demais que possam ser convocadas são chamadas de assembleias extraordinárias e tem cunho e assuntos específicos diante de situações e contextos. Essas assembleias são convocadas pelo Irmão Prior, pelo Conselho Fiscal, pelo Arcebispo ou Capelão da Irmandade⁴⁴, por maioria simples (metade mais uma da Assembleia) ou por 1/3 dos integrantes da Mesa Administrativa. Antes da Instituição da Assembleia no Compromisso, havia a Junta definitória, órgão de aconselhamento e deliberação, acima da Mesa Administrativa.

A Junta Definitória compreende a reunião de todos os(as) Irmãos(ãs) Mesários e mais 16 (dezesseis) Irmãos(ãs) professores(as), indicados pela Mesa Administrativa e referendados pela Assembleia. Para compô-la, os irmãos e irmãs deverão corresponder aos seguintes requisitos: ter ao menos 40 anos de idade, experiência administrativa, religiosa e/ou 15 anos de professo.

Assim, a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo, Irmandade dos Homens Pretos é dirigida por uma Mesa Administrativa, órgão executivo responsável pela administração direta, eleita trienalmente, investido dos poderes inerentes aos cargos assumidos por seus integrantes, conquanto observadas, quando da prática dos seus atos, as limitações estabelecidas por este Compromisso e seu RI, constituída de dezenove Mesários

⁴³ Conjunto de leis e normas que regulam a Igreja Católica Apostólica Romana. Ele se aplica a todos os segmentos da vida eclesial, como a organização, o governo, o ensino, o culto, a disciplina e as práticas processuais.

⁴⁴ Ministro religioso que oferece assistência espiritual em instituições e organizações seculares.

para exercerem os cargos e funções: Prior ou Priora, Vice-Prior ou Vice-Priora, 1º Secretário(a), 2º Secretário(a), 1º Tesoureiro(a), 2º Tesoureiro(a), Procurador(a) Geral, Mordomo(a) de Culto, Mestre(a) de Noviços, oito Definidores(as) e um casal de Visitadores.

Irmã Adilma⁴⁵, como integrante da Mesa Administrativa, faz sua avaliação do cenário atual:

Olhe só o papel da mesa é juntamente com os irmãos que a compõem tomarem decisões ou chegarem a algum ponto que for preciso resolver. Então eu acho falho, pois no momento que a gente traz um assunto que o assunto é discutido e que não é resolvido. Bom, discutiu esse assunto e não foi resolvido, fica aqui. Discute esse assunto não foi resolvido, fica aqui. Então vão se juntar as pendências, entendeu? E o que é o objetivo que eu acho da Mesa é justamente esse, resolver essas pendências, não deixar isso aqui pra depois, esse aqui pra depois. E a gente senta, as horas passam, um fala, outra fala, falam, falam, falam, falam, falam e não resolve. Pelo menos os assuntos que eu presencio. Nunca faltei em uma reunião.

Conforme o que rege as normas estatutárias para os cargos da Mesa Administrativa, Conselho Fiscal, e Comissões Permanentes e demais cargos, só poderão ser eleitos (as) ou indicados Irmãos e Irmãs que estejam na Irmandade com 05 (cinco) anos, adimplentes para com a Irmandade e com cinquenta e um por cento de presença nas missas dominicais, nos últimos três anos antes da eleição. E para cargo de Prior/a e Vice – Prior/a o irmão ou a irmã deverão ter no mínimo 07 (sete) anos de professo.

O tempo estabelecido para assunção aos cargos da Mesa Administrativa constitui ponto importante, pois há a necessidade de uma caminhada de aprendizado que o próprio tempo da nossa existência não daria conta. São quase quatro séculos de história e que nem todas chegaram até os dias atuais. Em especial, o irmão Mestre de Noviços(as) tem que ter dez anos de profissão (Irmão que professou), pois este é o responsável pela formação de desejosos e desejosas de ingressarem na irmandade.

No mês de junho, pude acompanhar uma assembleia que aprovou a redução de tempo para irmãos e irmãs poderem ter cargos na Mesa administrativa. Esse procedimento está inserido numa contenda do Processo Eleitoral que falarei logo mais, em outro capítulo, contudo vem gerando diversos enfrentamentos, envolvendo irmãs e irmãos, Capelão, Delegado Episcopal e até o Arcebispo.

Atualmente, a pessoa indicada para ingressar na Irmandade passa pelo postulante⁴⁶,

⁴⁵ Adilma Sacramento de Souza. A família a chama de neném. Na Irmandade chamam de Dilma. Tem 69 anos, nasceu na maternidade Climério de Oliveira, no bairro de Nazaré, em pleno Carnaval.

⁴⁶ Período de preparação inicial para o ingresso em uma ordem religiosa ou mosteiro. É uma etapa de formação que antecede o noviciado.

noviciado⁴⁷ e profissão⁴⁸. As propostas são apresentadas na Festa de Aniversário da Ordem Terceira, na missa do dia 2 de julho, às 7h. Em seguida, as propostas são encaminhadas para a reunião da mesa Administrativa, lidas e entregues a Comissão de Sindicância, que neste caso é presidida pela(o) Mestre de Noviços(as), que terá um prazo de 30 dias para entregar parecer, que é votado pelos mesários e mesárias, aprovando ou não o início da jornada na irmandade.

Outra mudança que ocorreu, na reforma do Compromisso, em 2017, foi a autonomia do Conselho Fiscal, que antes era eleito como parte da Mesa Administrativa. Com o novo compromisso e o regimento interno elaborados, passou a ser eleito de forma independente para bem fiscalizar a gestão financeira da Irmandade.

O Conselho Fiscal é constituído de 3 (três) Irmãos e ou Irmãs eleitos(as), na mesma oportunidade da eleição da Mesa Administrativa, para fiscalizar as contas, os balancetes mensais, balanço anual, às despesas, assuntos financeiros, as obras, o patrimônio, rendimentos, aplicações e à escrituração em geral, dentre outras atribuições.

É importante frisar que os compromissos ressaltam que os integrantes da Administração devem ter o conhecimento pastoral, que abrange as celebrações, documentos, ações e atividades da igreja católica. O Compromisso diz no artigo 9º(nono), parágrafo 2º(segundo): “Os membros da Mesa deverão ter uma visão pastoral relevante para articular, dentro da Irmandade dos Homens Pretos, os diversos movimentos pastorais existentes na Arquidiocese de São Salvador”. Contudo, identifica-se que muitos irmãos e irmãs que estão atuando dentro da igreja, realizando e participando de todas as celebrações e ações, apresentam-se e expressam-se como se estivessem num espaço de encontro da sua identidade negra, de pertencimento a um espaço histórico de resistência e político, de encontro com seus antepassados e seus pares no presente, onde as experiências e vivências se encontram. A percepção pastoral parece não ser o ponto primordial.

Existem pessoas que frequentam o Rosário dos Pretos e das Pretas que não são cristãos católicos ou tem religião, contudo entendem esse espaço como de resistência e luta, pois reconhecem a importância da sua contribuição para as estratégias de sobrevivência da religiosidade, da fé, da libertação e da inclusão do povo negro na sociedade baiana e brasileira, principalmente nos momentos de morte.

⁴⁷ Período de formação na Igreja Católica que antecede a emissão de votos religiosos

⁴⁸ Compromisso de uma pessoa em viver os conselhos evangélicos numa comunidade religiosa. Pode ser para um período de tempo ou para toda a vida.

1.4 MESA ADMINISTRATIVA – CARGOS, DEVERES E ATRIBUIÇÕES

Na estrutura organizacional da Irmandade todos os Cargos, Deveres e Atribuições são estabelecidos pelo Compromisso e Regimento Interno, como já dissemos anteriormente, constituindo uma relação permanente entre seus ocupantes, os integrantes da irmandade e as instituições com as quais se faz necessária a efetivação do desenvolvimento institucional da organização religiosa.

Ao cargo de Prior ou Priora somente poderão postular os irmãos professores de reconhecida e atestada capacidade administrativa, probidade, prudência, assiduidade, visão pastoral relevante e conhecimento histórico da Venerável Ordem e suas tradições, com mínimo de 7 (sete) anos de professo e trinta anos de idade. Para este cargo é preciso ter pleno conhecimento de tudo que constitui o patrimônio material e imaterial (costumes, tradições e devoções de cunho coletivo e difuso) da Ordem, preservando seus costumes e tradições, incumbindo-lhe trabalhar para a promoção de seu engrandecimento, difusão do seu conhecimento e defesa.

Ao longo dessa história, nem sempre foi possível garantir que essas características fossem presentes na sua integralidade. A disponibilidade de irmãos para os cargos requer entendimento de uma missão, compromisso com a Ordem, acolhimento da Ancestralidade, capacidade de mobilizar em seu benefício o apoio para indicação e, mais recentemente, obter os votos necessários para ser eleito. Quando citei o gênero irmãos no masculino, apenas, foi porque até hoje não houve uma Priora, no máximo a Vice-Priora, irmã Nilsa Bonfim (uma das minhas interlocutoras) no período de 2017 a 2020.

Sempre que possível, os (as) Secretários (as) deverão ser escolhidos entre Irmãos e Irmãs, possuidores de Curso Superior ou Técnico em qualquer área, ou com experiência funcional anterior em atividades inerentes ao cargo que irá desempenhar.

Ao cargo de Primeiro e Segundo Secretário (as) somente poderão postular os irmãos professores de atestada e reconhecida capacidade técnica/administrativa, probidade, prudência, assiduidade, visão pastoral relevante e conhecimento histórico da Venerável Ordem e suas tradições.

O cargo de Irmão secretário ou Irmã secretária requer uma capacidade de diálogo com todas as partes integrantes do campo de relacionamento da organização religiosa, sejam com os seus integrantes e órgãos estruturantes, sejam com os diversos setores da sociedade, desde a sociedade civil e seus movimentos, inclusive os movimentos negros, assim com a iniciativa privada e os entes públicos. Cada vez mais, o conhecimento sobre as tecnologias e as formas

de utilização constituem competências necessárias para quem se comunica com as pessoas e as instituições, entendendo os limites, as formas e os conteúdos que se publicam, republicam e ou acolhemos em nossas manifestações e documentações nas redes sociais, pois somos uma organização religiosa, que faz parte de uma estrutura hierárquica de mais de dois mil anos, que é a Igreja Católica. Além de que, temos quase quatro séculos de existência e devemos salvaguardar aquilo que é próprio nosso.

Para o cargo de Mestre (a) de Noviços(as) somente poderão ser propostos Irmãos com mais de 30 anos de idade e 10 anos de professo na Ordem. Compete ao Irmão(ã) Mestre(a) de Noviços(as) promover o engrandecimento da Ordem e zelar pela formação de seus membros. Assistir as profissões, guiar os Irmãos e Irmãs noviços nas cerimônias; construir um calendário de formação em conjunto com o Capelão, para os postulantes, noviços(as) e professores(as), membros, devoções e terço dos homens, visando o aperfeiçoamento. Cuidar para que os Postulantes e Irmãos(ãs) noviços (as) participem no mínimo de um Retiro Espiritual, promovido pela Ordem e sob orientação do Capelão; participar das solenidades e assistir as profissões, guiando os(as) irmãos(ãs) em todos os atos.

O irmão ou irmã Mestre de Noviços(as) é o responsável por preparar os que ingressam na irmandade e garantir que sejam transferidos os conhecimentos sobre os ritos, simbologias, normas, procedimentos, vivências e comportamentos no dia a dia dentro da organização religiosa. Por isso, tem que ser uma pessoa com mais tempo de irmandade, passou a ser de 10 anos, com a atualização do compromisso de 2017, com experiências e memórias que possibilitem a manutenção da tradição, desde as formas de vestimentas até de atuação nos momentos religiosos dentro ou fora da irmandade, como representantes da Ordem terceira do Rosário dos Pretos.

Será Procurador(a) Geral o(a) Irmão(ã) Prior(a) que terminar o exercício do seu cargo. Aqui se salienta a sagacidade dos nossos antepassados na criação da sua estrutura organizativa, quando decidem que o irmão Procurador-Geral será o irmão Prior que termina o seu mandato. No primeiro momento, verifica-se a continuidade da relação de respeito, no que tange ao acolhimento de um irmão que pode ser contrário, inclusive, à Mesa que o sucederá. Outra avaliação, é de que se promoverá a continuidade de atos e ações da gestão que se encerra, haja vista, estando o antigo Prior, este agora como Procurador-Geral, poderá defender a manutenção das decisões tomadas na gestão que se encerrou. E ao mesmo tempo, deverá prestar contas de sua administração durante o período em que se encontra na Mesa Administrativa recém-eleita. Para o cargo de Definidor(a) só poderão ser propostos Irmãos(ãs) que tenham todos os requisitos indispensáveis a qualquer cargo da Mesa Administrativa. Ao Irmão(ã) definidor(a)

competete exercer o cargo para o qual foi eleito(a) ou designado(a), em substituição há algum afastamento temporário, renúncia, morte ou impedimento de integrantes dos cargos existentes na Mesa Administrativa, colaborando nas diversas necessidades e ações da Irmandade, assim como também assumir as comissões permanentes e coordenação das devoções e grupos que sejam constituídos para o bem da Ordem Terceira, a exemplo da Irmandade de São Benedito, Pia União de Santo Antônio de Categeró, Devoção de Santa Bárbara e Terço dos Homens.

Todos esses Santos e todas essas Santas têm seus calendários festivos, que mobilizam os integrantes da Irmandade e suas devoções, além de fiéis de todos os lugares da Capital, do País e fora dele. No próximo capítulo falaremos das dinâmicas culturais e festivas da Casa Rosariana com seus cantos, ritos, simbologias, procissões, trajetos e toda dinâmica que envolve a religiosidade, a identidade e a fé de nossa afro-brasilidade.

No compromisso tem-se que o Revmo. Padre desta Freguesia de Nossa Senhora do Rosário ou, na falta dele, será designado, pelo Ordinário local⁴⁹, outra autoridade eclesial que chamamos de Capelão nato da Irmandade e sua competência está definida no Regimento Interno. A Mesa Administrativa, em retribuição aos serviços prestados pelos Clérigos com provisão para esta Igreja, fixará uma cônica(pagamento/salário) mensal condigna, dentro das possibilidades da Irmandade e observadas as normas do Governo desta Arquidiocese.

Na estrutura administrativa da Irmandade, especificamente na Mesa Administrativa, tem-se a figura do Clérigo ou Padre, que no nosso caso é chamado de Capelão⁵⁰, designado pelo Arcebispo. Ele compõe a Mesa Administrativa e preside as Assembleias Gerais Ordinárias e Extraordinárias, mas não vota. Seu papel é de mediador e moderador nos assuntos pautados nas reuniões, orientando acerca das questões litúrgicas, pastorais e administrativas, aconselhando os irmãos e irmãs para a assunção de seus deveres, concitando-os/as a simplicidade, paciência e a fraternidade. No âmbito de suas funções pastorais constitui presidir as celebrações cotidianas e festivas; acompanhamento nas procissões, missas de encomendação do corpo para o sepultamento de integrantes da Irmandade; conduzir os atos de iniciação dos postulantes, noviços e irmãos professos e irmãs professoras.

Ao longo da existência da Irmandade ocorreram diversos conflitos entre a Mesa Administrativa e de irmãos e irmãs, especificamente, com os Capelães, seja por questões pessoais, seja por tentativas de interferência e controle dos Clérigos nas questões

⁴⁹ Arcebispo Primaz do Brasil, atualmente, 2023, Dom Sérgio da Rocha.

⁵⁰ Ministro ordenado, autoridade eclesiástica que provê assistência espiritual a regimentos militares, escolas, hospitais, presídios e irmandades.

administrativas, culturais e do diálogo inter-religioso exercido pelo Rosário dos Pretos. Em alguns momentos, houve a solicitação à Arquidiocese para mudança de padres que estavam atuando na Igreja. Desde o início do processo eleitoral em 2023, que conflitos se acentuaram entre um grupo de irmãos e irmãs e o Capelão, que comentarei no próximo tópico.

A Mesa Administrativa busca sempre que os indicados pelo Arcebispo sejam sacerdotes que compreendam e incentivem a evolução social, cultural, econômica e espiritual da Comunidade Negra. Desde que cheguei à Irmandade foram estes os padres que tive contato, seja por serem capelães ou por participarem ativamente das atividades e celebrações cotidianas e festivas, quando eram convidados: Capelão Padre Hélio – 1984 a 2000; Padre Alfredo Dórea – 1994 a 2001 (ficou esse período apoiando padre Hélio); Capelão Josival Lemos Barbosa – 2002 a 2006; Capelão Ademar Dantas – Agosto de 2006 – agosto 2007; Capelão Gabriel dos Santos Filho – setembro de 2007 a 2012; Capelão Padre Cônego Lázaro Silva Muniz 19 de fevereiro de 2013 a dezembro de 2018; Capelão Padre Jonathan – 2019 a Janeiro de 2020; Capelão Raphael Muteba Ndjibu, MAFR – 8 de fevereiro de 2020 a fevereiro de 2022 e atualmente, mais uma vez, o Padre Cônego Lázaro Silva Muniz – 20 de março de 2022. Além desses, eram ativos no Rosário dos Pretos os padres Gaspar Sadoc, Clóvis Cabral, Renato Minho Figueiredo Filho, Gilmar Santos de Souza e Robson Antônio Rios. Toda estrutura funciona se constitui e se legitima a partir de um poder temporal central, que se efetiva por um processo eleitoral que se modificou ao longo do tempo.

1.5 A IRMANDADE E SEU PROCESSO ELEITORAL

No Compromisso de 1820 (Foto 8), no capítulo das eleições, se descreve que será convocada a Mesa, onde devem estar todos os presentes, e quando algum irmão não puder, seja substituído por outro que já tenha sido parte de ato de Mesa. Nessa eleição, são colocadas favas pretas e brancas e um saco para colocá-las, como forma de escrutínio, que será de responsabilidade do escrivão fazer a contagem no final da votação. O Juiz da atual gestão, primeiro da série de Angolas, indicará três irmãos que sejam aptos para ser Juiz. Hoje, chamamos de Prior. Após aprovado, passa-se a três nomes para Juiz, da série dos Crioulos. Depois, segue a sequência com o escrivão e o tesoureiro. Contudo, existia um detalhe apresentado no compromisso, que no ano que o escrivão fosse angolano, o tesoureiro deveria ser crioulo e vice-versa. Conforme compromisso de 1820, diz que não poderá ficar a Mesa reeleita de um ano para outro sem justos motivos. Contudo, não diz o tempo de gestão.

Figura 21 – Compromisso

Fonte: Arquivo da Irmandade, 1820.

Trazendo uma lembrança do Processo eleitoral, o Irmão Bira diz que “antes não tinha eleição como é hoje. Era por aclamação. As mudanças no processo são iniciadas nos anos dois mil, conforme lembra ele: “Eleição com novos critérios começou a partir de 2005, depois da reforma do compromisso e da junção das duas mesas. Os da mesa administrativa maior, pois tinha isso, mesa maior e mesa menor. Nas chapas a mesa maior era composta do Prior, Vice-prior, Tesoureiro, Secretário e Procurador.” Por fim, nos informa que os demais irmãos e irmãs com cargo ocupavam “mesa menor”. Sendo quase lugares simbólicos, pois “o que a mesa maior decidisse no dia a dia era Lei e o Prior só dizia o que aconteceu, relatava o fato na reunião, que geralmente era no segundo domingo, após a missa.”

Após muitos anos sem a exigência de um pleito eleitoral de votação direta, veio a reforma do Compromisso, em 2001, e passou-se, então, a ter uma única mesa administrativa, onde homens e mulheres podiam votar e serem votados/as. Até 2001, as mulheres não tinham este direito, e faziam parte de uma Mesa de Honra, sem atos de administração da Irmandade.

Segundo a Irmã Nilsa:

O que eu penso é que precisava de empregadas, vou dizer bem assim, pessoas para trabalhar, para lavar, para cozinhar, para fazer serviço. A mulher não votava, a mulher não tinha direitos, a mulher não tinha nada, então ela só se servia mesmo para fazer as coisas e para parir. E isso na sociedade Brasileira e mundial também. Não podia ocupar cargo na mesa. Então elas iam pra que? Elas mostravam o poder delas através das coisas que elas faziam e como deixavam a irmandade funcionar bem. Administração, toda estrutura, toda a irmandade funcionando através das mulheres, do que as mulheres faziam e não os homens. Aqui, as mulheres é que mantinham. E comprando as coisas, objetos de uso das coisas aqui dentro, elas vendiam e compravam, ajudavam, amalhavam tudo o que precisavam para as festas, a organização era exemplar e a organização está provado que não era dos homens. Já está na hora de ter uma mulher Priora. Porque a mulher já provou a capacidade que ela

tem. Ela delibera, ela executa e ela tem capacidade e competência para agir em qualquer lugar.

As eleições da Irmandade do Rosário dos Pretos, até 2005, todo o processo era conduzido pela mesa administrativa, onde os irmãos indicavam outros irmãos a partir do conhecimento, do tempo de irmandade, da sua condução e compromisso com a Ordem. E assim, após as indicações, os irmãos votavam em reunião de Mesa, além da participação de integrantes da Irmandade, selecionando aqueles em que acreditavam ser mais adequados, mas também por amizades e interesses para integrar a administração da Ordem Terceira.

Para o irmão Júlio relata “houve um período na gestão do prior Manuel Galvão que os integrantes da Mesa só mudavam de cargos e continuavam na gestão. Eles mesmos se revezavam e não havia eleição direta. Por outro lado, em outros momentos havia várias chapas, constituindo o que ele denominava de Mesa Maior”.

Esse controle remonta, guardando-se as devidas proporções, as estratégias utilizadas pelos angolas e crioulos no controle da administração da Irmandade, mesmo estando, determinado período, em menor número do que as outras etnias, pois só eles podiam ocupar determinados cargos e votarem e ser votados nas eleições para Mesa Administrativa. Isso ocorre até hoje, pois só os Irmãos e Irmãs da Ordem Terceira podem votar e ser votados. Os demais membros das devoções não participam do processo eleitoral para Mesa Administrativa da Irmandade.

Após a reforma do compromisso, em 2005, ocorreu a primeira eleição com Mesa única. Tendo duas chapas concorrendo. Nessa gestão, eu era Mestre de Noviço(a), assumindo após renúncia de um integrante. Naquele período houve uma assembleia, que não existia como figura institucional no compromisso. Havia, sim, a Junta Definitória. A institucionalização da Assembleia veio ocorrer na reforma do Compromisso em 2017. Segundo o Irmão Nicanor, foi criada uma junta administrativa, após a renúncia de toda Mesa Administrativa daquele triênio, composta pelos Irmãos Júlio Cesar, Francisco Albuquerque, Jacira Bafafé, Antonio Lima Nicanor e Almir Menezes.

Foram muitos conflitos durante a gestão do Irmão Eurico Alcantara, principalmente quando ele retoma o controle da portaria para a Irmandade, pois até então era administrada por irmãos da Ordem. O irmão Bira lembra desse fato: “um desafio que também participei foi a retomada da portaria, pois era administrada por irmãos que repassavam migalhas para a Irmandade, principalmente na alta estação do turismo.”

E com avanço desse processo eleitoral, retornei à mesa em 2011 como Vice-Prior, e depois com a renúncia do Prior, assumi o priorado, completando a gestão de 2012 até 2014.

Neste ano, também com chapa única, concorri como Prior e fui eleito, conduzindo a gestão trienal da mesa administrativa de 2014 a 2017. De forma distinta, o processo eleitoral para a Mesa Administrativa de triênio 2023-2026, após 18 anos, ocorre uma nova disputa entre duas chapas.

Em maio de 2023, a Mesa Administrativa da Irmandade enviou um ofício ao Arcebispo de Salvador, Dom Sérgio da Rocha, para a autorização, conforme requer o compromisso, para a participação dos irmãos e irmãs com 75 ou mais no pleito eleitoral de 2023. Na atualização do Compromisso, em 2017, foi inserido por meio de determinação do antigo Arcebispo Dom Murilo Krieger, por meio do direito canônico, a idade de 75 anos como idade regimental para a atuação em cargos da Irmandade, assim como ocorre para os Bispos da Igreja.

Após 3 meses, em agosto, após uma reunião com o Irmão Prior Adonai Passos e o Procurador-Geral Antônio Nicanor, o Delegado Episcopal Padre Jair Rêgo que acompanha as Irmandades Católicas em Salvador, orientou que a Mesa Administrativa deveria fazer uma assembleia para a retirada desse item do artigo, que impedia os integrantes da irmandade com 75 anos ou mais participarem do processo eleitoral, encaminhando assim a decisão da assembleia para a validação do Arcebispo.

Apesar disso, fomos surpreendidos pela decisão da Mesa Administrativa, em reunião do dia 27 de agosto, de não acolher esse encaminhamento e sim postergar para a próxima gestão, fundamentando essa decisão de que deveria ser feito na revisão geral do compromisso e do regimento interno, além de que essa convocação de assembleia atrasaria todo processo eleitoral, que já tinha sido iniciado no dia 19 de agosto, com a publicação edital eleitoral.

Uma outra narrativa se configurou, pois após 18 anos sem disputa de chapas no processo eleitoral, depois da reforma do compromisso de 2001, apenas houve uma para o triênio 2005 a 2008, a decisão da Mesa pode ter sido uma tentativa deliberada de apoiar uma das chapas, pois a concorrente tinha mais da metade de irmãos e irmãs acima da idade permitida pelo compromisso. E isto inviabilizaria a concorrência. Este processo de controle de poder institucional não é algo novo, pois desde sua criação essas estratégias eram utilizadas pelos nossos fundadores.

Começamos este capítulo falando sobre o processo eleitoral, e aqui, finalizo retornando a ele, pois neste ano de 2023, a Mesa Administrativa não tomou posse, pois diante dos questionamentos iniciados desde o início do processo eleitoral, no dia 19 de agosto de 2023, e após a finalização do pleito e seu resultado 17 de setembro de 2023, sem respostas convincentes por parte da Mesa de 2020 a 2023, foram encaminhados os mesmos questionamentos ao Arcebispo de Salvador, que incumbiu ao Delegado Episcopal a condução da avaliação e

apresentação de parecer para subsidiar a decisão do Arcebispo em autorizar ou não a posse. Não sendo suficiente, cremos, o parecer apresentado, o Arcebispo solicitou que o aguardasse chegar de Roma, do encontro de Bispos com o Papa sobre a Sinodalidade⁵¹ da Igreja, para escutar todos as partes envolvidas na eleição, antes de seu posicionamento, inclusive podendo anular a anterior e determinar a realização de nova eleição.

Após a chegada do Arcebispo de Roma, e durante a Festa de Nossa Senhora, fomos informados que a posse da nova Mesa Administrativa, triênio 2023 -2026, foi suspensa até avaliação das impugnações que foram apresentadas durante e pós pleito realizado. Assim, passaram muitas semanas, e um decreto do Arcebispo estabeleceu mais 4 meses de prorrogação da Mesa Administrativa, triênio 2020 a 2023, para elaborar novo processo eleitoral. Novos procedimentos, novas impugnações, e até a utilização de critério de frequência durante a pandemia, como obrigatória, para votar e ser votado, contrariando inclusive as orientações da própria Igreja em sintonia com as autoridades sanitárias. Por tudo isso, mais uma vez não houve eleição.

Portanto, após mais uma prorrogação, de maio a agosto, sem outra possibilidade de isso ocorrer novamente; reuniões com Arcebispo, uma assembleia geral extraordinária, que também foi alvo de impugnação, não acolhida pela Presidência da Assembleia, o Capelão Padre Lázaro Muniz, estamos até o momento aguardando que seja finalizado o pleito eleitoral dentro das orientações do Arcebispo Dom Sérgio da Rocha, em consonância com o compromisso, regimento interno da Irmandade e com os critérios que promovam a inclusão e participação de cada integrante da irmandade do Rosário dos Pretos e Pretas.

De forma inesperada, foi prorrogado o mandato por mais 4 meses da Mesa Administrativa, sendo de 8 de agosto a 8 de dezembro de 2024.

Nesse ínterim assumiu como Vigário-Geral na Arquidiocese de São Salvador o Padre Gabriel Santos Filho, que foi Capelão do Rosário, e, logo, pedimos uma audiência para que ele pudesse nos ajudar a resolver essa situação. Contudo, após nos ouvir e ter enviado uma correspondência solicitando a indicação de representantes que pudessem dialogar para encontrar um caminho de consenso, sequer sua missiva foi levada em consideração e o mesmo foi impedido de continuar no processo. Como analisar? Silenciamento, corporativismo, autodefesa? Então, no dia 9 de novembro de 2024, foi convocado o Cônego Padre Lázaro Muniz

⁵¹ Segundo o Papa Francisco, “A sinodalidade expressa a natureza da Igreja, a sua forma, o seu estilo, a sua missão. Não digo isso com base na minha opinião teológica, nem mesmo como pensamento pessoal, mas seguindo o que podemos considerar o primeiro e mais importante “manual” de eclesiologia, que é o livro dos apóstolos” (Papa Francisco, no Encontro com a Diocese de Roma, em 16 de setembro de 2021).

e irmãos e Irmãs pelo Prior e Secretário para o processo eleitoral por meio de edital 001/2024 publicado, após todas as mudanças do Compromisso e do Regimento, em uma assembleia que impediu a participação da maioria dos irmãos e irmãs do Rosário. Esta eleição impediu a participação de uma segunda chapa e fez o Irmão Secretário o atual Prior e o antigo Irmão prior atual secretário, numa explícita convergência de interesses, sob os auspícios do Capelão, do Delegado Episcopal, da assessoria jurídica da Cúria, do Vigário-Geral e da aprovação do Arcebispo em decreto do 16 de dezembro de 2024.

E assim, um grupo de irmãos e irmãs, buscou amparo no poder judiciário para reverter o processo em curso, e no dia 30 de novembro, foi aberto o processo de número 8182183-42.2024.8.05.0001, que teve decisão de citar a parte ré (irmandade e arquidiocese) para se manifestar diante as alegações que foram apresentados pelos autores da ação (irmãos e irmã) que se sentiram alijados e cerceados de seus direitos pelos vícios apontados no pleito eleitoral. Assim, a assembleia, a eleição e posse estão sub judice, enquanto não houver uma deliberação judicial definitiva.

Apesar desses processos conflitantes, com idas e vindas nas construções das relações étnico-raciais, da disputa por espaços das mulheres pretas diante do machismo estruturante na Irmandade, no enfrentamento contra uma sociedade racista, inclusive com embates dentro da estrutura da igreja católica, a Irmandade conseguiu perpassar, por três períodos históricos, com grande autonomia, altivez e capacidade de adaptar-se às realidades que se apresentavam, sejam nos aspectos sociais, econômicos, políticos e religiosos, não sucumbindo (diversas Irmandades ficaram apenas na história dos livros e textos que li durante esse período de escrita), e até mesmo comparando-a com as que ainda resistem, pois muitas apresentam dificuldades de administração e de intervenção da Igreja. Portanto, acreditamos neste trisecular sucesso ao longo da sua história, principalmente porque foi, institucionalmente e por meio de seus integrantes, responsável por idealização, acolhimento, participação, atuação e promoção dos diversos movimentos negros de Salvador e da Bahia.

CAPÍTULO II. IDENTIDADE, RELIGIOSIDADE E FÉ NAS CELEBRAÇÕES DE SANTOS E SANTAS NA CASA ROSARIANA

Neste capítulo faremos uma peregrinação pelos ritos, liturgias e simbologias das festas e celebrações na Igreja do Rosário dos Pretos, que são momentos de fortalecimento e reatualização da identidade negra, do pertencimento e da resistência da cultura afrodiaspórica aliada ao estreitamento dos laços da Irmandade e de irmãos e irmãs com as comunidades e as religiões afro-brasileiras. Conto através dos relatos orais sobre devoções e grupos religiosos criados na Irmandade, santos e santas, calendários e preparações para as festas e como estas marcam/configuram a identidade da Irmandade e de seus e suas participantes. Narramos sobre o encontro das diversas manifestações religiosas e culturais, da elaboração e partilha da comida, dos roteiros das procissões e a força da fé de devotos e devotas aos seus oragos⁵². Isso tudo nos remete a pensar que o encontro entre a matriz negra do cristianismo em África e a religião tradicional africana pode ser o esteio dessa religiosidade e identidade do Rosário dos Pretos.

É domingo. Para os cristãos católicos, o domingo do Senhor é um dos dias mais importantes na liturgia da Igreja. Irmãos e irmãs acordam entre 5h e 8h, em diversos bairros da cidade, e se dirigem à Igreja do Rosário, Centro Histórico – Pelourinho, para celebrar a Santa Eucaristia e louvar Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e das Pretas, na missa das 9h. Ao chegarem, vão saudando a casa, com toque na porta principal, seja com as mãos, seja com a cabeça. Adentram pela porta lateral, seguindo para o quintal, onde fica o cemitério. No caminho a esse espaço, irmãos e irmãs seguem em silêncio, pois aprendemos a saudar primeiro nossos ancestrais. Após orações, retornam para saudar nossa Senhora do Rosário e demais santos negros e santas negras da casa, a exemplo de Santo Antônio de Categeró, São Benedito, Santa Ifigênia, Santo Elesbão, que compõem nossos altares, assim como Santa Bárbara, que é branca, e estabelece a relação da Irmandade com o universo da multiculturalidade, da dupla pertença religiosa, tendo como arquétipo uma referência nas religiões dos povos e comunidades de terreiro, designada de Iansã, Oyá⁵³ e Bamburucema⁵⁴. Após este encontro com a ancestralidade e os santos e santas, então se inicia o contato entre os irmãos e as irmãs, por meio das saudações, que podem ser Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo, Salve Maria ou troca

⁵² Refere-se ao santo a quem se dedica um templo ou uma capela; padroeiro.

⁵³ Oyá, também conhecida como Iansã, é uma divindade do Candomblé e da Umbanda que representa os ventos, as tempestades e a coragem.

⁵⁴ Nome que se refere a Matamba, inquite da mitologia bantu. Matamba é uma figura associada a ventos, raios, tempestades e fertilidade. É equivalente à orixá Iansã.

de benção. Para a primeira responde-se “para sempre seja Louvado com Sua Mãe Maria Santíssima”. No caso da segunda, a resposta também é “Salve Maria!”. Sendo que a terceira, cada irmão pode responder ao pedido de benção com: “Meu Pai lhe abençoe”, “Nossa Senhora lhe Abençoe”, “Oxalá lhe abençoe”, “Deus lhe Abençoe” ou outras variações.

Neste ir e vir para a preparação da missa, mais membros e membras da irmandade e outras pessoas, sejam fiéis ou turistas, vão chegando. As conversas acontecem no quintal, na cozinha, dentro da Igreja, na entrada do Templo, ou nos corredores laterais, um externo, onde todas as pessoas podem acessar e o interno, restrito aos integrantes da irmandade e devoções, que leva à secretaria, à tesouraria e sala do irmão Prior, presidente da irmandade.

Ao iniciar a missa, entramos em procissão, cortejo formado pelos integrantes da irmandade, convidados e convidadas e o Capelão ou o Padre que presidirá a missa. Na finalização do cortejo, vão os irmãos para a galeria reservada à esquerda e às irmãs para o espaço à direita. Esta característica se mantém até os dias atuais, sendo um sinal diacrítico, assim como outros aqui citados, de marcadores de identidade da Irmandade dos Homens Pretos, nome jurídico, que também ainda permanece, mesmo sendo formada ao longo da sua história por grande número de mulheres.

Após finalização do momento religioso, seguimos para a sacristia, pela porta lateral a direita, de quem está de frente para o altar, onde o irmão Prior, o Capelão e o irmão Secretário ou irmã Secretária trarão informações gerais, notícias sobre irmãos e irmãs, fatos, convites, temas para serem discutidos ou decisões da Mesa Administrativa. Esse momento é chamado de Preleção. (Figura 22). Em sequência, é concedida a palavra para quem dela queira fazer uso, iniciando pelas irmãs, depois os irmãos.

Encerrando todas as falas, o irmão Prior, caso não tenha nenhuma resposta ao que foi discutido ou apresentado, finaliza com a saudação bendigamos ao Senhor! E nós respondemos demos Graças a Deus! São três emissões do irmão Prior e três respostas da assembleia.

Figura 22 – Preleção na Sacristia irmãos e irmãs da Pia União de Santo Antônio



Fonte: Arquivo do Irmão Geraldo, 2024.

Ao longo desses 27 anos, como integrante da irmandade, muitas pessoas marcaram essa caminhada⁵⁵. Assim como fomos e somos marcados por pessoas, somos marcados também por todo esse arcabouço identitário, religioso, com tantas memórias que nos chegam a cada dia, a todo momento, no ir e vir para as celebrações, encontros, festas, nos diversos deslocamentos que fazemos, seja dos bairros de onde partimos, poucos são moradores do Centro Histórico Antigo, sejam dos deslocamentos subjetivos que nos movem e nos formam como fiéis, devotos, devotas, parte da irmandade ou como seres humanos. São encontros e desencontros de cada pessoa consigo, entre irmãos e irmãs e de cada integrante da irmandade com a própria organização religiosa. Como diz o Irmão Raimundo Nonato, “aqui é uma casa de cura: às vezes somos médicos, às vezes somos os pacientes.”

O espaço sagrado da Igreja do Rosário, que chamamos de *casa, comunidade rosariana, família do rosário*, possibilita processos de aprendizado das relações sociais, políticas, religiosas e inter-religiosas, de sociabilidade, solidariedade, mas também de disputa, de defesa de interesses individuais e coletivos, na construção de narrativas, de formações permanentes e ou temporários, de alianças nos processos de assunção ou manutenção de poder, principalmente no que tange às relações de gênero, pois há pouco tempo as mulheres passaram a ter parte na Mesa Administrativa, um impeditivo que se manteve desde sua fundação até 2001, na atualização do Compromisso (Estatuto da Irmandade). Como já tratamos nas páginas anteriores, antes deste período, existiam duas mesas: a administrativa, composta pelos irmãos, e a de honra, composta pelas irmãs, que tinham como atividades manter a limpeza e arrumação da igreja,

⁵⁵ O Capelão Padre Hélio Silva, o Padre Alfredo, Padre Gabriel e Padre Lázaro; e os irmãos Edson Tobias de Matos, Rafael Gonzaga, Alberico Paiva, Pedro Soares, Júlio Silva e Domingos Ramos (Dominguinhos). Estes irmãos e Padre Hélio já na eternidade. Também as irmãs Lourdes Bárbara, que se tornou evangélica, Maria Rosa (Rosinha) Nilsa Bonfim, Ivone da Paixão e a Irmã Joselita do Patrocínio (Parente do abolicionista José do Patrocínio). E a irmã Maria José (Zezé) com seu abará e mingau. E como esquecer seu canto para Santa Bárbara. Estas três últimas, também chamadas a vida eterna

cozinhar, passar e organizar as festas. Esta mesa de honra passou a existir a partir de 1900, início do século XX e deixou de existir em 2001, século seguinte, fruto das lutas por participação mais ampla e de decisão das mulheres.

Atualmente, temos as celebrações que ocorrem às segundas-feiras, 9h, para os antepassados; terças-feiras, 18h, para Santo Antônio de Categeró; toda última quarta-feira do mês para Santa Bárbara; toda primeira quinta do mês para São Benedito, ambas às 18h. As festas destes oragos, ou seja, santos e santas, movem toda a comunidade. O Domingo, dia do Senhor, também é dedicado à Nossa Senhora do Rosário. A Irmandade, Devoções e Terço dos Homens estão sob autoridade da Mesa Administrativa da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos. Estas são as ações regulares que mantêm e mobilizam mulheres e homens que compõem a Irmandade. A festa de Santo Antônio de Categeró acontece no segundo domingo de janeiro. A de São Benedito no último domingo de abril. E Santa Bárbara sempre no dia 4 de dezembro. A Festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário ocorre no último domingo de outubro. Isto só ocorre no Rosário, pois seu dia é 7 de outubro. Neste dia, há uma celebração com os integrantes da irmandade revestidos de traje completo com o hábito branco mais o grau (capa). Algumas memórias narradas dão conta de situações que abrem brechas na estrutura e dinâmica organizativa da Irmandade. Uma irmã por não poder vestir preto (a cor do grau que usamos como professos e professoras), num determinado dia da festa do Rosário, quando esteve priora da Mesa de Honra, conseguiu que fosse mudada a data, garantindo assim sua participação em momento apropriado. Outra narrativa dá conta que por ficar muito próxima da festa de Nossa Senhora Aparecida, houve a necessidade de transferir a festa do Rosário para o final do mês.

Todas essas celebrações e festas acontecem no ambiente cultural dinâmico e diverso, ou como prefiro de multiculturalidade, de cultura híbrida, de dupla pertença, ou como muitos chamam de *sincretismo religioso*⁵⁶, seja no âmbito da individualidade, seja na estrutura institucional da organização religiosa, que atualmente é muito mais exposta e visibilizada. A partir do meu noviciado (aceito para a formação de um ano) passando pela profissão, que é o momento pós noviciado, de receber o grau e a consagração de irmão professo, passaram-se muitos anos para que eu recebesse o primeiro convite do Irmão Pedro, que foi prior da Irmandade, para participar de uma celebração no seu Terreiro, que mesmo sem entender muito bem, comecei a prestar atenção nessa relação entre a Irmandade com as religiões afro-brasileiras.

Na segunda-feira, a missa para os antepassados ou ancestralidade é cercada de muita

⁵⁶ Fusão de crenças de diferentes tradições religiosas, resultando em uma nova prática ou crença.

espiritualidade. Após a celebração, em cortejo com velas, nos dirigimos ao cemitério, que fica no quintal da Igreja, para rezarmos pelas almas. Em um espaço vidraçado temos a imagem da escravizada Anastácia, cuja celebração em sua memória realizamos em 12 de maio. Logo após as orações, são servidos mingau, café e pães para os participantes. Este momento de partilha foi introduzido pelo Padre Gabriel, que foi Capelão da Irmandade (2007/2012).

A missa de Santo Antônio de Categeró é realizada terça-feira, às 18h, sendo uma das mais concorridas, pois conta com a presença de gente de toda a cidade, estado e do mundo ao longo de todo ano. A celebração da missa tem características que reportam a aspectos da cultura e identidade negra. Ela acontece com muitos cantos dançantes, ao som dos tambores, atabaques, agogô, pandeiro, muitas palmas. Os corpos dos participantes seguem a música expressando gestos que remetem a nossa afro-brasilidade e afro-diasporidade características das danças rituais dos Orixás⁵⁷, Voduns⁵⁸ e Inquices⁵⁹, bem como no Samba. Santo Antônio de Categeró, negro mulçumano, se converteu ao cristianismo, tem pelos irmãos e irmãs de *dupla pertença* sua referência arquetípica em Ogum Xoroquê⁶⁰ cultuado por algumas religiões afro-brasileiras. A missa embalada por cânticos cristãos católicos e populares, com sons e ritmos afro-brasileiros e socialmente encarnados, falam da nossa realidade e das lutas diárias da população negra. Nessa perspectiva foram introduzidas na liturgia, na parte do ofertório, cestas de pães, que são doados pelos fiéis e que, após o encerramento da missa, são distribuídos entre os presentes.

A introdução dos instrumentos da cultura afro-brasileira, a exemplo de atabaques, agogô, pandeiro e mesmo os cantos foi feito a partir das visitas e trocas feitas pelo o Irmão Alberico Paiva a outras Irmandades e comunidades negras. O desejo do Irmão Alberico era criar um coral negro gregoriano. Após algumas viagens ao Quilombo dos Arcturos, em Minas Gerais, na cidade de Contagem, ele começou a trazer diversas letras, melodias e formas de cantar músicas cristãs católicas ou músicas de cantos populares, em ritmos afro-brasileiros e assim começou a convidar irmãos e irmãs para poder executar esses cantos com sua ideia inicial. Contudo, o caminho foi outro. E entenderam que a ancestralidade e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos queriam um grupo de canto com características de afrobrasilidade e assim foi desenvolvido.

O grupo começou em 1995, com os irmãos Alberico Paiva, Júlio César (que levou os

⁵⁷ Divindades que representam forças da natureza e aspectos da vida humana. São cultuados em religiões africanas e brasileiras de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda.

⁵⁸ Divindades africanas que são o centro da religião vodum. Cultuam os ancestrais com raízes nos povos Jeje-Fon.

⁵⁹ Divindades da religião afro-brasileira do candomblé de nação Angola.

⁶⁰ Qualidade ou especificidade do orixá Ogum, que é o orixá da guerra e da tecnologia. Nas religiões de matriz africana, Ogum Xoroquê é *relacionado*(grifo nosso) com Santo Antônio.

instrumentos de percussão), Antônio Carlos (Toni), Roberto Nascimento e as Irmãs Josete, Maria Miguel, Valquíria, Raimunda Nicanor, Valdete, Lourdes Bárbara e Gildete. Em 1996, um ano depois, o grupo cresceu com a adesão de novos irmãos. Os irmãos Santana, Marcelo, Mário e Márcio, que inseriram o ritmo de samba nas letras cantadas. Neste ano, a Mesa administrativa iniciou uma campanha entre os integrantes da Irmandade, dizendo: *“Aqui é a casa do negro, cada um(a) traz mais um(a)”*, contando ainda como apoio dos Filhos de Ghandy. Era o Irmão Tio Souza que levava o grupo de jovens do Ghandy para tocar aos domingos e isso foi atraindo cada vez mais fieis e visitantes para a Igreja. Com tudo isso, as missas de terça-feira promoveram a ocupação do espaço do Pelourinho, além de favorecer outras iniciativas como a abertura de visitação cobrada, possibilitando uma nova fonte de receita para a Irmandade, que foi sendo destinado a execução e diversos projetos, aquisição de equipamentos, reformas e algumas melhorias na infraestrutura. Esse processo de mudança e enegrecimento da Irmandade não aconteceu de forma harmoniosa. O conflito mediou essas mudanças. A forma de administração dessa visitação com controle da portaria trouxe desavenças na casa rosariana.

Na última quarta-feira de cada mês, a igreja veste-se de vermelho. A celebração de Santa Bárbara atrai pessoas de toda a cidade, mulheres e homens, que vivenciam e experimentam a sua fé, por meio de uma devoção. Interessante que as missas, por serem uma vez por mês, não são cheias da mesma forma que a de Santo Antônio de Categeró, às terças-feiras. No entanto, a comemoração festiva tem uma transformação. No dia 4 de dezembro, há muito tempo, foi necessário que a missa saísse da igreja e se tornasse campal, sendo a ladeira do Pelourinho tomada por milhares de devotos e devotas da Santa. Uma explicação seria a sua proximidade mais efetiva com seu arquétipo Iansã. A missa também traz nos seus cânticos músicas que dialogam inter-religiosamente, encarnadas com a realidade do povo negro com ritmos afro-brasileiros. No roteiro litúrgico da missa, no ofertório, são entronizadas as doações de acarajés, que depois são partilhadas entre os devotos e as devotas.

A missa na primeira quinta-feira de cada mês é dedicada a um dos Santos negros mais populares do país, São Benedito. Este Santo tem diversas irmandades espalhadas pelo Brasil; porém, neste contexto, cada vez mais, tem apresentado a menor presença de irmãos e irmãs da Irmandade, bem como de fiéis. Mesmo tendo uma grande referência arquetípica no candomblé que é Ossain ou Ossanhe, responsável pelas folhas sagradas, parece-me que esta relação não se faz contundente do sentimento religioso de relação entre os devotos de São Benedito e do Orixá e vice-versa, como identificamos com Santa Bárbara e Iansã, por exemplo.

Antes da celebração de São Benedito, existe a doação de sopa para a comunidade. Ao longo da semana, que precede a celebração, irmãos, irmãs e fieis doam os ingredientes para o

cozimento. Uma duas horas antes da celebração, são distribuídas fora da igreja para a comunidade, principalmente pessoas em situação de rua e vulnerabilidade que transitam no Centro Histórico. Ao final da celebração, são distribuídos ramos de salsa (folha), pois São Benedito foi cozinheiro, como forma de passar a mensagem de que precisamos muito bem temperar as nossas vidas e as vidas das pessoas que caminham conosco.

Em todas as festas, com exceção de Santa Bárbara, após o grande dia que é domingo, na segunda-feira se faz memória aos antepassados. Essa missa é permanente durante o ano, pois, no Rosário, às missas aos fieis defuntos eram feitas especificamente nessa celebração. Em se tratando de passagem para a vida eterna, devemos acompanhar, com traje social da irmandade, o sepultamento de Irmãos e Irmãs, e estes levarão seus paramentos para o túmulo, vestidos ou dobrados sob a cabeça ou na lateral do esquife.

2.1 FESTAS, MOBILIZAÇÃO, IDENTIDADE E CULTURA NEGRAS

As festas no Rosário mobilizam toda a comunidade Rosariana e o Centro Histórico Antigo. Em janeiro celebramos Santo Antônio de Categeró, tendo a Devoção da Pia União de Santo Antônio de Categeró responsável pela elaboração do tríduo preparatório (quinta, sexta e sábado) e a festa do domingo, geralmente entre a primeira e a segunda semana daquele mês.

A organização começa no mesmo período que ocorrem os preparativos da Festa de Santa Bárbara, ou seja, nos meses de novembro e dezembro, coordenada pelo Irmão Definidor ou Irmã Definidora, que tem o apoio de irmãos e irmãs que são da Irmandade do Rosário e da Devoção da Pia União de Categeró, ou apenas da devoção ou fieis que se colocam à disposição para apoiar. O processo começa com a escolha do tema da festa, elaboração do material de divulgação, seleção dos cânticos, assim como as decorações do templo e dos andores de Santo Antônio de Categeró e de Nossa Senhora da Guia, que o acompanha na procissão pelas ruas do Centro Histórico (Figuras 23 e 24).

Figura 23 – Procissão da Festa de Santo Antônio de Categeró



Fonte. Arquivo da Irmandade, 2024.

Figura 24 – Procissão da Festa de Santo Antônio de Categeró no Pelourinho



Fonte. Arquivo da Irmandade, 2024.

Ocorrem também a indicação dos padres convidados para cada dia da celebração, roteiro da liturgia, leitores, comentaristas, equipe de acolhimento, quem serão os convidados para cada noite, desde lideranças de movimentos sociais até políticos e de instituições governamentais e não-governamentais. Tudo isso se dá por meio de diversas reuniões abertas à comunidade, encontros, e-mails, grupos de zap (coisas mais recentes), que promovem aproximações, desencontros, debates, mudanças, mas também garantias de manutenção da tradição, legados recebidos de gente que nos precedeu nesta caminhada.

Conforme o senso comum, em festa de preto e de preta tem que ter comida e na festa do

Rosário, já dizia irmã Abigail “não se pode passar vergonha!”. A cada dia do tríduo é servido uma iguaria, um mingau, um lanche, salgados, sucos, bolos etc., adquiridos pela Irmandade e, muitas vezes, doados pela comunidade Rosariana. Na festa de Categeró, por meio de uma relação inter-religiosa, é oferecido um feijão completo para quem chegar, que é servido em prato de nágé e comigo de mão, tudo ao som de um bom samba de roda. O dia é encerrado com uma missa às 18h.

Algumas semanas de descanso, logo após o carnaval, entramos na semana santa e já se começa a pensar na festa de São Benedito, que ocorre no mês de abril. Neste período, acontece durante a semana santa a procissão do Senhor Morto, cuja Irmandade participa com grande número de irmãos e irmãs, na Igreja do Carmo (Figura 25) e depois na Procissão (Figura 26). Após o cortejo, retornamos à Igreja, onde nos reunimos para a Consoada - cerimônia com refeição (água, peixe, pão e vinho) como sinal de jejum e atos de pedido de perdão aos irmãos e irmãs por situações indesejadas até aquela data. E depois brindamos entre nós com “rabo de galo”⁶¹.

⁶¹ Uma mistura de aguardente (cachaça) com vinho ou cinzano.

Figura 25 – Liturgia da Paixão do Senhor Morto na Igreja do Carmo



Fonte: Arquivo da Irmandade, 2024.

Figura 26 – Imagem do Senhor Morto no Esquife



Figura 26. Fonte. Arquivo da Irmandade, 2024.

A festa de São Benedito tem sua data de comemoração estabelecida pela igreja em 5 de outubro. Em alguns países, ocorre no dia 4 de abril, dia da sua morte. Na Igreja do Rosário comemora-se sempre no final do mês de abril, pois como geralmente até a primeira quinzena estamos finalizando a quaresma e comemorando a Páscoa, decidiu-se não justapor as duas celebrações. A celebração ocorre com o tríduo preparatório e o domingo tem a festa. Na segunda ocorre a missa destinada a nossa ancestralidade.

A celebração de São Benedito é cercada de simbologias com reflexões espirituais e temporais, desde a procissão de entrada, onde irmãos e irmãos adentram na igreja em cortejo

com as sandálias franciscanas nas mãos e uma vela acesa, ao som da música que pede licença para acessar aquele espaço sagrado, cujo caminho até o altar está cheio de folhas de pitanga. Mais uma vez as folhas estão presentes. Revestidos e revestidas com seus trajes específicos da Irmandade de São Benedito, integrantes passam toda a celebração com os pés descalços até a bênção das sandálias. Outro momento significativo, é a entronização do pote de barro com água, que é abençoado e depois cada integrante da Irmandade com seu canequinho de alumínio recebe um pouco dessa água e bebe, como sinal de atualização do seu batismo, com pedido de proteção interior diante das tentações e de perdão pelos pecados.

A procissão (Figura 27) segue pelas ruas do Centro Histórico, saindo do Rosário, sobe também até o Terreiro de Jesus, com paradas na Catedral da Sé e em frente a São Domingos de Gusmão, circunda-o e retorna a irmandade para o encerramento da celebração. Neste dia, após finalização da celebração, é realizada a saída da sopa e, algumas panelas, para distribuição nas ruas do Centro Histórico Antigo. Durante o período de preparação para a festa, a comissão escolhe uma organização social, que receberá alimentos, roupas e materiais de higiene pessoal, que são arrecadados até o último dia da festa e logo no decorrer da semana são entregues por membros da irmandade de São Benedito.

Figura 27 – Procissão de São Benedito no Pelourinho



Fonte. Arquivo da Irmandade, 2024.

Em julho, não há celebração de Santos e Santas na Irmandade, contudo é um período de grande contentamento, pois além de ser o 2 de julho, a independência do Brasil na Bahia, é a data em que a Irmandade do Rosário foi elevada a Ordem Terceira, maior grau de honraria dado a uma irmandade de leigos dentro da Igreja católica, existindo apenas o Rosário dos Pretos e Pretas, uma irmandade negra a ter esse título, no Brasil, quiçá na América Latina e no Mundo. Não conhecemos outra até este momento. A partir dessa data, “2 de julho de 1899, que a Irmandade recebeu o título da Santa Sé, pelo então Arcebispo da Bahia, Dom Jerônimo Thomé da Silva” (Santos, 2021, p. 1), tornando-se a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo – Irmandade dos Homens Pretos.

Realizamos a celebração às 7h e aguardamos a passagem da cabocla e do caboclo, para depositar flores (Figuras 28, 29, 30 e 31) em seus carros. Mais uma vez, observamos um diálogo inter-religioso entre uma Irmandade católica e as religiões afro-brasileiras que têm caboclos⁶² como entidades reverenciadas em suas liturgias e ritos sagrados.

Figura 28 – Entrega das coroas de flores na Festa do 2 de Julho



Figura 28. Fonte. Arquivo da Irmandade, 2017.

⁶² São espíritos encantados — memórias existenciais encantadas dos indígenas que já viviam aqui antes da invasão do Brasil ou dos que sofreram as violências do período colonial. São entidades espirituais que conduzem rituais e liturgia em muitos terreiros. São ligados aos elementos naturais, como água, luz, estrela e raios.

Figura 29 – Foto da Cabocla



Fonte. Arquivo da Irmandade, 2017.

Figura 30 – Coroa de Flores para o Caboclo



Fonte: Arquivo da irmandade, 2017.

Figura 31 – Foto do Caboclo e de fiéis



Fonte: Arquivo da Irmandade, 2017.

Nessa celebração de julho, há alguns anos, pois não era assim, recebemos as propostas de pessoas que querem ser membros e membras da Irmandade dos Homens Pretos ou de suas devoções: Pia União de Santo Antônio de Categeró, Irmandade de São Bendito e Devoção de Santa Bárbara. Durante as festas das devoções, esses postulantes, quando aprovados, passam, no terceiro dia do tríduo, pelo rito de iniciação⁶³.

Há 11 anos, temos o Terço dos Homens (Figura 32) e das Mulheres. Contudo, esse ingresso é espontâneo e não passa pela aprovação da Mesa Administrativa. Todas as sextas-feiras, às 18h, é rezado o terço, de responsabilidade de irmãos e irmãs do Rosário e demais participantes. Em 2012, às 18h30min, no dia 11 de maio, reuniram-se na Sacristia da Venerável Ordem, depois se deslocando para a Nave da Igreja, com o Capelão Padre Gabriel dos Santos Filho, o Irmãos Prior Ubirajara Santa Rosa, José Márcio Santana, Mário Santana, Marcelo Santana, Francisco Albuquerque, Raimundo Nonato, Adilson, José Carlos, Edson Tobias, além de convidados Gilvando, Evangivaldo Reis e Adelmo para fazer a primeira reza do terço.

Figura 32 – Terço dos Homens



Fonte. Arquivo da Irmandade, 2024.

⁶³ Ato realizado diante do Altar, de joelhos, conduzido pelo Capelão, com leituras e orações, onde o neófito assume o compromisso com a Igreja, a Irmandade e irmãos e irmãs para tudo realizar em benefício do bem comum, com fraternidade, justiça e caridade.

Na Festa de Nossa Senhora, os postulantes que já viveram o noviciado, passam pelo rito da profissão (Figura 33) que acontece numa missa específica, às 7h da manhã, antes da celebração festiva, às 10h. Neste dia, após este rito de profissão, há também um café da manhã.

Figura 33 – Profissão de fé de irmãos e irmãs



Fonte. Arquivo da Irmandade, 2023.

Logo após as comemorações do aniversário da ordem, iniciamos os preparativos para a Festa de nossa padroeira, Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e das Pretas. Contudo, a partir de 2020, no mês de setembro, passamos a comemorar Mama Muxima (Mãe do Coração), padroeira de Angola, que foi entronizada na igreja do Rosário, após três viagens àquele país de representantes da irmandade e do Capelão, onde foi promovido esse estreitamento de laços entre a Arquidiocese de São Salvador da Bahia, por meio da Irmandade, e a Arquidiocese de Angola, para a vinda da imagem de Mama Muxima para a Igreja do Brasil, na Bahia, em Salvador, no Rosário dos Pretos. São três imagens, apenas, que saíram de Angola. Uma está na Argentina, no Santuário de Lujan, Buenos Aires, entronizada em 14 de abril de 2013; a outra nos EUA, no Santuário de Fátima, em Nova Iorque, entronizada no dia 30 de abril de 2017; e a terceira veio para nós. Então, desde a chegada de Mama Muxima, na Igreja do Rosário dos Pretos e das Pretas, se faz os preparativos para as duas festas conjuntamente. A celebração ocorre na primeira semana de setembro, no mesmo período que ocorre em Angola. Buscamos trazer os

elementos ritualísticos e litúrgicos da celebração Angolana com adaptações a nossa realidade. Inicia-se no sábado, e no domingo festivo celebramos Mama Muxima (Figura 34) com vestes de estética africana (Figura 35), aproximando-se das vestimentas da celebração em Angola. (Figura 36).

Figura 34 – Mama Muxima



Fonte: Arquivo da irmandade, 2023.

Figura 35 – Celebração com vestes africanas - Festa de Mama Muxima no Rosário



Fonte. Arquivo da Irmandade, 2023.

Figura 36 – Festa de Mama Muxima em Angola



Fonte. Arquivo da Irmã Cosma Miranda, 2019.

Na Festa de Nossa Senhora havia um tríduo, assim como as outras celebrações, até 2020, e o domingo maior, dia da Padroeira. A partir de 2021, o Capelão Raphael Muteba, Padre Congolês (lembrando que nossos fundadores foram de Congo-Angola), que ficou durante um ano e meio, revigorou a novena de Nossa Senhora do Rosário, nove dias de preparação e no domingo a celebração, iniciando na sexta-feira até o sábado da semana seguinte, sendo o domingo o grande dia de Louvor a Mãe de Deus, Senhora do Rosário. Saímos em procissão,

saindo da Igreja, ao chegar ao Terreiro paramos em frente à Igreja da Catedral da Sé para saudar o Santíssimo Sacramento. Seguindo até o final da praça municipal, retornamos próximo ao hotel Fera e voltamos para a Irmandade. Nesse percurso de volta, fazemos duas novas paradas, na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda e Igreja de São Domingos para também saudar o Santíssimo Sacramento.

Na segunda, em especial na festa de Nossa Senhora, a celebração em memória aos antepassados tem um caráter diferenciado, pois devemos estar revestidos com toda a indumentária da Irmandade. São lembrados e registrados nomes que temos nos arquivos e trazidos por familiares de irmãos e irmãs que foram integrantes da comunidade rosariana, assim como nossos familiares. São anotados em pedaços de papel e colocados em um pano roxo, que fica aos pés do Altar. Ao finalizar a celebração no templo, saímos em procissão pela ladeira do pelourinho, indo até a fundação Jorge Amado e retornamos para o cemitério, onde realizamos as orações, acendemos as velas, recebemos aspersão de água benta e a bênção final.

E mais uma vez, não podia ser diferente, também na Festa de Nossa Senhora, a alimentação ocorre em todos os dias da atual novena, assim como ocorria no tríduo, e na segunda-feira após aquele rito final no cemitério, nos preparamos para o escaldado de bacalhau, com verduras e pirão, que também é distribuído para todas as pessoas que chegam até tudo terminar. A história da produção e distribuição desse alimento no período de 1835, após a revolta dos malês, onde muitos dos revoltados se esconderam na irmandade e para despistar a polícia foram colocados pedaços de toucinhos no escaldado do bacalhau, como forma de negar a presença de pessoas negras muçulmanas na Irmandade, pois estas não comem carne de porco. Entretanto, dizem que para os malês o escaldado era feito separado sem o toucinho. A irmã Ivone Paixão, uma pessoa marcante na minha trajetória na irmandade, era descendente de Malês.

Assim que termina a festa de Nossa Senhora do Rosário, já partimos para a organização da festa de Santa Bárbara. As missas que durante o ano ocorrem apenas na última quarta-feira do mês, em novembro, acontecem todas às quartas, somando-se aos dias do tríduo que se encerra no dia 4 de dezembro, independente do dia da semana, diferente das comemorações dos demais santos e santas.

A imagem da Santa foi recebida pela Irmandade dos Homens Pretos em 04 de dezembro de 1987, doada pela família Pompílio. A celebração iniciou-se com apenas uma missa, porém, a partir de 1998, com o aumento da participação dos fiéis, passaram a ser duas: a primeira às 7h, para entrada de novos membros à Devoção, e a segunda às 10h, a Missa Festiva. A partir desse momento, o padre Alfredo e o padre Hélio, Capelão, resolveram, com algumas irmãs e um irmão (Diva, Cosma, Pró Mimi, Renilda, Rosalvina, Claudenice e Leandro) criar a Devoção de Santa Bárbara, que passou a ser responsável por realizar a festa. Ao longo do tempo, a quantidade de devotos e devotas não mais cabia na Igreja. Diante desta situação, dois irmãos - Adilson e Ubirajara - sugeriram à Mesa Administrativa que solicitassem aos órgãos públicos a possibilidade da Missa Campal. Isto ocorreu no ano de 2004 e assim acontece até os dias atuais (Santos, 2021, p. 10).

Santos (2021) aponta para a importância e alcance que a festa de Santa Bárbara tem na cidade do Salvador, sendo considerada patrimônio cultural, conforme descreve no trecho a seguir:

Patrimônio imaterial desde 2008, com apoio do Estado e dos devotos e devotas para sua manutenção, a Festa de Santa Bárbara evidencia os caminhos da força e beleza da fé popular, que se expressa na celebração religiosa, nos agradecimentos, pedidos, encontros, saudações e cantos durante a procissão. Portanto, reconhecer a grandiosidade e importância desse ato devocional é dar seguimento e fortalecimento a tão bonita festa, que abre o calendário dos festejos populares da cidade do Salvador (Santos, 2021, p. 10).

Pessoas de toda cidade, do Estado, país e do exterior vêm para participar da festa de Santa Bárbara, como dito anteriormente. A procissão (Figura 37 inicia, após a finalização da missa, com a saída de diversos santos, conforme nos descreveu o Irmão Ubirajara Santa Rosa⁶⁴, nessa sequência: Cosme e Damião (Ibejis, Nvunge), São Jorge (Oxóssi Mutalambo), São Sebastião (Logum Edé), São Miguel (Logum Edé), São Lázaro (Omolu, Kawungo, São Jerônimo (Xangô, Nzazi), que tem suas referências com as entidades das religiões afro-brasileiras; e finaliza com Santa Bárbara (Iansã, Oyá, Bamburucema), que seguindo em direção ao terreiro de Jesus, praça municipal, desce a ladeira da praça, que leva a baixa dos sapateiros, entra na sede do corpo de bombeiros, do qual ela é padroeira, recebendo as saudações. Sai e segue, passando pelo mercado de São Miguel, que foi inaugurado em 1965, o Mercado São Miguel é um símbolo do comércio da Baixa dos Sapateiros, tendo seu auge entre os anos de 1970 e 1980.

A procissão sai do mercado de São Miguel e vai ao mercado de Santa Bárbara, onde tem uma capela de Santa Bárbara e fazem a festa com caruru distribuído para a comunidade. Dona Isabel Batista (falecida em 2021) foi a responsável pela ampliação da Capela e da manutenção da Festa no Mercado. E por fim, retorna à Igreja do Rosário. E como deveria ser -

⁶⁴ Irmão da Devoção de Santa Bárbara e foi Prior da Irmandade dos Homens Pretos. Irmão Professo desde 1997.

festa da negritude tem que ter comida - na semana seguinte, numa quarta-feira, é oferecido à comunidade o caruru de Santa Bárbara, todo preparo conforme os ritos litúrgicos característicos das religiões afro-brasileiras.

Figura 37 – Festa de Santa Bárbara



Fonte: Arquivo da Irmandade, 2023.

A partir desse momento retoma-se um ciclo, com trilhas e caminhos a serem construídos, pois durante a festa de Santa Bárbara, irmãos e irmãs já estão organizando a festa de Santo Antônio de Categeró. Um novo ano, novas lutas e mais esperança de dias melhores para o povo negro.

Em muitas irmandades, dentro dessas festas, momentos específicos ou atuando independente das irmandades existiam a coroação dos reis e rainhas do Congo. Segundo Solange Pallazi (2018):

Associadas a essas irmandades formais surgiram diversos outros grupos que passaram a se denominar “Irmandade do Rosário”. Um deles, de grande importância, que se constitui na segunda categoria de Irmandade eram os “Reinados de Nossa Senhora do Rosário”. Nos Estatutos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Ouro Preto, de 1715, está escrito da seguinte maneira: “Haverá nesta Irmandade um rei e uma rainha negros de qualquer raça ou nação”. E encontramos esta determinação em Livros de Irmandades de Pernambuco também. Este Reinado deveria participar como nobres na Festa do Rosário, e concorrer com dinheiro e trabalho, em sua realização (Pallazi, 2018, p. 2).

E mais:

Neste mesmo movimento surge também o que hoje chamamos de Congado, que seria a terceira categoria de “Irmandade de Homens Pretos”. Uma das formas que os escravizados e libertos tinham para conseguir dinheiro, para realização das suas festas, para pagamento de promessa e para fazer parte da Irmandade do Rosário ou de seu Reinado, era sair às ruas com grupo de tocadores, cantantes e dançantes, louvando Nossa Senhora do Rosário e os Santos Negros; e pedindo esmolas para festa. Os Reinados e os Congados são manifestações eminentemente brasileiras, que guardam em seus rituais, cantos, danças, expressões, indumentárias, rezas que trouxeram de África. Guardam muito da cultura do Povo Preto da Diáspora, são símbolos de resistência e prova da nossa africanidade (Pallazi, 2018, p. 2).

Na Festa de São Benedito é cantada a música “Hino a São Benedito” que faz referência às congadas, assim como ao Juiz da Irmandade de São Benedito, (Figura 38) que empunha a espada, remetendo aos Reis da Congada de Minas Gerais.

Figura 38 – Prior da Irmandade – Juiz da Festa de São Benedito



Fonte. Arquivo da Irmandade, 2024.

CONGADA⁶⁵

Benedito Santo
De Jesus querido
Valha-me Deus
Que eu tenho sofrido.
Benedito Santo
De Jesus querido
Valha-me Deus
Que eu tenho sofrido.
Que santo é aquele
Que vem no andor?
É São Benedito
Enfeitado de flor.
Que santo é aquele
Que vem no andor?
É São Benedito
Enfeitado de flor.
É conga, é conga, é congada
Bate marimba e tambor
Vou pegar minha espada
Que eu também sou lutador.

É conga, é conga, é congada Bate marimba e
tambor Vou pegar minha espada Que eu
também sou lutador. Sou do litoral do Norte
Sou filho de pescador
Batizado pela morte
E criado pela dor.
Vou lutar pelo reinado
Contra o embaixador
Vou lutar pelo reinado
Pois contra o pecado
Não há vencedor.
É conga, é conga, é congada
Bate marimba e tambor.
Vou pegar minha espada
Que eu também sou lutador.
É conga, é conga, é congada
Bate marimba e tambor.

Vou pegar minha espada
Que eu também sou lutador.
Eu cresci numa jangada
Eu não vivi, só lutei
Vou entrar nessa congada
Eu vou lutar pelo rei.
O rei tem que ser honesto
Pra poder fazer a lei
À sua lei eu me presto
Mas se ele é honesto, eu não sei.
É conga, é conga, é congada
Bate marimba e tambor.
Vou pegar minha espada
Que eu também sou lutador.
É conga, é conga, é congada
Bate marimba e tambor.
Vou pegar minha espada
Que eu também sou lutador.
Que santo é aquele
Que vem no andor?

É São Benedito
Enfeitado de flor.
Que santo é aquele
Que vem no andor?
É São Benedito
Enfeitado de flor.
É conga, é conga, é congada
Bate marimba e tambor.
Vou pegar minha espada
Que eu também sou lutador.
É conga, é conga, é congada
Bate marimba e tambor.
Vou pegar minha espada
Que eu também sou lutador.

Fonte: <https://youtu.be/Q4qaPB37R1E>

⁶⁵ Compositores: Antônio Carlos Nascimento Pinto / Romildo Souza Bastos. Interpretada por Clara Nunes, 1981.

2.2 VESTES, HÁBITO, BATAS E ABADÁS

Para celebração das festas da Casa Rosariana, as Irmandades e Devoções tem suas vestimentas específicas, com suas significações, simbologias, ritos e cantos que embalam cada missa.

A Venerável Ordem Terceira do Rosário – Irmandade dos Homens Pretos têm suas vestes (Figura 39) constituídas de um hábito, escapulário e lenço branco e uma “capa preta” (grau). Ainda trazemos um cinto preto com uma “espada” de couro preta que é transpassada pelo cinto, ficando posicionada do lado esquerdo do corpo. Do lado direito se coloca pendurado no cinto o lenço branco e o Santo Rosário. Debaixo do hábito, os irmãos, utilizam o traje social (camisa de manga comprida branca, calça preta e cinto preto, com meias pretas e sapatos pretos de cadarço – hoje não seguido rigidamente).

Figura 39 – Irmãos revestidos e em Traje Social



Fonte: Arquivo da Irmandade e do Irmão Júlio, 2023.

Este traje social foi incluído uma fita azul com medalha de Nossa Senhora⁶⁶, pois muitas vezes éramos confundidos com garçons. Por que será? Esse traje social utilizamos em eventos ou celebrações para representar a Irmandade, pois existem momentos específicos para utilizar o hábito completo. No caso das irmãs, no hábito completo é incluído uma anágua e um adereço na cabeça, o véu de filó (Figura 40).

⁶⁶ Não havia essa fita azul com a medalha de Nossa Senhora até 2017.

Figura 40 – Irmãs Revestidas



Fonte: Arquivos da Irmandade, 2023.

O traje social utilizado pelas irmãs são blazer branco, saia preta, meia cor da pele, sapato preto e a fita azul com a medalha de Nossa Senhora do Rosário (Figura 41). As irmãs, porém, não usam o traje social sob o hábito, apenas os irmãos.

Figura 41 – Irmãs em Traje Social

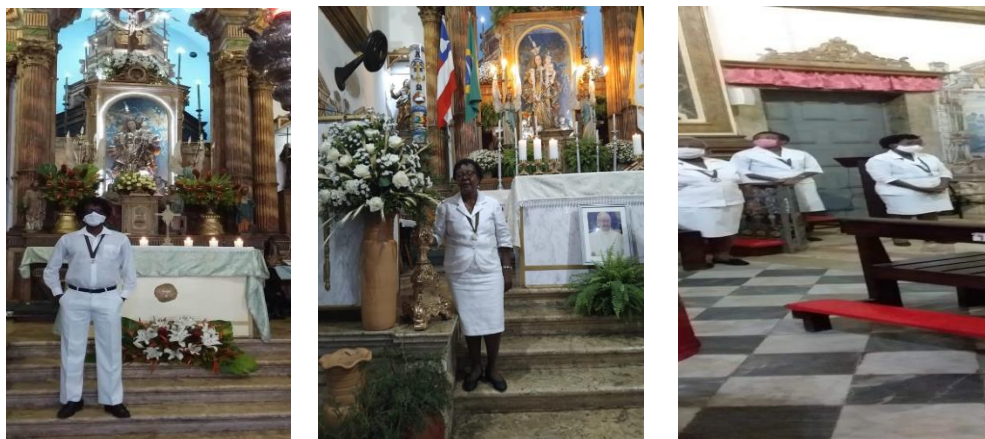


Fonte. Arquivos da Irmandade, 2023.

A Devoção de santo Antônio de Categeró é aberta a qualquer pessoa, independente de cor de pele. O postulante passa por um ano de noviciado e em seguida adentra a Devoção, que tem seu nome de Pia União de Santo Antônio de Categeró. Pia vem de piedade, espaço de se colocar em oração e santificação. O devoto é aquele que busca no santo a sua inspiração, de agir e viver como ele viveu. As vestes dessa devoção são calça e camisa de manga comprida brancas com cinto e sapatos pretos para os homens; e Blazer e saia branca com sapatos pretos para as mulheres. Como identificação tem uma fita marrom com a medalha de Santo Antônio

de Categeró (Figura 42). Até o momento dessa pesquisa, ainda não identifiquei a simbologia das vestes dos irmãos e irmãs da Pia união de Santo Antônio de Categeró.

Figura 42 – Devoção Santo Antônio de Categeró



Fonte. Arquivo da irmandade, 2024.

Santo Antônio de Categeró foi um negro muçulmano, que aprisionado por cristãos na costa norte da África foi vendido como escravizado para um grande proprietário rural na Sicília, chamado João Landulva. Ao se tornar livre, se converteu ao cristianismo e ingressou na Comunidade Franciscana. Era atuante no serviço aos que mais precisavam e ao morrer em Noto, em 14 de março de 1549, foi enterrado na Igreja de Santa Maria de Jesus e foi reconhecido como santo pelo povo. Após 50 anos de morte, aberto seu sepulcro, foi encontrado o corpo íntegro. Uma imagem sua foi esculpida e, posteriormente, encaminhada a uma igreja em que se cultua sua devoção, na África. De lá, atravessou o Atlântico e hoje se encontra na igreja da Paróquia de Nossa Senhora da Anunciação, no bairro Riachuelo, no Rio de Janeiro. Sua data de festividade é 20 de outubro, mas no Rosário, passou a ser comemorado no segundo domingo de janeiro. (Figura 43).

Oração

Oh, milagroso Santo Antônio
de Categeró, valei-me nesta
hora de aflição,
preciso da Vossa ajuda para vencer as lutas
do dia a dia e as forças malignas que
procuram tirar-me a paz.
Libertai-me das doenças e de todas as bactérias
infecciosas que querem contaminar o meu corpo
colocando-me enfermidades.
Oh, Santo Antônio de Categeró,
Estendei as Vossas mãos agora mesmo
sobre mim, livrando-me dos desastres, da inveja e

todas as obras malignas.
Oh, Santo Antônio de categeró,
Iluminai os meus passos, a fim de que, onde quer que eu vá, não
encontre empecilhos, e guiado pela Vossa luz me desvie de todas as
armadilhas preparadas pelos inimigos.
Oh, Santo Antônio de
Categeró, Abençoai a
minha família,
o meu pão e a minha casa,
cobrindo-nos com o véu da prosperidade, do amor, da saúde e da felicidade.
Por nosso Senhor Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo,
Amém!

Figura 43 – Santo Antônio de
Categeró



Fonte. Arquivo da Irmandade, 2024.

A devoção de Santa Bárbara tem como suas vestes para os devotos a bata vermelha e calça branca com sandálias de couro branco (Figura 44). A vestimenta acompanha a fita vermelha com a medalha de Santa Bárbara. Assim como nas demais devoções, seja de Santo Antônio de Categeró, seja na Irmandade de São Benedito, qualquer pessoa pode participar, após aprovação da Mesa Administrativa. Para tal, faz-se um ano de noviciado e depois ingressa definitivamente na Devoção.

Figura 44 – Irmã Devoção de Santa Bárbara



Fonte. Foto Celular Autor, 2023.

Segundo a Irmã Cosma Miranda, uma das fundadoras:

No início da criação da Devoção de Santa Bárbara, em 1998, o vestuário da devoção era uma Opa vermelha, mais curta para as mulheres, com um bóton alusivo a Santa. E a veste dos homens era uma Opa, maior, cobrindo o corpo. As mulheres usavam sapato branco, modelo Anabela e saia branca. E os homens usavam tênis branco com calça branca. Em 2004, em uma decisão das irmãs e irmãos que se reuniam todas as quartas, antes das celebrações, foi modificado o traje utilizado para o mesmo modelo das vestes da Irmandade de São Benedito. Ou seja, para as irmãs passou a ser Bata vermelha, saia e sandália franciscana brancas. E o bóton mudou para uma fita com a medalha de Santa Bárbara. No caso para os irmãos, Abadá vermelho, calça e sandália franciscana brancas mais a fita vermelha com a medalha de Santa Bárbara. Vermelha está associada ao martírio que Bárbara sofreu, mas também ao orixá Iansã. A cor branca foi uma decisão para contrastar com o vermelho.

Santa Bárbara foi uma jovem nascida em Nicomédia, atual Izmit, na Turquia. Por ser muito bela, seu Pai, Dióscoro, um rico e nobre, colocou-a numa Torre, com medo dela se envolver com as “situações pecaminosas” da sociedade da época. Muitos pretendentes a procuravam, pois além de ser bela, seu pai era muito rico. Contudo, Bárbara não aceitava. O pai acreditava que por estar muito tempo presa, ela recusava os pretendentes, então a liberou e

permitiu que visitasse a cidade. Nessa saída, ela se encontrou com cristãos, que lhe falaram sobre Jesus e a Santíssima Trindade. Logo após, Bárbara se batizou e passou a seguir o cristianismo (Figura 45).

Ao perceber que a filha estava irredutível em sua fé cristã, Dióscoro, em um impulso de ira, denunciou a filha ao prefeito da cidade. Este ordenou que Bárbara fosse torturada em praça pública, para tentar fazer com que a jovem renegasse a fé cristã. Porém, para surpresa de todos, Santa Bárbara não renegou sua fé, mesmo diante dos mais atrozes sofrimentos.

Durante a tortura, uma jovem cristã chamada Juliana denunciou os nomes dos carrascos, coisa que era expressamente proibida na época. Por isso, Juliana foi presa e condenada à morte por decapitação juntamente com Santa Bárbara. As duas jovens cristãs foram levadas amarradas pelas ruas de Nicomédia, sob os gritos furiosos de muita gente. Santa Bárbara teve os seios cortados. Depois, foi conduzida para fora da cidade. Lá, seu próprio pai a degolou.

Quando Dióscoro degolou a filha e a cabeça de Santa Bárbara rolou pelo chão, um raio riscou o céu e um enorme trovão foi ouvido pelo povo. E, para o assombro de todos, o corpo de Dióscoro caiu no chão sem vida, atingido pelo raio. Parece que a natureza se revoltou contra a atitude desse pai infanticida.

No século VI, as relíquias da Santa Mártir Bárbara foram transladadas para Constantinopla. No século XII, a filha do Imperador Bizantino Aleixo Comenes, a princesa Bárbara, após contrair matrimônio com o príncipe russo Miguel Izyaslavich as transladou para Kiev, capital da atual Ucrânia. Hoje suas santas relíquias descansam na Catedral de São Valdomiro em Kiev⁶⁷.

⁶⁷ <https://www.miliciadaimaculada.org.br/> Santo do dia. Acesso 5/11/2023.

Figura 45 – Santa Bárbara

Fonte Arquivo da Irmandade, 2023.

Oração

Ó Santa Bárbara,
 que sois mais forte que as torres das fortalezas e a violência
 dos furacões, fazei que os raios não me atinjam, os trovões
 não me assustem
 e o troar dos canhões não me abale a coragem e a
 bravura. Ficai sempre ao meu lado para que eu
 possa enfrentar,
 de frente erguida e rosto sereno,
 todas as tempestades e batalhas da
 minha vida para que, vencedor de
 todas as lutas,
 com a consciência do dever cumprido,
 possa agradecer à Deus, criador do céu, da terra e da
 natureza,
 e que tem poder de dominar o furor das tempestades e abrandar a crueldade das guerras.
 Santa Bárbara rogai por nós!

A Irmandade de São Benedito, estava adormecida, e numa pesquisa pelo Irmão Júlio César nos arquivos da Igreja, em 1995, foi identificado que existia essa devoção dentro da Irmandade, mas tinha deixado promover suas atividades, celebrações e a festividade de São Benedito. A indumentária é composta de uma bata marrom e uma calça branca com uma sandália franciscana para os irmãos. Para as irmãs são uma bata marrom e uma saia branca com uma sandália franciscana. Como símbolo de referência da Irmandade, usa-se também uma fita marrom clara e medalha de São Benedito (Figura 46).

Figura 46 – Irmão de São Benedito



Fonte. Foto do Autor, 2024.

As vestes, especificamente a bata (mulheres) e abadá (homens) – e aqui tem um diálogo inter-religioso⁶⁸ -, tem como simbologia a cor do hábito franciscano, assim como as sandálias, pois São Benedito foi da Ordem Franciscana. A calça e saia brancas eram apenas para ter um contraste com a cor marrom. Ao encontrar documentos sobre essa Irmandade, não foi identificado como se trajavam entre os séculos XVIII e XIX, período em que aparecem os registros da sua existência no Rosário dos Pretos. Então, os irmãos e irmãs idealizaram toda estrutura ritualística, assim como elaboraram músicas e adereços que remontavam, inclusive as congadas. O Prior da Irmandade do Rosário dos Pretos passou a ser o Juiz da Irmandade de São Benedito e este empunha uma espada durante as festas. Essa espada foi adquirida na Igreja do Carmo pelo Irmãos Júlio César, que identificou nas Irmandades de São Benedito de Minas Gerais essa utilização, que faz memória aos Reis da Congada.

O Irmão Albérico Paiva⁶⁹ compôs uma música para procissão de entrada, no rito inicial da missa, em que ficamos na Entrada da Porta Principal com a “Porta Corta Vento” fechada e cantamos a música Oi dá Licença:

⁶⁸ Segundo o irmão Júlio César, que foi Prior da Irmandade e tem dupla pertença, na cultura Africana a Bata é para mulheres e o Abadá para os Homens. Quando as Ialorixás fazem a obrigação de 7 anos, usam o camisu e a bata. Houve uma apropriação por blocos de trio elétrico e outros estilos, no carnaval de Salvador, utilizando essa linguagem de abadá para as vestes de suas agremiações.

⁶⁹ Irmão Professo desde outubro de 1991. Sociólogo e Professor. Faleceu em 2003. Irmão com Dupla Pertença.

Oi, dá licença,
 queremos entrar. Oi,
 dá licença queremos
 entrar.
 À Mãe do Rosário
 rogar e louvar. À Mãe
 do Rosário rogar e
 louvar.
 Eu sou devoto(a) e o Santo
 é Pretinho. Eu sou
 devoto(a) e o Santo é
 Pretinho.
 Ele é São Benedito e vai ser meu
 Padrinho. Ele é São Benedito e
 vai ser meu Padrinho.
 Com lume aceso, com
 vela na mão. Com lume
 aceso, com vela na mão.
 A água benta vai dar
 a benção. A água
 benta vai dar a
 benção.
 Já entrei e
 vou louvar. Já
 entrei e vou
 louvar.
 A São Benedito que
 está no altar. A São
 Benedito que está no
 altar.
 Com Nossa Senhora me guarde
 Irmãozinho. Com Nossa Senhora
 me guarde Irmãozinho.
 Na vida e na Morte, em
 todo caminho. Na vida e na
 Morte, em todo caminho.

São Benedito, O Negro, o Africano ou o Mouro. São muitas narrativas. Algumas delas dizem que ele nasceu na Sicília, Itália, em 1524. Sua descendência seria etíope ou moura. Com 21 anos foi viver com os eremitas franciscanos. Após 17 anos, tornou-se cozinheiro do convento. Com sua vivência religiosa e sabedoria foi eleito Superior do Convento, mesmo sem saber ler e sem ser sacerdote, pois era leigo. Ao terminar seu período de superior, voltou à cozinha e de lá tirou alimentos para doar aos mais pobres. Numa dessas saídas, foi surpreendido pelo novo superior que lhe perguntou o que levava debaixo do manto e Benedito respondeu: “Rosas, meu Senhor!”, e ao levantar o manto, estavam rosas no lugar dos mantimentos. Foi canonizado em 1807 pelo Papa Pio VII. Assim, ele se tornou o padroeiro de Palermo, dos afro-

americanos, cozinheiros e nutricionistas. Pela sua cor foi chamado de “Santo Mouro”. Sua festividade é 5 de outubro. No Rosário, sua festividade é no último final de semana de abril (Foto 47).

Oração

Glorioso São Benedito,
grande confessor da fé, com toda a confiança venho implorar a vossa valiosa proteção.

Vós, a quem Deus enriqueceu com dons celestes, consegui-me as graças que
ardentemente desejo, para maior glória de Deus.

Confortai o meu coração nos desalentos.
Fortificai minha vontade para cumprir bem os
meus deveres. Sede o meu companheiro nas
horas de solidão e desconforto. Assisti-me e
guiai-me na vida e na hora da minha morte,
para que eu possa bendizer a Deus neste mundo e gozá-lo na
eternidade.

Com Jesus Cristo, a quem tanto amastes.

Assim seja, amém.

São Benedito rogai por nós!

Figura 47 – São Benedito



Fonte. Arquivo da Irmandade, 2024.

Além desses Santos e Santas, que tem suas celebrações e devoções, encontram-se em nichos o Santo Elesbão⁷⁰, Santa Efigênia⁷¹ e Santa Bakhita⁷² (Figuras 48, 49 e 50).

Figura 48 – Santo Elesbão



Fonte: Imagens arquivos da Irmandade.

Figura 50 – Santa Efigênia



Figura 49 – Santa Bakhita



2.3 CÂNTICOS, VIDAS E LUTAS AFROCENTRADAS

Para as celebrações de santos e santas, festas e diálogo cultural e inter-religioso durante as missas, o grupo de canto e os cantos são de extrema importância para o que definimos como base para uma missa afrocatólica. Segundo Padre Mussi, coordenador da Pastoral Afro na Bahia, são três elementos fundamentais: a) a música com ritmo mais acelerado, b) os frutos da

⁷⁰ O soberano era Elesbão, rei católico, contemporâneo do imperador romano Justiniano, muito estimado por todos os súditos e seu reino era uma fonte de propagação da fé cristã. No século VI, a nação etíope situada a oeste do Mar Vermelho possuía seus maiores limites de fronteira, era um vasto reino que incluía outros povos. Depois de um curto período de muita oração e penitência, aceitou o chamado de Deus. Abdicou do trono em favor do filho, seu sucessor natural, e dividiu seus tesouros entre os súditos pobres. Assim, Elesbão partiu para Jerusalém, onde depositou sua coroa real na igreja do Santo Sepulcro, e retirou-se para o deserto, vivendo como monge anacoreta até morrer em 555. No Brasil, a partir dos escravos, foi muito difundida a devoção de santo Elesbão, o rei negro da Etiópia. Sua festa é celebrada em todo o mundo cristão, do Ocidente e do Oriente, no dia 27 de outubro, considerado o dia de sua morte.

⁷¹ Santa Efigênia ou Santa Ifigênia, como também é conhecida, é a responsável pela difusão do Cristianismo na Etiópia, nordeste da África, um dos países mais antigos do mundo. Ela é festejada no dia 21 de setembro, juntamente com São Mateus evangelista, responsável pela sua conversão ao cristianismo. Oito anos depois da Ascensão de Jesus, o Apóstolo São Mateus e mais dois discípulos, chegaram para evangelizar a capital da Núbia. Mateus dirigiu-se, primeiramente a Noba, capital e cidade natal de Efigênia. Somente a princesa Efigênia aceitou a ideia de um único Deus e passou a rejeitar o paganismo.

⁷² Santa Bakhita é padroeira dos escravos e intercessora dos sequestrados. Seu dia litúrgico é comemorado em 8 de fevereiro. Com 24 anos, em 1893, entra no noviciado das Canossianas. Três anos depois, proferiu os votos. Durante 45 anos, foi cozinheira, sacristã e, acima de tudo, uma porteira do convento de Schio, onde agia com bondade. Carinhosamente, ela chamava Deus como seu patrão, “o meu Patrão”, ela dizia. Foi conhecida por muitos pela alegria e pela paz que comunicava. São João Paulo II a canonizou em 1 de outubro de 2000. Bakhita tornou-se então uma santa da Família Canossiana (Congregação fundada por S. Madalena de Canossa). Os filhos e filhas da Caridade (Canossianos) nasceram na Itália. Depois de ir em missão para vários países, os Canossianos também se instalaram no Brasil em 1948. Hoje, são mais de 2 mil irmãs em vários países, inclusive no Sudão. No Brasil, são 45 irmãs.

terra, do trabalho e da cultura que entram no ofertório e c) as vestes coloridas, trajes afro-diaspóricos. Nas missas do Rosário, isso não se dá em todos os momentos e festividades. Algumas músicas são da liturgia cristã católica, outras do catolicismo popular, músicas de blocos afro e afoxé, popular brasileira e algumas criadas por membros da irmandade e padres que por lá passaram, a exemplo do Padre Alfredo Dórea. Contudo, não se pode falar em sincretismo, pois toda ritualística é cristã católica, e não estão presentes em todas as celebrações os três elementos base de uma missa afro. Poderia citar apenas a de Mama Muxima e a Missa da Consciência Negra, 20 de novembro, pois aparecem de fato a forma e o ritmo dos cantos, a procissão do ofertório com os frutos do trabalho e da cultura e as roupas com estética africana.

Apresentarei o roteiro cantado da missa desde a entrada ao canto final, que trazem essas letras ritmadas e cantadas que são guardadas na memória e remetem a celebrações específicas e que encarnam a luta para viver e celebrar com dignidade e a celebração da vitória dessa luta, diante de todo processo de combate a todas as formas de racismo, preconceitos, discriminação e intolerâncias vividas. Músicas que são interpretadas pelos cantores e cantoras e tocadores do grupo de canto, atualmente composto pelos irmãos e irmãs: Gildete Batista, Valquiria Aragão, Anália Santana, Wilson Lino, Francisco Albuquerque, Crispim Santos, Marcelo Santana, Mario Santana, Marcio Santana, Antônio Leal, José Vasconcellos e Eric Severino. O Canto de entrada, ocasião em que se iniciará a celebração.

IRÁ CHEGAR!⁷³



Irá chegar um novo dia um novo céu uma nova Terra um novo mar e nesse dia os
oprimidos numa só voz a Liberdade irão cantar.

Na nova Terra o negro não vai ter corrente, / e o nosso índio vai ser visto como
gente/ na nova Terra o negro, índio e o mulato, o branco e todos vão comer no
mesmo prato.

Na nova Terra o fraco, o pobre injustiçado, serão juízes deste mundo de pecado. /
Na nova Terra o forte, o grande e o prepotente irão chorar até ranger os dentes.

⁷³ Composição Paulo Roberto. Ver: <https://youtu.be/ijEVdXQvyE0>. Acesso 5/11/2023.

Na nova Terra a mulher terá direitos. / Não sofrerá humilhações e preconceitos.
 / O seu trabalho todos irão valorizar, das decisões ela irá participar.
 Na nova Terra os povos todos irmanados, / com sua cultura e direitos respeitados, /
 farão da vida um bonito amanhecer. / Com igualdade no direito de viver.
 Essa música traz um desejo de um mundo de igualdade, de respeito, de
 valorização do ser humano, independente da sua origem, da sua crença e de seu
 gênero. E propõe que os algozes e prepotentes paguem pelas injustiças cometidas.
 O Ato Penitencial é a parte da celebração onde se pede perdão pelos pecados.
 Ato de piedade.

BWANÁ⁷⁴



Bwaná⁷⁵, Bwaná, Bwaná, Utuhurumiê (Bis)
 Bwaná, Bwaná, Utuhurumiê, Utuhurumiê, Utuhurumiê⁷⁶.
 Kristu, Kristu, Kristu, Utuhurumiê.
 (Bis) Kristu, Kristu, Utuhurumiê, Utuhurumiê,
 Utuhurumiê.
 Senhor, Senhor, Senhor, tem piedade de nós! (Bis)
 Senhor, Senhor, tem piedade de nós, tem piedade de nós, tem piedade
 de nós! Canto de Louvor, parte em que louvamos a Glória de
 Deus! Ô Glória!!!

⁷⁴ Livreto de Agentes de Pastoral Afro. Ver: <https://youtu.be/WIaiVdbExpU?t=1137>. Acesso em 5 de novembro de 2023.

⁷⁵ Palavra em Suaíli, que significa Senhor.

⁷⁶ Tenha piedade de nós em Suaíli.

GLÓRIA DOS POVOS AMERINDIOS⁷⁷



Glória, Glória, Glória a Ti meu Deus, / paz na Terra cantam os povos teus.

(Refrão) Violões, charangas, flautas sons do coração. / Tambores, atabaques Te
glorificarão (Bis)

Teu nome é tão Bonito, não existe outro igual. / Glória ao que vence a morte e o ídolo
do mal (Bis)

Américas, Ameríndia e África na dor. / Latina convertida da Glória ao Deus amor.

(Bis) Memória do vencido na Cruz seja bendita, / no Cristo canta a vida brilhando
infinita. (Bis) Na fé e na resistência, no axé do nosso canto. / No sangue da
Aliança, Glória, Glória ao Senhor. (Bis)

Os dois cantos do ato penitencial produzem um diálogo inter-religioso e a
americanidade da luta do povo preto e indígena. Mesmo pregando uma conversão,
indica a fé e o axé como resistências para nossas lutas.

Aclamação, momento em que vamos ouvir a palavra de Deus, por meio da leitura do
Evangelho.

FAZEI RESSOAR⁷⁸



Fazei ressoar, ressoar, a palavra de Deus em todo lugar! (Bis)

Na cultura, na história, vamos expressar, levando a Palavra de Deus em todo lugar! Vamos
lá!

Na cultura popular, vamos catequizar, celebrando a fé e a vida em todo lugar! Vamos
lá! Com atabaques e com tambor, vamos celebrar, a Palavra de Deus em todo lugar!
Vamos lá!

⁷⁷ Composição Zé Vicente, 1995.

⁷⁸ Composição Irmã Maria José.

Ou,

UM CLAMOR DE JUSTIÇA⁷⁹



Estamos chegando, ê, ê, ê! Chegando e cantando, ê, ê, á. Clamando a revolta, ê, ê, ê!

Nós somos humanos, ê, ê, á!

Um clamor de justiça está no ar! (bis)

Cantando e lutando, ê, ê, ê, ô! Lutando e sambando, ê, ê, á! A fé e a esperança, ê, ê, ê,ê!

Na libertação que vai chegar!

Um clamor de justiça está no ar! (bis)

Ouvi o clamor, ê, ê, ê, ô! Deste povo sofrido, ê, ê, á! Que clama e que luta, ê,
ê, ê, ê!

Por direito e justiça, ê, ê, á!

Um clamor de justiça está no ar! (bis)

Os cantos aclamados buscam festejar a alegria e a promoção da justiça. A cultura e a festa são espaços promotores de luta, de resistência e de transformação social. A paz é fruto da justiça. E foram em momentos de alegria, de celebração e de festas que várias estratégias de liberdade foram realizadas. E quando alcançadas, novos festejos aconteceram.

O Ofertório é o período em que se levam ao altar o terço, a hóstia e o vinho para consagrar e as oferendas do trabalho, dos frutos da terra e da cultura e do diálogo inter-religioso, a exemplo dos acarajés nas missas de Santa Bárbara.

⁷⁹ Livreto de Agentes de Pastoral Afro

AO DEUS PAI CRIADOR, OFERECEREI⁸⁰



Ao Deus Pai Criador, oferecerei! /Esta raça, esta cor,
oferecerei!

Cada negro que luta, oferecerei! /Pelo fim do Racismo, meu sangue em batismo, oferecei!

Negra história negada, oferecei! /Toda dor suportada,
oferecerei!

Preta Velha Yayá, oferecerei! /Negra bela raiz, este povo feliz, oferecerei!

Meu trabalho escravo, oferecerei! /Alugado mal pago,
oferecerei!

Meu povo desterrado, oferecerei! /A beleza que faço, alegria que traço, oferecerei!

Leite de tanta ama, oferecerei! /Negro filho reclama,
oferecerei!

Quilombolas guerreiras, oferecerei! /Na cidade e na praça, essa festa que é nossa, oferecerei!

Vinho, sangue suado, oferecerei! /Pão partido esmagado,
oferecerei!

Um clamor de justiça, oferecerei! /Arte, samba, vitória, nas mãos a história, oferecerei!

Pão, comida escassa, oferecerei! /Vinho, vício, cachaça,
oferecerei!

Ao Deus de tantos nomes, oferecerei! /Negro, branco, homem livre, esta fé que sempre
tive, oferecerei!

⁸⁰ Livreto de Agentes de Pastoral Afro

E tem este também:

LÁ VEM DAS SENZALAS⁸¹



Lá vem das senzalas de ontem. / Lá vem das aldeias de hoje.

Oferta que é de sangue e suor. / De um povo em clamor/ Que quer livre cantar

(bis) Oba, Oba, Oba, recebe Olorum nossos dons! Obá, Obá, Obá, oferta de
nossas nações!! Obá, Obá, Obá, recebe senhor pão e vinho. / Obá, Obá, Obá, às
conquistas de um povo a caminho. (Refrão)

Lá vem das aldeias de ontem. / Lá vem das aldeias de hoje, / ofertas de fé e
resistência. / De um povo que pena, mas quer firme brincar. (bis)

Lá vem das favelas de ontem. / Lá vem das favelas de hoje, / ofertas de uma luta sem
trégua,/ De uma gente que espera, que quer livre dançar.(bis)

Lá vem dos calvários de ontem. / Lá vem dos calvários de hoje, / ofertas da Vitória
do povo, que ela existe do povo, que quer livre louvar. (bis).

Nas músicas do ofertório, se faz agradecimento. Se oferta às nossas angústias e sofrimentos, mas também às conquistas. Entregamos com louvores, com canto, com palmas e danças em retribuição as Graças alcançadas, de tantas batalhas vencidas contra o racismo, intolerância religiosa, violências contra mulheres, que foram enfrentamentos de ontem, contudo ainda são de hoje. Faz-se memória aos que fizeram essa trajetória pelo atlântico negro, numa diáspora africana, que encontra esteio na fé , na festa e na resistência coletiva e ancestral.

Canto de Comunhão, momento em que os fiéis se dirigem ao altar para comungar o corpo e o sangue de Cristo.

⁸¹ Composição Reginaldo Veloso. <https://www.lettras.mus.br/reginaldo-veloso/1427912/> Acesso em 5 de novembro de 2023.

TÁ NA HORA DE PARTILHAR⁸²



Tá na hora de partilhar ê, ô, ê, ô/Tá na hora de partilhar. (Refrão)

Como povo de Deus/Negro vem comungar/Corpo e Sangue de
Cristo/Pão e Vinho no Altar.

Com todo empobrecido/Negro vem comungar/Corpo e Sangue
de Cristo/Pão e Vinho no Altar.

Com todo que tem fome/Negro vem comungar/Corpo e
Sangue de Cristo/Pão e Vinho no Altar.

Com aquele que chora/Negro vem comungar/Corpo e Sangue
de Cristo/Pão e Vinho no Altar.

Com todo injustiçado/Negro vem comungar/Corpo e Sangue
de Cristo/Pão e Vinho no Altar.

Com quem é perseguido/Negro vem comungar/Corpo e
Sangue de Cristo/Pão e Vinho no Altar.

Com quem busca a justiça/Negro vem comungar/Corpo e
Sangue de Cristo/Pão e Vinho no Altar.

Com quem promove a paz/Negro vem comungar/Corpo e
Sangue de Cristo/Pão e Vinho no Altar.

Com o povo aflito/Negro vem comungar/Corpo e Sangue de Cristo/Pão e
Vinho no Altar.

Com aquele que luta/Negro vem comungar/Corpo e Sangue
de Cristo/Pão e Vinho no Altar.

Com todo odiado/Negro vem comungar/Corpo e Sangue de
Cristo/Pão e Vinho no Altar.

Com todo rejeitado/Negro vem comungar/Corpo e Sangue de
Cristo/Pão e Vinho no Altar.

⁸² Livreto de Agentes de Pastoral Afro.

O canto apresentado convida a partilha da vida espiritual e temporal. Comungar as dores, as discriminações, as vulnerabilidades, como a fome e a injustiça. Fortalecer-nos espiritualmente no coletivo é garantir a força, o axé e fincar a raiz e o tronco do Baobá para não sucumbir diante da opressão e violências do Estado e da Sociedade racistas.

Cantos de Ação de Graça e Finais – São cantos que encerram as celebrações, trazendo cantos específicos dos Santos e Santas festejados ou cantos que exaltam nossos anseios, nossos desafios e nossas conquistas. Podem ter os dois momentos ou podem ter um ou outro a depender do ritual preparado para a missa.

QUANDO EU ERA CRIANÇA⁸³



Quando eu era criança, minha Mãe cantava para mim, uma canção Iorubá. Cantava pra eu dormir, uma canção muito linda, que o seu pai te ensinou, trazida da escravidão e cantada por seu avô. Era assim:

Oro
mi má
Oro mi
maió
Oro mi
maió
Yabado
oyeyeo
Oro mi
má Oro
mi maió
Oro mi
maió
Yabado

⁸³ Composição de Bantos Iguape <https://www.letras.mus.br/bantos-iguape/canto-para-oxum-oro-mi-maio>
/Acesso 5/11/2023.

oyeyeo

Essa canção muito antiga, no tempo da escravidão. Os negros em sofrimento, cantavam e alegravam seu coração. Presos naquelas senzalas, Dançando Ijexá. Aquela canção muito linda, com os versos em Iorubá. Era assim:

Oro
mi
má
Oro
mi
maió
Oro mi maió Yabado oyeyeo Oro mi má
Oro
mi maió
Oro mi
maió
Yabado
oyeyeo

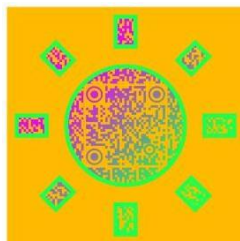
Cantava quando era criança. Fiquei homem, eu não me esqueci. Aquela canção Iorubá, quem não sair de dentro de mim. É assim:

Oro mi
má Oro
mi maió
Oro mi
maió
Yabado
oyeyeo
Oro mi
má Oro
mi maió
Oro mi
maió
Yabado
oyeyeo

E Deus é
o Mar,
Deus é o
maior,
Deus é maior e me ajudou a Vencer!

(bis) Oro mi má
Oro mi
maió
Oro mi
maió
Yabado
oyeyeo
Oro mi
má
Oro mi maió
Oro mi maió, Yabado oyeyeo.

NEGRO NAGÔ⁸⁴



Eu vou tocar minha viola, eu sou um negro cantador. O negro canta deita e rola, lá na senzala do senhor.

Dança aí negro nagô. (4x)

Tem que acabar com esta história de negro ser inferior. O negro é gente e quer a escola, quer dançar, sambar e ser doutor.

Dança aí negro nagô. (4x)

O nego mora em palafita, não é culpa dele não senhor. A culpa é da abolição que veio e não o libertou.

⁸⁴ Composição Pastoral da Juventude. Acesso <https://www.cifraclub.com.br/pastoral-da-juventude/negro-nago/> 5/11/2023.

Dança aí negro nagô. (4x)
 Vou botar fogo no engenho onde o negro apanhou. O negro é gente como o outro,
 quer ter carinho e ter amor.

LADAINHA DOS EMPOBRECIDOS⁸⁵



Ave cheia de graça, ave cheia de amor, salve ó mãe de Jesus, A ti nosso canto e nosso
 louvor. (Refrão)

Mãe do criador, rogai! Mãe do Salvador, rogai; Do Libertador, rogai por nós!
 Mãe dos oprimidos, rogai! Mãe dos perseguidos, rogai! Dos desvalidos, rogai por
 nós! Mãe do boia fria, rogai! Causa da Alegria, rogai! Mãe das mães Maria, rogai
 por nós!

Mãe dos humilhados, rogai! Dos martirizados, rogai! Dos marginalizados, rogai por nós!

Mãe dos despejados, rogai! Mãe dos abandonados, rogai! Dos desempregados, rogai por
 nós!

Mãe dos pecadores, rogai! Dos agricultores, rogai! Dos Santos e doutores, rogai
 por nós! Mãe do céu Clemente, rogai! Mãe dos doentes, rogai! Do jovem
 carente, rogai por nós!

Mãe dos operários, rogai! Dos presidiários, rogai! Dos sem salários, rogai por nós!

CANTO DAS TRÊS RAÇAS⁸⁶



Ninguém
 ouviu Um
 soluçar de
 dor No

⁸⁵ Composição Paulo Roberto <https://www.cifraclub.com.br/paulo-roberto/ladainha-dos-empobrecidos/> Acesso 5/11/2023.

⁸⁶ Compositores: Mauro Duarte / Paulo Pinheiro. <https://www.letras.mus.br/clara-nunes/83169/> Acesso 5/11/2023.

canto do
 Brasil Um
 lamento
 triste
 Sempre
 ecoou
 Desde que o índio
 guerreiro Foi pro
 cativoiro
 E de lá
 cantou
 Negro
 entoou
 Um canto de revolta
 pelos ares Do Quilombo
 dos Palmares Onde se
 refugiou
 Fora a luta dos
 inconfidentes Pela
 quebra das correntes
 Nada adiantou
 E de guerra
 em paz De
 paz em
 guerra
 Todo o povo
 dessa terra
 Quando pode
 cantar Canta de
 dor
 Ô, ô, ô, ô, ô, ô
 Ô, ô, ô, ô, ô, ô
 Ô, ô, ô, ô, ô, ô
 Ô, ô, ô,

ô, ô, ô E
 ecoa noite
 e dia É
 ensurdece
 dor
 Ai, mas que
 agonia O canto
 do trabalhador
 Esse canto que
 devia Ser um
 canto de alegria
 Soa apenas como um soluçar
 de dor Ô, ô, ô, ô, ô, ô
 Ô, ô, ô, ô, ô, ô
 Ô, ô, ô, ô, ô, ô
 Ô, ô, ô, ô,
 ô, ô
 Ninguém
 ouviu Um
 soluçar de
 dor No
 canto do
 Brasil Um
 lamento
 triste
 Sempre
 ecoou
 Desde que o índio
 guerreiro Foi pro
 cativoiro
 E de lá
 cantou
 Negro
 entoou

Um canto de revolta
pelos ares Do Quilombo
dos Palmares Onde se
refugiou

Fora a luta dos
inconfidentes Pela
quebra das correntes

Nada adiantou

E de guerra

em paz De

paz em

guerra

Todo o povo

dessa terra

Quando pode
cantar Canta de

dor

Ô, ô, ô, ô, ô, ô

Ô, ô, ô, ô, ô, ô

Ô, ô, ô, ô, ô, ô

Ô, ô, ô,

ô, ô, ô E

ecoa noite

e dia É

ensurdece

dor

Ai, mas que
agonia O canto
do trabalhador

E esse canto

que devia Ser

um canto de

alegria

Soa apenas

Como um soluçar
de dor Ô, ô, ô, ô,
ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô, ô

Figura 51 – Livros de Cânticos



Fonte: Arquivo do Autor, 2014.

Esses cantos chamaram atenção de produtores musicais e artistas. Por serem cantos que dialogam com a identidade negra, encarnam nossa história, trazem experiências e vivências, narrativas e memórias cantadas. Por isso, em 1999, foi produzido por J. Velloso o CD “Rosário dos Pretos- Cânticos”, (Figura 52) após ele participar de uma missa celebrada pelo Padre Alfredo Dórea em homenagem a Batatinha, que foi Irmão do Rosário. O disco teve a participação de Aloísio Menezes, Ilê Aiyê e Grupo de Canto do Rosário, Bule-Bule, Chico César e Filhos de Gandhi, Clécia Queiroz e os Ingênuos, Dona Edith do Prato, Dona Ivone Lara, Irmã Zezé (canto a Santa Bárbara), Filipe Mukenga e Oficinas de Frevos Dobrados (dirigida por Fred Dantas), Gamo da Paz e Grupo Ofá, Lazzo, Márcia Short e meninos do Pelô, Margareth Menezes e Olodum, Mariene de Castro, Matildes,, Padre Alfredo, a Irmã Pro Mimi, Rás Bernardo e Banda Ragga, Roberto Mendes e Vozes da Purificação, Tati Lima, Tonho Matéria, Zezé Motta e Banda Didá. O irmão Júlio lembra que: *“a produção do CD trouxe recursos, que não ficaram na Irmandade, e também deu visibilidade para artistas que poucos conheciam.”*

87

Figura 52 – Capa CD Músicas cantadas no Rosário



Fonte: Arquivo da Internet, 2023.

Essas são músicas ritmadas no samba, afoxé, ijexá ou em outra melodia que embalam as celebrações durante as diversas comemorações e festejos na comunidade rosariana, promovendo essa manifestação da fé, tradição, religiosidade e dos diálogos, sejam por assimilação, ressignificação e criação de novas possibilidades, fortalecendo, assim, a identidade negra da Irmandade do Rosário dos Pretos, que vem de um legado ancestral, perpassa a contemporaneidade e lança novos fundamentos para o futuro.

Assim seja, meu Deus! Seja como Deus quer! Seja feita a Vontade de Deus! Axé!!!

⁸⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=JqTfN0wc6Lg>. Acesso 5/11/2023.

CAPÍTULO III. IGREJA, PASTORAL AFRO, IRMANDADE E MNU: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS NEGRAS DE REPARAÇÃO HISTÓRICA

Neste capítulo busco refletir sobre os diálogos e tensões entre a igreja, a irmandade negra, e o MNU, a partir das diversas correntes e suas construções teóricas sobre o reconhecimento de organizações religiosas negras como integrantes dos movimentos negros, da utilização das manifestações da religiosidade e celebrações católicas pelos grupos negros católicos. Para além disto, busco analisar o papel das irmandades como espaços de resistência do povo negro; a transmissão de valores ancestrais para os negros e negras descendentes daqueles que vieram da experiência da colonização e escravização - que foram ressignificadas e atualizadas a novas dinâmicas da sociedade; - e como foi garantida a salvaguarda das memórias e culturas negras por essas organizações religiosas cristãs, assim como dos grupos e movimentos negros como promotores dessa resistência e identidades negras para reparação histórica.

Entendo o Movimento Negro como conjunto de organizações que ao longo da história de desenvolvimento de associativismo negro utilizaram a agenda política e cultural como ferramentas de resistência, espaço de acolhimento, de fomento de ações para o enfrentamento das desigualdades, de busca pela inclusão e combate às discriminações contra a população negra.

Petrônio Domingues (2007) acredita no movimento negro como projeto político de [...] luta dos negros para resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Para o movimento negro, a “raça”, e, por conseguinte, a identidade de racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação (Domingues, 2007, p. 102).

Entre os anos 1970 e 1980 havia uma divisão entre as organizações negras. Aquelas que se organizam mais em função da cultura e que vinham estas práticas como uma forma de resistência, sendo por isso identificadas como organizações culturais em oposição as organizações políticas, aquelas que tinham como eixo o combate à discriminação e do racismo existente em vários setores da sociedade. Felizmente a compreensão hoje é muito mais ampla, pois entendemos que cultura, estética e política é parte integrante da luta contra a

discriminação e desigualdades de gênero e racial (Figueiredo, 2018)

Alguns irmãos e irmãs da irmandade têm o entendimento, próximo a Petrônio Domingues, e refletem sobre o papel da Irmandade e do próprio movimento negro. O Irmão Nicanor nos traz muitas indagações:

O que é movimento negro? É entidade A Entidade B entidades C? Só essas entidades nominativas. Nominativas e exclusivistas. Eu chamaria de movimento negro, se realmente houvesse movimento. Já houve um movimento nos anos 70, nos anos 80, se fez um movimento, se tinha um movimento. Mas hoje, para mim, existem entidades estanques. Sabe, existem entidades estanques e o Rosário dos Pretos é uma destas. Entidades estanques, elas são assim, são entidades que propalam, até certo ponto, ilusão. Por que que eu digo ilusão? Segundo estatísticas, não é? Dizem que Salvador 83% da cidade é de afrodescendentes. Você vai à Câmara Municipal e tem 4 pretos lá. Num universo de 40 e poucos vereadores, entendeu? Em 2020, se teve uma eleição para presidente, assembleia legislativa, para a câmara federal. Nós não conseguimos eleger um. Reeleger foi reeleito, mas nós não conseguimos eleger um deputado. Somos 83%. Nós temos a Entidade B, entidade C, entidade H, que fazem parte do movimento, que movimento é esse? Qual a convergência desse movimento? Para onde é que ele está indo? Não é para onde é que ele vai? Não é? Então, a gente fala muito dos blocos de Carnaval. Nós temos os blocos, os blocos afro que nos representam. E representam. Eles nos representam. Você pode dizer que o Ilê Aiyê tem atividades o ano todo. O Malê de Balê também o tem! Não é? Tem atividades, mas são coisas isoladas. São coisas isoladas! Quando chega no Carnaval, está todo mundo com cuia na mão! Na prefeitura, no estado, esperando. E os blocos de trio? Eles não ficam com a cuia na mão, o próprio estado que vai a eles. Eu quero dizer que o movimento negro, hoje, está estanque. E a irmandade faz parte desse movimento negro estanque. Agora, assim como nossas coisas, elas precisam ter uma visão mais pra frente, né? A gente preserva o que tem, né? Mas com uma visão contemporânea, uma visão mais futurista.

Sobre a mesma questão, o Irmão Júlio César diz que:

desde que eu me conheço, nestes 33 anos de Irmandade, ela nunca foi um movimento negro, tinham pessoas de movimento negro, mas ela nunca foi. E a celebração da missa não é um ato de movimento negro. Já fizemos, sim, encontros para falar da Irmandade, mas ela nunca assumiu um papel social voltado para o movimento negro, nunca tomou uma... junto a sociedade, nas discussões inseridas pelo movimento negro. Sempre estivemos presentes, mas para a parte interna da Irmandade, nunca para parte externa onde ela está inserida. Por isso, não acredito que é um movimento negro.

Sérgio Costa (apud Pereira, 2013, p. 83) concordando com a definição ampla de “movimento negro”, e também destaca as rebeliões de escravos e a criação de quilombos como “indicações importantes da resistência à opressão e à exploração”, e reafirma a importância das “irmandades religiosas como forma mais difundida de organização da solidariedade entre

escravos e, mais tarde, entre estes e negros libertos.”

Segundo Figueiredo (2018), dependendo da definição de organizações políticas negras adotada, podemos considerar as irmandades religiosas negras como as primeiras formas de organização política negra, uma vez que muitas estavam baseadas em mecanismos de ajuda mútua, através da compra de alforria e da capacitação profissional de pessoas negras para a realização de um ofício. O mecanismo de solidariedade presente nas irmandades estava voltado para a emancipação de irmãos e irmãs.

Nos últimos vinte anos do século XXI, vislumbrou-se uma nova dinâmica na sociedade. Isso se deu a partir de uma movimentação política que envolveu, entre outros: a Conferência de Durban, a criação de secretarias e órgãos de promoção da igualdade racial, e a promulgação da lei de Cotas e do Estatuto da Igualdade Racial, surgimento de vários conselhos estaduais e municipais e o reconhecimento da discriminação racial na sociedade brasileira. Este novo contexto revelou um entendimento sobre a existência de hierarquias raciais, por meio das dialéticas sobre o privilégio da branquitude, sobre o autorreconhecimento da identidade negra e sobre o racismo sistêmico.

Nesse contexto, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos colaborou para a afirmação da identidade negra, para garantia de direitos e para a construção da cidadania dos grupos historicamente marginalizados em decorrência da escravidão e da difusão do ideário racista. Sua atuação deu e potencializou a voz dos homens negros, e em parte das mulheres negras, e evidenciou a multiplicidade de expressões e estratégias políticas e culturais desenvolvidas por ambos, a exemplo do acolhimento de negros e negras Malês, após a revolta; da compra de alforrias; do enfrentamento contra controle eclesiástico; e do sepultamento digno para seus membros e familiares com a construção, no século XIX, de carneiras no Cemitério Quintas dos Lázaros, mantido até os dias atuais; e tudo isto apesar de oposição das autoridades estatais e religiosas durante a Colônia, o Império e a Primeira República do Brasil.

Afinal, a instituição do Estado laico após a instauração do regime republicano, a implementação de ideias modernizadoras e a política de romanização da Igreja, mudaram os percursos da sociedade brasileira e, por conseguinte, das confrarias leigas; assim como, a atuação educadora e política do movimento negro ao confrontar o padrão das relações raciais vigentes, quais sejam: a ideia do embranquecimento, ideologia da mestiçagem e do mito da democracia racial, entre alguns pesquisadores, em parte da sociedade e nas políticas de Estado. Em 18 de junho de 1978, foi criado por um grupo de militantes, em São Paulo, o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), lançado no ato público de 7

de julho, realizado nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. No dia 23 de julho, do mesmo ano, é inserida a palavra negro, transformando-se no Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR). No ano seguinte, 1979, torna-se Movimento Negro Unificado - MNU.

O mito da democracia racial foi o foco principal para estruturar as ações de enfrentamento do MNU, desde a carta aberta a população, do ato de 7 de julho, até a elaboração do Programa de Ação, que defendia entre outras mudanças na sociedade brasileira, a desmistificação da democracia racial brasileira; enfrentar a violência policial; atuação nos sindicatos e partidos políticos; luta pela introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, bem como a busca pelo apoio internacional contra o racismo no país. É importante ressaltar que o surgimento do MNU em 1978 é considerado, tanto pelos próprios militantes quanto por muitos pesquisadores, como o principal marco na formação do movimento negro contemporâneo no Brasil. Reconhecendo a criação do MNU como um marco fundamental na transformação do movimento negro brasileiro – em meio a um contexto histórico-social de lutas contra a ditadura militar, então vigente no país. Sérgio Costa afirma que o MNU se “constitui como um movimento popular e democrático”. Neste caso, transformações socioculturais e políticas insta para que além das formas de assistência e de agenciamento ocorridas no passado, também se façam no presente, sendo a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, atualmente, integrante dos Conselhos Municipal e Estadual das Comunidades Negras.

Nesse sentido, conforme a atuação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, tomamos de referência a definição de movimento negro atribuída por Joel Rufino (1994), “compreendendo todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo, fundadas e promovidas por negros.”

Este, também é o entendimento de alguns irmãos e irmãs que entrevistei, com a seguinte pergunta: Qual sua compreensão sobre ser a Irmandade uma integrante do movimento negro? Sendo uma Organização Religiosa, ela faz ou não parte?

O Irmão Almir⁸⁸ é um dos quais diz que considera a Irmandade parte do movimento negro, conforme podemos ver no relato que segue.

Eu considero porque se a gente for trabalhar, a questão da própria

⁸⁸ Almir Santos Menezes, apelido Almir brasa, 64 anos, nasceu em Salvador, Professor de História, Teólogo pós-graduado em metodologia do ensino superior, casado, tem 2 filhos, mora em Cajazeira X. Coordenador e Articulador da Pastoral Afro.

questão da espiritualidade, da questão da “inculturação”, da identidade negra, não é? É a questão da negritude e da cidadania. Tudo isso a gente trabalha na

Irmandade. O que que acontecia no dia 14? Pegávamos os nossos irmãos que em parte se colocavam como negros libertos, mas na verdade no dia 14, esses próprios negros se tivessem na rua, eles e elas eram presos e caíam na escravidão de novo, entendeu? E a irmandade trazia muitos para dentro da irmandade para apoiar, formar e colocar na sociedade novamente com dignidade, fortalecido na sua identidade negra. Isso é trabalho de movimento negro. Trabalho de libertação.

Da mesma forma, a Irmã Nilsa, mesmo de forma sucinta, afirma o mesmo: *Eu acho que é movimento, sim! É um movimento para melhorar o que está aí.*

Por outro lado, o Irmão Bira faz uma reflexão que indica ser um processo conflitante o entendimento da Irmandade enquanto movimento negro. Sendo assim, diz ele:

Considero, sim, tanto que considero que, porque, apesar de nós sermos a Irmandade Negra primeira de todo continente, inclusive até do mundo, eu não soube que existe uma irmandade de ordem terceira negra em todo o mundo, só o Rosário dos Pretos. Existe confrarias, mas o título de Irmandade Ordem Terceira, eu não conheci ainda nenhuma, nem Portugal, nem na Itália, nem na própria África. E eu via antigamente que o movimento negro, na época que nós entramos, eu tive algumas discussões, porque o movimento negro via a Irmandade, me desculpe o termo chulo, como puxa-saco da igreja católica, de uma igreja que é racista. Eles não entenderam, eles não entenderam o motivo dos negros se reunir aqui e se abaixar de se levantar e... De erguer esse tempo? Hoje, graças a Deus, essa Identidade do Rosário dos Pretos está sendo reconhecida também pelo movimento negro como espaço de resistência. Foi através dos nossos antepassados, dessa igreja, no meu entender, que nós resistimos. Nós mostramos a identidade negra.

Assim como os irmãos e irmãs entrevistados, Nilma Gomes (2017) diz que:

como movimento negro, entende-se as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo, visando a superação desse perverso. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos, com o objetivo, explícito, de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negra no Brasil, de rompimento das barreiras raciais impostas aos negros e às negras na ocupação de diferentes espaços e lugares na sociedade. (GOMES, 2017, p.23).

3.1 A IGREJA CATÓLICA E IDENTIDADE NEGRA

Afrodescendente é aquele que descende de africano. A palavra afrodescendente é formada por dois adjetivos: afro, que faz referência ao africano, mais descendente que é aquele que descende, de que provém por geração, portanto, afrodescendente significa “descendente de africano”. Nas américas a estimativa é que existam 200 (duzentos) milhões de afrodescendentes. Fora do continente africano, o Brasil contém o enorme contingente de pessoas da diáspora africana, ou seja, tendo ascendência africana.

Em dezembro de 2013, a Assembleia Geral da ONU adotou, por consenso, uma resolução que cria a Década Internacional de afrodescendentes, denominada: “Pessoas

Afrodescendentes: reconhecimento, justiça e desenvolvimento”. A década será celebrada de 1º de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2024, com o objetivo de reforçar o combate ao preconceito, intolerância, a xenofobia e ao racismo (ONU, 2013).

Existem muitos estudos sobre a identidade de grupos étnicos, por meio da cultura e da religião, onde, mesmo em grandes democracias, a defesa dos direitos dos povos afro-diaspóricos se faz pertinente. O conhecimento dessas referências identitárias, sobre culturas, religiosidades e ancestralidades são importantes para vivências e experiências afrodescendentes presentes e de futuras gerações em todo o mundo.

Para Stuart Hall (2006, p. 10):

Há três concepções muito diferentes de identidade, a saber: a do sujeito do iluminismo, a do sujeito sociológico e do sujeito moderno ou pós-moderno. No sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação.

Ainda, conforme diz Hall (2006):

Na noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediarão para o sujeito valores, sentidos e símbolos. A identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade (Hall, 2006, p. 11).

Na terceira concepção, sujeito moderno ou pós-moderno:

Não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente a identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente (Hall, 2006, p. 12).

Dessa forma, conforme continua Hall, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” .

Afinal, dentro de cada sujeito “há identidades múltiplas e contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (Hall, 2006, p. 13).

Como pensar a identidade afrodescendente única? Poderia ser construída, ou valorizada, ou descoberta, numa cultura ampla e diversificada como a brasileira? Ou ainda, como indivíduos afrodescendentes podem construir sua identidade frente à diversidade cultural brasileira? Como fazer uma reparação histórica frente à marginalização histórica pela qual passamos, sendo a herança cultural negra depreciada? E mesmo, numa sociedade globalizada, assentada em múltiplas desigualdades e no racismo, é possível se identificar com uma identidade cultural afro? Como pensar a influência da cultura africana que veio há séculos com a modernidade? Uma possível identidade cultural afrodescendente ainda é possível?

Na discussão acerca da identidade afrodescendente, Kabengele Munanga (1999, 2012), vai defender que “não pode afirmar que há uma identidade cultural entre negros vivendo numa comunidade religiosa, negros vivendo numa favela ou negros da classe média espalhados nos grandes centros urbanos. Vale considerar que a identidade negra não surge da tomada de consciência de uma diferença na cor da pele. Ela é resultado de um longo processo histórico que se inicia com a chegada dos navegantes portugueses ao continente africano, que por sua vez se deparam com a “diferença” e todo o desenrolar histórico deste processo de “encontro””.

Dito de outra forma, o processo de colonização e escravização do continente africano e de seus povos é o processo histórico no qual se deve pensar a construção da chamada identidade negra no Brasil. É de suma importância perceber que a identidade negra aqui é entendida como um processo construído historicamente em uma sociedade que ainda padece de um racismo ambíguo, apesar da queda do mito da democracia racial. Como qualquer processo identitário, ele se constroi no contato com o outro, na negociação, na troca, no conflito e, sobretudo, no diálogo. Ser negro no Brasil é “tornar-se negro”, como nos fala Neusa Santos Souza. (Souza, 1983).

Ou seja, a negritude não é apenas a cor da pele. E para entender esta afirmação, “tornar-se negro” (Souza, 1983), é preciso considerar que a identidade de qualquer pessoa se constrói no plano simbólico, isto é, no conjunto de significações, valores, crenças e gostos que a pessoa vai assumindo em sua relação com os outros, relações estas permeadas por estereótipos raciais, preconceitos e desigualdades e que a identidade não é mais definida como um modo de ser cuja natureza profunda é preciso revelar, mas como um jogo simbólico no qual a eficácia depende do manejo competente de elementos culturais que o envolve em toda a discussão acerca da identidade afrodescendente.

Há a emergência de uma identidade afrodescendente que passa, assim, pela herança africana, vale dizer, da sua diferença em relação à sociedade ocidental moderna. A afirmação da negritude implica, portanto, na valorização de tudo aquilo que é apresentado como africano.

Contudo, quanto conhecemos de África? Quanto utilizamos desses valores civilizatórios? O que nos contam? Até onde tem interesses constituídos? E os apagamentos dentro da própria igreja?

Ao longo dos séculos de evangelização, o povo negro e a relação com a igreja católica foram constituídas de vários momentos. O primeiro projeto de evangelização (1500 -1842), o segundo (1842 – 1968), o terceiro e mais curto e aprofundado (1968 – 1988) e o quarto que se mantém até os dias atuais, a partir de 1988.

A igreja até a Proclamação da República vivia uma relação de Padroado com o estado, identificando-se assim com os colonizadores. Em outras situações, atuou na defesa dos excluídos, mesmo que em períodos curtos e momentâneos.

Conforme nos diz Frei Davi, ao refletir sobre a presença negra dentro da igreja católica e sua influência nos processos de evangelização:

Nesses mais de cinco séculos os negros católicos foram formados e influenciaram de algum modo o processo de evangelização da igreja do Brasil. Como citamos anteriormente, foram vários momentos na história que marcaram o projeto e evangelização da Igreja, sobre os quais descrevemos algumas de suas características principais e como a população negra católica se fez presente, como influenciado ou influenciador, para usar uma palavra em voga. No primeiro projeto, a colonização europeia promoverá a fé cristã católica como religião dominante, desvalorizando e marginalizando as demais religiões e religiosidades encontradas nas colônias, principalmente tradições africanas. O projeto tinha como objetivo extinguir os valores culturais e religiosos, como forma de obter o controle das mentes e corpos por meio da escravidão (Frei Davi, 2015).

O culto aos santos católicos, no período colonial, era uma forma dos escravos africanos utilizarem o espaço público e se organizarem através das irmandades, de acordo com Marina de Mello e Souza (2001). A coroação dos reis negros ocorria com a eleição dos reis e as festividades com danças e ritmos nos diversos espaços da América portuguesa e as festas promoviam a recriação dos laços comunitários destituídos pelo tráfico (Souza, 2001).

Ainda sobre esse processo, nos documentos da EDUCAFRO (2015), encontramos o registro de que:

A partir do segundo, o centro da igreja era o clero romano. A romanização se coloca em contraposição ao catolicismo português popular, da fase anterior. Neste segundo projeto, a vinda de imigrantes foi fundamental, ao mesmo tempo que o combate a todas as manifestações religiosas, que fossem diferentes da orientação cristã católica, deveriam ser combatidas, seja no âmbito eclesial, como pelo estado policial, para a eliminação de qualquer contato de negros e negras com sua cultura, principalmente na vivência da fé nas religiões afro-brasileiras. A ideologia do embranquecimento era uma política de Estado e diversas legislações foram promulgadas nesse intuito. E a igreja atuava com missionários na catequização de negros e indígenas. (EDUCAFRO, 2015)

Segundo Frei Davi (2015):

A primeira legislação que se contrapõe a toda essa situação é a Lei Afonso Arinos, em 1951, que punia todos os atos de discriminação racial. A partir daí, houve a exigência da retirada de normatizações em documentos de congregações religiosas no Brasil, que proibiam a entrada de negros (as), mestiços (as) para a vida religiosa. Iniciado no período anterior, em 1962, o Concílio Vaticano II trouxe um sopro novo para dentro da igreja, com desafios e promessas de renovação, pensando na relação entre religião e cultura. A partir de 1968, inicia-se o terceiro momento de evangelização, com as Conferências de Medellín e mais à frente, com Puebla (1979), promovem o aprofundamento das orientações do Concílio Vaticano II, que passou a pensar a evangelização a partir da situação concreta e histórica do povo negro, dos oprimidos e excluídos. Nesse contexto, começaram a surgir os grupos de base formados por negros católicos. Na década de 1970, havia uma fermentação muito forte nas comunidades negras. O movimento negro renasceu de maneira mais consistente e forte a partir de 1978.

Essa presença e influência negra no processo de evangelização na igreja católica é também observado com a criação e atuação das Pastorais, especialmente da Pastoral Negra. Sobre ela, o Estudo 85 da CNBB (2003), registra que:

A Pastoral afro-brasileira nasceu de um grito que houve em 1978 na missa em São Paulo. Padre Toninho depois da missa gritou “Vamos iniciar a pastoral?” Depois foram convocados quatro padres pela CNBB para poder dar sugestões para Puebla. E aí esse grupo continuou se reunindo. Em 1982 começou a secretaria da Pastoral na sede em Brasília. Essa Pastoral começou a se organizar. A secretaria, da CRB Nacional doou os móveis e a irmã Raimunda da Congregação Jesus Crucificado ficou como secretária. Ela constituiu um grupo com as irmãs, padres para começar a pensar nisso. Quando foi em 1987, começou a preparação do centenário da abolição (Estudo da CNBB – 85, 2003, p. 11).

O crescimento e a força dos Movimentos Populares, muito atuantes e com grande expressão naqueles tempos, foram decisivos para o crescimento do Movimento Negro na sociedade civil e nas igrejas. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB convidou um Grupo de Trabalho, criado em 1979, com a finalidade de preparar a Conferência Episcopal Latino-americana de Puebla. Em 1981, o Grupo União e Consciência Negra seguiu caminho parecido, denunciando, entretanto, o racismo no interior das Igrejas continuou⁸⁹.

⁸⁹ Pastoral Afro-brasileira: Versão Popular do Estudo da CNBB – 85. Brasília, CPP, 1a. Edição, 2003, nº 1, pág. 11.

Os Agentes de Pastoral Negros (APNS) atuam desde 1983, no Brasil, com encontros locais, estaduais e nacional. Existem organizações, bem semelhantes, no Equador, Colômbia, Panamá. Da mesma forma, há encontros de Congregações e Inter congregacionais de religiosos/as negros/as, como por exemplo, entre várias, os Salesianos (há 17 anos), as Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), Franciscanos (OFM), Irmãs de Jesus Crucificado, entre outras.

Segundo a Conferencia dos Religiosos do Brasil - CRB (1995), foram iniciados no Brasil e no Equador, Grupos de Reflexão de Religiosos/as Negros/as e Indígenas (GRENI). Houve um primeiro Encontro Continental da Vida Religiosa, realizado em Quito, Equador, em agosto de 1998, promovido pela Conferência Latino-americana dos Religiosos (CLAR). Foi um sopro do Espírito, nesta época de “refundação” da Vida Religiosa, na América Latina (CRB, “Negros e indígenas: novos rostos na vida religiosa”, Convergência, nº 294, 1995).

O Instituto Mariama, sociedade de articulação dos padres, bispos e diáconos negros católicos do Brasil. Vem se organizando desde abril de 1989. Em 1988 com a Campanha da Fraternidade sobre o negro, “Ouvi o clamor deste povo”, tem crescido a organização e faz parte, desde 1996, da estrutura da CNBB, na Comissão para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz (EDUCAFRO, 2015).

A Pastoral Afro-brasileira, através das suas instâncias próprias e através de seus pastores, é um espaço de ação e de conscientização da Igreja e da sociedade para a realidade da população afrodescendente. Atua na exigência dos direitos fundamentais de cidadania para todos, sobretudo para aqueles que vivem à margem da sociedade, em virtude de sua cor e etnia. Através da Pastoral Afro-brasileira, a Igreja marca a sua presença constante no combate e condenação a toda forma de racismo, preconceito, xenofobia (rejeição a estrangeiros) e outras formas de discriminação (Estudo da CNBB – 85, Edição Revisada 2020).

A teologia da Pastoral Afro-brasileira liga-se e se expressa, na prática, por meio de vários grupos, como o Grupo de Reflexão Negra e Indígena da Conferência dos Religiosos do Brasil (GRENI/CRB), Instituto Mariama (IMA), Congresso Nacional das Entidades Negras Católica (CONENC), Atabaque, ATABAQUE - Cultura Negra e Teologia, Agentes de Pastoral Negros (APNS), entre outros.” (Estudo da CNBB – 85, Edição Revisada 2020) De forma mais efetiva, foi a partir de 1978 que os negros católicos fortalecem a sua organização. Nesse período estavam ocorrendo os encontros preparatórios para a conferência de bispos, em Puebla, no México. Apesar da constatação por alguns membros da igreja, sejam leigos e leigas, padres, religiosos e religiosas dos movimentos católicos negros de que o documento elaborado era muito bom, pois refletia a situação dos empobrecidos e fazia uma "opção preferencial pelos pobres", contudo não trazia o rosto do povo negro. Esse fato foi apresentado à CNBB. Imediatamente foi criado um grupo de trabalho para pensar o texto sobre as condições de vida da população negra e que pudesse subsidiar os bispos que iriam a Puebla em 1979 (EDUCAFRO, 2015).

Fora e dentro da igreja, não se acreditava ser impossível assumir uma identidade negra católica, haja vista, a igreja esteve sempre ao lado da casa grande e não da senzala. Entretanto, o movimento dos grupos negros católicos continuavam avançando nos seus propósitos de trazer a luz as temáticas eclesiais e sociais de homens negros e mulheres negras, e isto levou a diversos encontros, seminários, formações, elaboração e documentos que visavam pressionar a abertura

da igreja para se aproximar cada vez mais das demandas dos católicos negros, reconsiderando posicionamentos ortodoxos e criando um diálogo mais aprofundado entre religião, religiosidade e culturas diaspórica e afro-brasileiras.

É um novo caminho, que parece sem volta. Em 1987, diversas ações em todo Brasil aconteceram, a partir da aprovação e preparação para a campanha da fraternidade de 1988. Mesmo com todas as suas dicotomias, a Igreja inicia um processo de reconhecer e promover ações para o povo negro. Chegamos em 1988, e com ela a campanha da fraternidade com o tema "A Fraternidade e o Negro", e o Lema: "Ouvi o Clamor desse Povo", onde há uma autorresponsabilização da igreja, de que precisava promover a leitura do evangelho da libertação, apoiando o povo negro na luta por seus direitos (EDUCAFRO, 2015).

Apesar disso, em muitas regiões, dioceses diziam que não iriam acolher a campanha da fraternidade, coisa jamais ocorrida desde sua criação. Não obstante, muitas dioceses construíram boas equipes e atividades durante a campanha de 1988, com grande participação das comunidades negras de religiosos e religiosas. Foi a partir deste ano que houve um aumento nas missas "inculturadas" ou chamadas de afro, assim como diversas celebrações como casamentos, batizados, retiros e encontros com aprofundamentos sobre essas temáticas da cultura, religiosidade e identidades negras. Essa disseminação tornou-se importante, pois, havia uma dificuldade e fechamento ao diálogo, sejam de leigos, leigas, sejam de religiosos, religiosas e sacerdotes da igreja.

Destarte, mesmo com resistências visíveis e ocultas, houve uma progressão em diversos contextos, aumento na presença de sacerdotes negros e assunção ao bispado, uma campanha da fraternidade sobre a violência, mas que chamava atenção para o genocídio da juventude negra, criação das pastorais e movimentos negros católicos.

De 1988 até os dias atuais houve momentos progressistas, contudo, ainda com mais recrudescimento do conservadorismo, principalmente com assunção do Papa Bento XVI, que promove a ideia da igreja para dentro e de ser a única detentora da verdade e do projeto de salvação, sem ligação com problemas sociais, mas com base na espiritualidade e na oração, fortalecendo os dogmas de fé.

Na América Latina existe uma desmobilização de agentes negros dentro da igreja católica, diante de desânimo e novos caminhos escolhidos, por exemplo o de ingressarem nas lutas da sociedade civil, buscando alcançar objetivos de criação e efetivação e políticas públicas de promoção da igualdade racial.

Um novo ânimo se apresenta agora, com a liderança do Papa Francisco, que propõe uma

igreja em saída e com a consulta sinodal⁹⁰ que busca aproximar a igreja das comunidades e de suas realidades. Que possamos manter-nos organizados, atentos e em alerta para não permitirmos novos retrocessos e continuarmos avançando no propósito de trazer à luz a presença e a participação da população negra na origem do cristianismo e de seu desenvolvimento ao longo dos séculos.

3.2 A PASTORAL AFRO DE SALVADOR: CRIAÇÃO, ATUAÇÃO E RESISTÊNCIA

Segundo o Documento do Centro de Articulação Arquidiocesana da Pastoral Afro de Salvador -CAAPA:

A Pastoral Afro-Brasileira pertence à comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz. É um serviço que atende os afro-brasileiros que vivem a sua fé em comunhão com o compromisso cristão. A Pastoral Afro é um espaço de reflexão, articulação e diálogo, voltado para as questões afro- brasileiras, integrando a fé, a cultura e a experiência com Jesus Cristo. É um organismo da Igreja Católica que visa a evangelização na nossa sociedade injusta, buscando a superação das desigualdades, da exclusão social, da miséria e da violência contra o povo negro, através de política públicas que favoreçam a inclusão social e reconhecimento dos direitos da população afro brasileira.

A Pastoral Afro de Salvador foi criada em 1999. A primeira coordenação foi composta pelo Bispo D. Gilio Felicio, como coordenador geral. O Pe. Gabriel dos Santos Filho, Secretário Executivo. O padre Gabriel foi Capelão do Rosário, no período de 2007 a 2012. O Pe. Clovis Cabral foi Coordenador da Equipe de Assessoria Permanente. O Irmão Albérico Paiva, foi secretário de Relações Institucionais. Na Tesouraria o Pe. Antônio Oliveira, Claudia Maria Carvalho da Silva na assessoria de imprensa, Marcos André dos Santos, secretário de formação e Aurea Silva da Encarnação como Secretária do CAAPA.

Segundo o irmão Almir, um dos objetivos da Pastoral Afro é “vivenciar o evangelho a partir da cultura afro-brasileira e da identidade do negro.” No documento do CAAPA outros objetivos mais específicos são descritos abaixo:

- Despertar na comunidade negra a sua autoestima para melhor relacionamento consigo, com o outro e com a sociedade
- Proporcionar estudos da cultura afro-brasileira numa perspectiva da retomada do processo histórico cultural em busca da dignidade humana;
- Valorizar e respeitar as diversas culturas em seus múltiplos aspectos reconhecendo nestas, quando houver, elementos e traços da cultura afro-brasileira.

⁹⁰ A palavra sinodal tem origem no grego synodos, que significa "caminho feito em conjunto". A sinodalidade é um estilo de vida e missão da Igreja, que se caracteriza por ser um Povo de Deus que caminha em conjunto.

O Bispo Dom Gílio Felício lembra que:

A Pastoral Afro deve ser a animação pastoral em meio a Comunidade Negra, reafirmando valores e somando-se na busca incessante de meios capazes de superar práticas de discriminação, opressão e exclusão que pesam sobre afrodescendentes. A população afro-americana necessita e merece um lugar ao sol na sociedade que ela ajudou a construir. Por vários séculos submetida a regime de escravidão, violência maior que o mistério na iniquidade humana engendrou, a população negra contraiu um doloroso estigma cuja a cor implica um delicado, agudo e urgente processo de libertação.” E completa “a Pastoral Afro deverá ajudar a Igreja apoiar e, por se mesma, criar iniciativas contra o racismo, a discriminação e exclusão dos negros e negras na sociedade, inclusive, assumindo posturas explícitas em defesa do seu patrimônio cultural e religioso (Felício, 2001, p. 10).

No processo de criação, como forma de atuar e realizar suas ações para responder aos seus objetivos foi demandada a Secretaria Executiva do CAAPA algumas metas de criação núcleos da Pastoral Afro nas Paróquias e Comunidades, a saber: dialogar com Padres, criar centros de formação para capacitar agentes multiplicadores, formar equipes diocesanas; estruturar, organizar e salvaguardar documentação, além da obtenção de uma sede própria.

A Secretaria da Pastoral Afro Brasileira é um instrumento de atuação pastoral orgânica e participativa que busca o dinamismo e comunhão com as regiões episcopais, foranias, as paróquias e comunidades e os diversos organismos de animação pastoral da arquidiocese. É um instrumento de articulação pastoral ligado ao Secretariado da Pastoral Afro da CNBB (CAAPA, 2001, p.11).

No ano seguinte, 2000, a Pastoral Afro realizou algumas ações importantes para a estruturação do CAAPA, principalmente na aquisição da sede própria. Fez curso para 30 (trinta) agentes da Pastoral Afro no mês de maio de 2000. Conseguiu viabilizar a vinda para Salvador o VIII Encontro Nacional e Continental da Pastoral Afro-americana e Caribenha - EPA, no mês de setembro, cujas paróquias hospedaram 400 delegados do Brasil, da América Latina e Caribe. E na sua assembleia de 01 de dezembro, com base nas decisões do VIII EPA, o CAAPA foi organizado em oito setores: 1. Espiritualidade e Teologia Negra; 2. Catequese Liturgia Inculturada; 3. Formação; 4. Diálogo Inter-religioso e Macroecumenismo; 5. Saúde Afro: preventiva, massagem, fitoterapia, biodança, autoestima; 6. Ação Social: crianças, adolescente, mulheres; 7. Geração de Renda: teatro, dança, música, capoeira, moda, estética, culinária, artesanato, esporte e 8. lazer e comunicação.

O irmão Júlio salienta que:

“o surgimento da Pastoral Afro veio da tentativa de se transformar os agentes de pastoral negros em Pastoral Afro vinculada à Igreja católica. Haja vista que os agentes de pastoral negros tinham membros de diversas religiões e até sem religião. As reuniões dos Agentes de Pastoral Negros - APNs ocorriam no convento de São Francisco coordenado pelo Padre Heitor Frizot, Padre Italiano, que atuava em

Pau da Lima, Sussuarana e Novo Horizonte, com Padres Combonianos. Inclusive tem o bairro Dom Combone criado em homenagem a estes padres.”

Segundo o irmão Júlio:

O Frei Calixto, que era um Franciscano, representando a Arquidiocese, buscava fazer esse processo de transformar os APNs em Pastoral Afro. Em várias reuniões do grupo, no convento de São Francisco, e por isso ele participava, o Frei Calixto insistia no convite e na criação da Pastoral Afro. Os APNs não queriam ser tutelados pela Igreja. Com a vinda de Dom Gílio para Salvador e com o encontro de Padres, Diáconos e Bispos negros, mais uma vez esteve veio a proposta da criação da Pastoral Afro. E logo em seguida teve o Encontro Latino Americano de Padres, Diáconos e Bispos Negros, atraindo muitos padres querendo vir morar em Salvador. Inclusive alguns padres começaram a ingressar na Ordem Terceira do Rosário. E com a crescente tentativa desse ingresso, o Arcebispo Dom Geraldo Majela suspendeu essa possibilidade. Essa entrada de Padres, que são Ordem primeira, numa Ordem Terceira, tinha como propósito transformar a Irmandade do Rosário numa congregação de padres negros.

Então, em 15 de abril de 1999 foi criado o Centro Arquidiocesano de Articulação Pastoral Afro - CAAPA, sendo o centro de formação e articulação, que fincou as bases para criação da Pastoral Afro Arquidiocesana. Todo encontro era lá. Era centro de formação. Tinha outro centro de formação também, o Centro de Sussuarana. Segundo Irmão Almir, “Era o espaço para que pudéssemos reunir as pessoas, fazer formação para atuação em suas áreas. Hoje, por exemplo, temos Pastoral Afro em Sussuarana, Pau da Lima, Uruguai, Bairro da paz, Pelourinho, Fazenda Grande do Retiro, São Marcos, Couto, Periperi e Plataforma.”

Antes do Padre Bernadino Mossi, Africano do Togo, que é o atual coordenador, outros padres foram coordenadores, exemplo do Padre Fidelis, comboniano (membros da congregação religiosa fundada por São Daniel Comboni que segue o rito oriental filiado a Igreja Católica), e Padre Ernesto. A organização administrativa se modifica a cada 2 anos, seja com ingresso de novos membros ou com reorganização dos cargos e pessoas existentes, fazendo-se a renovação. Segundo Irmão Almir, “na verdade se a gente se reorganizou da forma que cada área dessa, onde tenha uma Pastoral Afro, haja um articulador, fazendo reuniões, encontros mensais ou a depender da necessidade, principalmente quando temos datas e atividades que demandam mais atenção e cuidado com a elaboração.”

A orientação e normatização das ações da Pastoral Afro são feitas pelo documento 85. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB vem ao longo do tempo revisando e atualizando, tendo o acompanhamento do Arcebispo de Feira de Santana Dom Zanoni Demettino Castro, o Prelado referencial para a Pastoral Afro na CNBB.

Um dos obstáculos apresentados pelo Irmão Almir para a Pastoral Afro dentro da Igreja é o acolhimento de outras Pastorais e movimentos, assim como dos Padres, inclusive negros. Ele cita a Ação Social da Arquidiocese - ASA como uma das poucas organizações que acolhe com presteza a Pastoral Afro. E explicita que “Pastoral afro dentro da igreja para a maioria é macumba, é candomblé. A gente pontua as questões negras, espiritualidade, religiosidade, intolerância religiosa, entendeu?! Cultura, inculturação, identidade, negritude. Isso não é candomblé! Na verdade, a igreja nos deve reparação!”

Irmão Almir vem esperando que Dom Sergio, atual Arcebispo possa tratar das nossas questões diferentemente dos Arcebispos anteriores. E diz ele que “tínhamos tudo e nos foi retirado. A nossa estrutura atendia as entidades negros de Salvador. Várias organizações se reuniam aqui, usavam nossa estrutura para apoiar e construir suas ações. Até carro estava à nossa disposição.” Contudo, Irmão Almir salienta que erros foram cometidos, pois não houve monitoramento e avaliação dos rumos da Pastoral. Foi vivido o momento e não se pensou o porvir. Por fim, ele analisa ainda o comportamento da militância que foi se apropriando de pequenos espaços de poder e deixou de atuar devidamente.

Eu acredito que a gente como negro, como militante, a gente se perdeu um pouco. Eu acho que o poder político, e temos que entrar na política, mas a partir do momento que a gente começou a se envolver nas questões políticas, exercer cargo e tal, a gente se perdeu, se enfraqueceu muito, a ponto da gente tá aí depois de uma eleição dessa de 2024 para prefeito e vereadores, a gente tá vendo aí quantos pretos foram eleitos. Um absurdo, não é?! Ver um repórter ter 36.000 mil votos sem nenhuma discussão política ou social. Mas estamos na luta e na reconstrução. É mais difícil reconstruir do que construir, mas estamos melhorando. Estamos utilizando Educação e Arte como nosso Lema.

Existem diversas atividades no CAAPA, quais sejam: Teatro, Capoeira, Música e Percussão em Iorubá, Escuta e Autocuidado, encontros com políticos e lideranças dos Movimentos Negros. São nesses espaços de sociabilidade e resistência em Salvador que membros do Rosário, do Movimento Negro e da Pastoral Afro fazem suas estratégias para reparação histórica tanto devida a população negra de Salvador, da Bahia e do Brasil.

3.3 A BÍBLIA E O POVO NEGRO

Os evangelhos sinóticos são unânimes em afirmar que certo Simão de Cirene ajudou Jesus a carregar a cruz, a caminho do Calvário, (Mt⁹¹ 27,32; Mc⁹² 15,21; Lc⁹³ 23,26). Ora, Cirene fica no norte da África. Mas alguma vez você ouviu em prédica ou sermão, na catequese, na escola dominical ou no ensino confirmatório, que um africano ajudou Jesus a carregar a cruz? Estudiosos dirão que se trata de um judeu da diáspora, visto que no norte da África havia várias colônias judaicas. Mas com que argumentos ou intenções fazem esta escolha na interpretação?

Por contrariar os interesses da corte de Jerusalém, pouco antes da destruição da cidade pelas tropas babilônicas, o profeta Jeremias foi preso e lançado numa cisterna. Um africano, funcionário do rei (seu nome, Ebed-Melec, significa "ministro do rei"), liderou um movimento para libertar Jeremias (Jr⁹⁴ 38,1-13). Quantas vezes você se lembra de ter estudado este texto, dando atenção a este "detalhe"?

Moisés, conta-nos Número (Nm)12, casou-se com uma africana, da região de Cush – Etiópia. Na verdade, quase toda a história do êxodo se passa na África. Uma simples leitura do Canto de Miriã (Ex⁹⁵ 15,19-21), com certeza um dos textos mais antigos de toda a Bíblia, nos permite notar a proximidade da cena com a rica cultura dos povos negros: canto e dança ao redor dos tambores. Você já parou para pensar nisso?

O missionário Filipe, ao "aceitar a coroa" na carruagem do negro e alto funcionário de Candace, rainha da Etiópia, tem uma grata surpresa: o africano já tem em suas mãos o livro do profeta Isaías. Isso ocorre no livro de Atos. (At⁹⁶ 8,26-40). E há quem continue afirmando que foram os europeus que levaram a Bíblia para a África! Pois bem, os exemplos acima são suficientes para nos provocar ao desafio: olhar a Bíblia na perspectiva da negritude!

Em primeiro lugar, porque seguimos acreditando que o Deus da Bíblia faz opção pelas pessoas e pelos grupos mais marginalizados. Em nossa sociedade, as mulheres, as pessoas negras e indígenas continuam sendo as maiores vítimas da gritante exclusão social. Com elas

⁹¹ Abreviação do Livro do Evangelho de Mateus.

⁹² Abreviação do Livro do Evangelho de Marcos.

⁹³ Abreviação do Livro do Evangelho de Lucas.

⁹⁴ Abreviação do Livro Bíblico de Jeremias.

⁹⁵ Abreviação do Livro Bíblico do Êxodo.

⁹⁶ Abreviação do Livro Bíblico do Ato dos Apóstolos.

Vai-nos dizer Elba Oliveira Chrysóstomo (2008, p. 5):

Está explícito que essas representações sobre o continente africano e as práticas religiosas dos ditos “negros” são tendenciosas e insistem em tratar o cristianismo como uma religião de nascente europeia. Essa invisibilidade dada a presença do cristianismo primeiro em África e com sua posterior diluição para outros povos e nações não é divulgada, há significativo apagamento nos discursos sociais, políticos e religiosos de que o cristianismo teve seu advento antes do século XV e que isso ocorreu no mesmo espaço em que hoje é parte de África e isso compromete a compreensão da diversidade de práticas religiosas no continente africano.

Há no Brasil um suntuoso silêncio sobre a presença do cristianismo na África antes deste chegar ao que é hoje Europa, tanto por parte dos militantes de organizações sociais “negras”, quanto de instituições cristãs. O que se lê/ouve/vê é o discurso de que o cristianismo chega à África nos períodos e advento das navegações, escravidão e colonização, após Reforma Protestante. Essas afirmações são impositivas e sugerem imagens de africanos apáticos, sofredores e infelizes pela prática religiosa de forma coercitiva ao passo que isso não coaduna como verdade a priori. Esses discursos fazem parecer que africanos não tinham, ainda que internamente, seus próprios anseios, suas escolhas e modos distintos de práticas religiosas.

Não é difícil compreender que se o cristianismo tem o seu advento primeiro no que é hoje África e depois no que é Europa, que entre as pessoas que fizeram a travessia transatlântica vieram também cristãos, obviamente com formas e estruturas distintas da prática dessa fé.

Oliver (*apud* Chrysóstomo, 2008, p. 6) diz:

Se o cristianismo, o islamismo e o judaísmo se presentificam desde os séculos V a.C com as comunidades pré-cristãs e pré-islâmicas em território africano, sendo até os dias atuais práticas religiosas com maior número de adeptos, isso, assertivamente, se deve a presença dessas religiões no continente muito antes da operação de invenção do oriente pelo ocidente.

Oliver (*apud* Chrysóstomo, 2008, p. 6) segue afirmando que:

A presença de cristãos neste espaço geográfico desde o século I da era cristã, ao passo que (M'Bokolo, 2009) afirma a presença de cristãos desde o século II d.C. ou seja, desde o advento do cristianismo, as comunidades cristãs já se encontravam estabelecidas no que hoje é parte do continente africano, mais precisamente entre a Núbia (Sudão) e o Egito.

E a Bíblia tem no seu primeiro livro: Gênesis, o início de uma apresentação recontando de modo informativo e lúdico a história do surgimento dos primeiros seres considerados humanos, algumas práticas, costumes, crenças e o espaço onde se deu esse aparecimento, o que não é novidade para o mundo ocidental, a afirmação científica e que, também é relatada na Bíblia, o surgimento dos primeiros humanos em solo africano. E plantou o Senhor Deus em um

jardim no Éden, do lado oriental; e pôs ali o homem que tinha formado (...) E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços, o nome do primeiro rio é Pisom; este é o que rodeia toda a terra de Havilá, onde há ouro. E o ouro dessa terra é bom; ali há o bdélio, e a pedra sardônica e o nome do segundo rio é Giom; este é o que rodeia toda a terra de Cuxe e o nome do terceiro rio é Tigre; este é o que vai para o lado oriental da Assíria; e o quarto rio é o Eufrates. (Gênesis 2). Todo esse território é africano, é o continente africano.

3.4 A CONSTITUIÇÃO DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DE SALVADOR

Em entrevista com a Professora Ana Célia (2024), uma das integrantes do MNU de Salvador, foi-me trazido o processo de constituição desse movimento na capital baiana e sua forma de atuar integrada com outros movimentos sociais negros e de mobilização popular, em sintonia com a criação do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial - MNUCDR em São Paulo no dia 7 de julho de 1978. Segundo a professora Ana Célia, um dos nossos Irmãos Alberico Paiva foi quem a introduziu nesse movimento, a partir do Grupo Nêgo, que logo se incorporaria ao MNU. Irmão Albérico participava do Grupo Ginga, segundo a professora, e também do Polêmica Negra, grupo do bairro de Pernambués, liderado por outro membro do Rosário dos Pretos, que foi meu interlocutor nessa pesquisa, o Irmão Júlio César.

Foi de grande relevância a criação do MNU de Salvador, pois foi possível atrair muitos intelectuais orgânicos, artistas, professores e trabalhadores e que se colocaram à disposição para dar seguimento ao legado recebido pelos nossos antepassados e ancestrais. Interessante salientar, que no primeiro momento o caminho de luta foi por meio das artes, pois alguns desses militantes estavam na arte da dança e do teatro e utilizavam essa ferramenta como estratégia para alcançar o objetivo do grupo. Observamos, aqui, que não era todo movimento que não aceitava a cultura como ferramenta de ação política. Então havia uma convergência de setores do MNU e das demais organizações culturais negras que o caminho da cultura era uma possibilidade de enfrentamento ao racismo e seus dispositivos discriminatórios. Nesse caso, tanto o MNU e as demais instituições convergem na importância de salvaguardar esse caminho das culturas negras para promoção de ações de agenda política, assim como o viés da política poderia promover a criação de políticas culturais para a população negra, que se encontrava à margem, sem acessibilidade a bens culturais, seja os produzidos pela própria população negra, seja dos eventos ditos universalizados, onde os brancos eram os maiores beneficiários.

No seu livro autobiográfico, a professora Ana Célia diz que foi nesse encontro do grupo Nêgo, precursor do MNU de Salvador, e durante a criação dos GTs que ela conheceu militantes,

hoje referências históricas desse legado que recebemos, a exemplo de Gilberto Leal, Godi, Lino Almeida, Ivete Sacramento, Arany Santana, Luiza Bairros, Luiz Alberto, Jorge Conceição, Wilson Santos, Gildália Anjos e tantas outras pessoas (SILVA, 2023).

Segundo a Ana Célia (2023), “o MNU em Salvador atuou em diversas áreas da cidade e com projetos e Grupos de trabalhos em diversos setores, principalmente na educação básica, na formação de professores, salas de alfabetização, apoio pedagógico e na área de comunicação com programa de rádio, que existe até hoje, chamado tambores da liberdade, criado por Jônatas Conceição. E também constituiu relação com o bloco Malê de Balê.”

Foi-me confiado as atas, abaixo apresentadas, que ficaram guardadas ao longo desse tempo. Segundo a professora a primeira ATA, mesmo não sendo da primeira reunião, e mais duas que registram as deliberações do MNU de Salvador, além de seus propósitos. Assim como, documentos da Fundação MNUCDR de São Paulo, que houve representações de Salvador, que levaram uma carta de apoio à criação.

A ata apresenta que as primeiras reuniões, antes dessa e nessa, as discussões estavam centradas na estrutura organizacional, formas de arrecadação, espaços para reunião, levantamento de pautas, formação dos integrantes e criação de comissões. Ainda não estavam definidas a estrutura política, social, de ações mais contundentes. Não havia um plano estruturado, conforme a leitura que fiz.

Algo que me chamou a atenção foi a crítica feita ao artigo primeiro do “regimento interno” da Sociedade Protetora dos Desvalidos – SPD, como se fosse um artigo que dita o caráter racista da instituição, conforme texto transcrito na ata. No caso, quando dizem regimento, penso estar se referindo ao Estatuto, pois ainda não havia regimento interno da SPD naquela época. O atual regimento é de 2021. E atualmente, estando como gestor administrativo da SPD e lendo esse artigo primeiro do estatuto, não identifiquei no texto nada que valide a afirmação feita pelo integrante MNU de Salvador.

Busquei informações com representantes da SPD, que ficaram surpresos e ficaram de identificar o estatuto de 78, para verificar se houve mudança ao longo desse período histórico do artigo primeiro daquela época ou sempre foi o mesmo, estando nos estatutos recentes, mesmo com algumas alterações realizadas. Fiz contato com militantes do MNU de Salvador, que estavam nesse período de criação, mas não obtive resposta sobre as falas registradas na ata. Atualmente a coordenação do MNU na Bahia é conduzida por Samira Soares, 28 anos, Natural da chapada Diamantina, Mestre e Doutoranda em Literatura pela UFBA, fundadora da Marcha do Empoderamento Crespo e eleita, a mais nova, dirigente do Movimento Negro Unificado na Bahia.

Em entrevista concedida em 10 de novembro, Samira faz um relato da estrutura, das ações e do importante papel do MNU e avalia as políticas públicas e a violência racial no estado e no país. Nossa coordenação está dividida em alguns territórios de identidade do nosso Estado da Bahia. Eu represento o município de Lençóis como coordenadora geral, o secretário estadual de tesouraria Silas Félix, de Salvador; o secretário estadual de formação política Raimundo Bujão, Salvador; a secretária estadual de organização Lidiane Yoshioka, Xique-Xique; a coordenação estadual de comunicação Edival Serpa, Salvador; a coordenação estadual jurídica Jade Andrade, Salvador; a coordenação estadual de educação Maria Dominga, Itabuna; a coordenação estadual de Juventude, Sara Sacramento, Lauro de Freitas; a coordenação estadual de mulheres Catarina Maia, Cachoeira; coordenação estadual LGBTQIAPN+⁹⁷ Michele Nascimento, Lençóis; a coordenação estadual sindical Bete Sacramento, Lauro de Freitas; a coordenação estadual de justiça e direitos humanos Isadora Salomão, Salvador; coordenação estadual de povos e comunidades tradicionais e de matriz africana Moacir Pinho, Ilhéus; coordenação estadual de cultura Josivaldo Félix, de Pau Brasil; coordenação estadual de saúde Thaise Viana, Salvador; a coordenação estadual de etnodesenvolvimento Beto Pretto, Salvador; e a coordenação estadual de relações institucionais Ademário Costa, Salvador.

Nossa coordenação foi instaurada no dia 2 de julho de 2023, a nossa Independência da Bahia, e a gente foi as ruas denunciando questão do genocídio da população negra, mais firmemente colocando uma campanha pela implementação das câmaras nos fardamentos de policiais aqui no estado, a gente identifica que o estado da Bahia ainda é o estado genocida e que quando se pensa diretamente a vida da Juventude negra ou dos nossos povos negros, sobretudo os que vivem nas margens das grandes periferias da capital e também dos interiores, que tem um índice maior de violência, o que se chama mancha criminal são pessoas negras que são diretamente atingidas por isso.

Na nossa coordenação a gente tem uma diversidade de municípios por entender que por se representar uma coordenação estadual a gente precisa de fato ter um diálogo intersetorial e compreender as questões dos municípios a partir dos seus territórios. Então nossa ideia foi inicial construir esse grande encontro que a gente conseguiu reunir mais de 250 pessoas para ele se eleger a nossa coordenação, a partir disso a gente foi se instalou como uma coordenação muito ativa e referência no estado da Bahia, principalmente pelo diálogo de construção com o governo do estado, com o governo federal e também com a gestões municipais, porque

⁹⁷ Sigla para identificar as comunidades de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexo, Assexuados/as, Pansexuais, Não-binárias e (+) mais outros segmentos de orientação sexual ou identidade de gênero.

construção porque a gente acredita que a crítica ela precisa estar associada à prática e por isso que a gente constituiu essas representações regionais e o fortalecimento das lideranças. Os outros municípios que não estão representados diretamente na coordenação fazem parte do nosso núcleo de lideranças regionais, no qual a gente constitui um processo de acompanhamento, de diálogo, de comunicação e principalmente de formação política para apoiar, preparar e também reagir a violência racial em qualquer espaço do nosso estado, assim como em qualquer território do nosso país.

Um aspecto importante da nossa coordenação é que nós temos os mais velhos que participaram do processo de fundação do MNU no Brasil, dentre eles o Raimundo Bujão que é de Salvador e o Moacir Pinho que é do município de Ilhéus. Isso é muito importante para nós porque a gente percebe que quando o MNU foi fundado, um dos aspectos que se discutia muito lá entre 78 e 79 foi a denúncia contra a ditadura militar e da violência racial para a população negra, principalmente a discriminação racial consequência do processo de genocídio da população negra e o MNU nasce por esse aspecto. Naquele período de 78 e 79, no processo de fundação, o MNU passou por constantes transformações e diálogos com diversas entidades do movimento negro, inicialmente no sudeste e se multiplicou em outros estados, como na Bahia, fortalecendo um grande núcleo de intelectuais negros importantíssimos para a formulação, diálogo e construção das políticas públicas de nosso país dentre eles Abdias do Nascimento, Lélia Gonzales Luiza Bairos, o próprio Raimundo Bujão e o Moacir Pinho, figuras fundamentais que entendiam que a gente precisava disputar as estruturas do estado para conseguir alcançar políticas públicas de reparação.

E assim, nós temos hoje, sobretudo, a política de ações afirmativas de cotas nas universidades e nos concursos públicos, que pra nós é fundamental, entendendo principalmente que o MNU tem esse papel como Lema de reagir a violência racial e ao mesmo tempo compreender as diversas pautas que atravessam o movimento negro. Então um aspecto disso são as representações da nossa coordenação, pois a gente tem uma coordenação de mulheres, LGBT, povos tradicionais, que constroem campanhas ações atividades e pautas ligadas a população negra, que desde 78 já se combatiam o mito da democracia racial, esse grande discurso que todos somos iguais, e que ainda hoje mesmo com alguns avanços de políticas públicas, ainda reverberam pautas construídas nos congressos do MNU, pela necessidade de reparação histórica, da memória e dos aspectos financeiros, pois ainda estamos nas margens da sociedade.

Outro aspecto é que o MNU Bahia é muito importante para o Brasil, principalmente porque é aqui que nasce, sobretudo, o fortalecimento da nossa autoestima e da identidade negra,

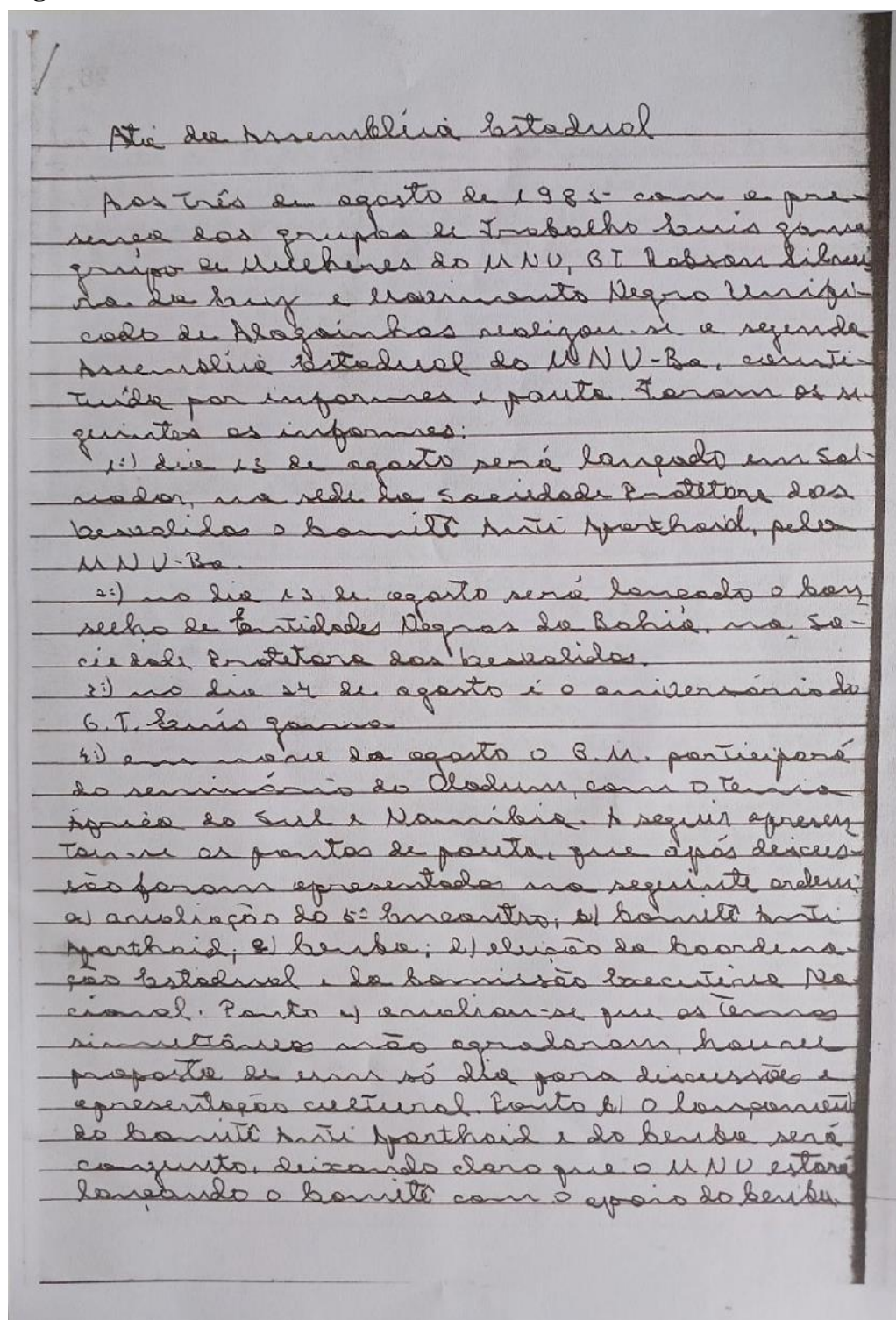
através dos blocos afros. Então, dialogamos com os blocos Ilê Aiyê⁹⁸, Malê de Balê⁹⁹ e tantos outros que afirmam a identidade negra e isso reverberou em outros processos que foram também fundamentais, por exemplo a marcha do empoderamento crespo e todas as outras organizações. O MNU se constitui com essa entidade que dialoga com todas as demais que constroem a pauta racial e também qualquer pauta no sentido da interseccionalidade, enquanto metodologia de acompanhamento das opressões que atravessam o nosso povo, mas também é uma entidade que visa a promoção do nosso bem-estar e do nosso bem viver, e é por isso que nós é construímos e estamos divididos também em conselhos pelo estado, conselho LGBT, conselho da Juventude, conselho de entidades negras, conselho de povos tradicionais, conselho de cultura.

A gente se organiza e se articula em vários aspectos por compreender que a gente precisa, sim, pautar políticas públicas para nossa população e inclusive construir essas estratégias de reparação para nossa população negra, como eu tinha falado, o nosso país ainda reverbera o mito da democracia racial, ecoa que somos todos iguais, mas somos nós que estamos nas grandes estatísticas da letalidade policial, da mortalidade infantil, do desemprego e da precarização das nossas vidas. Então um dos lemas do MNU é também fazer a promoção do nosso bem viver, para que o nosso povo consiga ter vida plena com todos os seus direitos garantidos e reparados.

⁹⁸ Significa Nossa Casa ou Nossa Terra. Nome do Bloco afro, de pessoas negras, de Salvador, na Bahia, do bairro da Liberdade.

⁹⁹ Significa Negrso Felizes. Nome do Bloco afro, que homenageia os mulcumanos que lutaram na Revolta dos Malês. Fundado em Itapuã, bairro de Salvador.

Figura 54 – Ata assembleia MNU



Na ata acima da assembleia geral, de 1985, no final dos escritos sobre a reunião, no item “o que ocorrer”, foi deliberado que o MNU da Bahia faria um documento esclarecendo o não apoio a candidatos e explicando por que não é a favor do voto racial. Fui buscar respostas com dois militantes que estavam presentes na assembleia, mas não obtive resposta sobre o fato

narrado na ata. O MNU tinha vários grupos e pessoas vindas de diversos setores da sociedade. Nem sempre a unidade se fez efetiva em tanta diversidade, mesmo devendo ser a questão racial protagonista das ações desenvolvidas¹⁰⁰.

Segundo Flávia Rios e Marcia Lima (2020):

O Movimento Negro contra a Discriminação Racial (MNUCDR) no contexto dos movimentos negros brasileiros em geral e estabelecer sua relação com a Frente Negra Brasileira (FNB) e o Teatro Experimental do Negro (TEN). Embora o MNU tenha surgido a partir desses dois últimos grupos, o período em que surgiu o impregnou com características que o distinguem de seus predecessores. A Estrutura organizacional e meios de ação do MNU com a criação dos núcleos operacionais básicos, denominados Centros de Luta (CLs), foi proposta no manifesto de 7 de julho de 1978. Esses centros deveriam ser formados por no mínimo cinco pessoas que aceitassem os estatutos e o programa do MNU e promovessem debates, informações, a conscientização e a organização dos negros. Os CLs deveriam ser criados onde quer que houvesse negros, como locais de trabalho, aldeias, prisões, terreiros de candomblé e de umbanda, escolas de samba, afoxés, igrejas, favelas, palafitas e barracos. Cada CL era responsável por escolher o tipo de ação a ser realizada com pessoas negras nessas áreas. Nesse sentido, eles tinham certa autonomia (Rios; Lima, 2020, p. 106).

Existiam muitos membros e membras da Irmandade que faziam e ainda fazem parte do MNU. A Irmandade é formada por homens e mulheres negras/os que mantêm viva a tradição: é um espaço de devoção e religiosidade, assistência e convivência, (re)encontros de identidades dispersas na diáspora, instrumentos para garantir lutas, conquistas e dignidade, permanente enfrentamento ao racismo, intolerância religiosa e discriminação.

João José Reis defende que “as irmandades negras do período colonial se formavam em torno das identidades africanas mais amplas, criadas na diáspora e que uma das principais atividades das irmandades era a promoção da vida lúdica, ou estabelecer o estado de folia de seus membros e da comunidade negra em geral” (Reis, 1997, p. 25). Afirma também que:

Nas festas ocorriam as eleições de reis e rainhas que fundavam na América Portuguesa encantações de reinos africanos e rituais que transformavam a memória em força cultural viva, (...) eram acompanhadas do bater de atabaques, mascaradas e canções cantadas em línguas africanas. Nessas cerimônias, carregadas de emoção mais do que de devoção cristã, os africanos reviviam simbolicamente suas antigas tradições culturais e consolidavam na prática novas identidades étnicas (Reis, 1997, p. 25).

A possibilidade de perceber as mudanças e as continuidades nesse processo de construção e de identidades somente está sendo possível com a análise dos relatos, das experiências sociais e das memórias das três gerações, pois ela foi deixada como um rastro no decorrer desses anos. O fio condutor, portanto, são as narrativas e as memórias desse grupo, suas formas inventadas, re-significadas e também silenciadas ao longo do século XX.

¹⁰⁰ Para saber como funciona atualmente a estrutura, ações e atuações do MNU em Salvador e na Bahia, fiz contato com a coordenação indicada pela Professora Ana Célia, contudo também não obtive êxito.

Através das irmandades religiosas, a população negra no Brasil colonial e também imperial, escravos africanos, escravos nascidos no Brasil e livres, reconstruíram suas identidades e reinterpretaram os códigos católicos, conquistando relativa autonomia para praticarem seus cultos (Oliveira, 2008).

Ao longo desses quase três séculos e meio de existência, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, a partir de sua estrutura organizacional religiosa, e em diálogo com os movimentos negros constituídos e atuantes ao longo deste período, especialmente na contemporaneidade, contribuiu e contribui com a promoção em ações que possibilitem atender as demandas da população negra de Salvador, da Bahia e do Brasil, a exemplo da Rede Nacional de Irmandades Negras Católicas, que vem atuando no apoio e desenvolvimento de medidas para a manutenção, visibilidade e fortalecimento das diversas confrarias, devoções e irmandades negras no país.

Mesmo com a drástica redução do número de irmandades negras, existem ainda Irmandades do Rosário, Irmandades de São Benedito, Efigênia, de Santo Antônio de Categeró e tantas outras no Brasil, que continuam suas alianças, mediações, estratégias e atualização de suas práticas de sobrevivência, que foram um grande legado deixado pelos nossos antepassados afro-diaspóricos com suas etnias e identidades.

As irmandades e as festas também estavam vinculadas à perspectiva católica, como a devoção aos santos católicos e o cumprimento das leis da Igreja (os compromissos das irmandades eram autorizados pelos representantes da Igreja, assim como os pedidos para a realização das festas). Desse modo, em comum, esses autores consideram que a linguagem religiosa é o terreno da mediação cultural no período colonial e as irmandades, portanto, são entendidas como parte das estratégias encontradas pelos escravos de resistirem à escravidão, como espaço de autonomia e criação de laços de solidariedade e sociabilidade.

As irmandades negras e ou seus membros estiveram e ou estão atuantes em todas as ações de libertação, inclusão e promoção da população negra. Muitas e muitos estiveram na criação do Movimento Negro e dos Agentes de Pastorais Negros, na Pastoral Afro, nos

Institutos dentro da Igreja. Participaram de Concílios e dos encontros de Padres Negros. Atuaram e atuam em blocos afro, de samba e afoxés e estivemos também representados nas artes cênicas com o casal Irmã Chica Xavier e Irmão Clementino Kelé (artistas).

Diversos irmãos e irmãs viajaram para diversas atividades de Irmandades e Confrarias Negras, atuando na formação, elaboração e proposição de documentos, textos, oficinas, criação de Grupos e Comissões para acolher e efetivar as demandas da população Negra. A irmandade do Rosário tem assento nos Conselhos Municipal e Estadual para as Comunidades Negras,

propondo e fiscalizando as políticas públicas que assegurem dignidade ao povo negro de Salvador e da Bahia.

Cabe-nos preservar e avançar na transformação dessa sociedade para que mais homens pretos e mulheres pretas se apropriem da sua identidade negra e promovam a consolidação desses espaços institucionais de sociabilidades, igrejas, irmandades, movimentos negros e demais movimentos sociais, como ambientes de liberdade, de fraternidade e de justiça no presente e deixemos de legado para os que virão por meio de atos de resistência, de denúncias de discriminação, de combate ao racismo, de ações que promovam a equidade racial e educação antirracista, a inclusão, a participação e a garantia de direitos e reparação histórica à população negra brasileira, principalmente às mulheres e à juventude negras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS - TESSITURAS CONTINUADAS

Nestas considerações finais, busco reposicionar alguns pensamentos que são continuados e não findados nessa dissertação que ora me propus realizar a partir da escuta e coleta de relatos para evidenciar as narrativas, memórias e conhecimentos herdados e construídos ao longo das histórias vinculadas entre irmãos e irmãs da Irmandade do Rosário dos Pretos e das Pretas. Além dos relatos coletados com os irmãos e irmãs, como membro ativo da irmandade, pude utilizar das minhas próprias experiências na construção do trabalho. Ademais, o acesso e uso de diferentes de fontes documentais, a exemplo de imagens, atas, registros administrativos do funcionamento da entidade foram cruciais para a produção desta dissertação.

Penso ser a Irmandade um reduto para além de afro-cristão. Entendo como espaço de identidade negra. Penso que não se configura como uma organização religiosa sincrética e, sim, existe uma construção relacional individual com a cosmo percepção cristã católica e a cosmo percepção das religiões afro-brasileiras. Por isso, mesmo não se tendo maioria na Irmandade de irmãos e irmãs de dupla pertença, essa religiosidade se faz presente, impregnada pela relação constituída entre indivíduos e os dois espaços, fazendo esse encontro, que faz pessoas que não são cristãs ou candomblecistas ou umbandistas frequentarem diante do encontro com uma identidade negra, com uma negritude que aflora no ir e vir dos corredores, dentro da igreja, nos penteados, nos coloridos das roupas e nos panos da costa, no bater das mãos e nas danças, nem que seja com os ombros e em muitos outros gestos, nos abraços negros de encontros e nas conversas que ecoam, as vezes, durante a celebração com muitas risadas e olhares que se enamoram, se identificam e se espelham.

Algumas Irmãs e Irmãos trouxeram um pouco dos seus sonhos e desejos para atuação e o legado da Irmandade. O Irmão Nicanor diz que o Centro Comunitário atua no Centro Histórico do Pelourinho como espaço de educação sociocultural para a juventude. O Irmão Almir, por sua vez, diz que esse diálogo inter-religioso e a formação de cidadãos e cidadãs que se respeitam independente das suas crenças. Para a irmã Nilsa a resistência e o título de Ordem Terceira foram e serão sempre os maiores legados que recebemos e podemos deixar. A Irmã Adilma entende que a Irmandade precisaria sair para o encontro com crianças e jovens, promover encontros nas escolas, apresentar a Irmandade, fazer mais trabalhos sociais. Já o irmão Crispim reforça em seu relato o que disse a Irmã Adilma, que precisamos de mais trabalhos sociais no entorno do Centro Histórico Antigo. A irmã Cosma traz o acolhimento do diálogo inter-religioso como um dos maiores legados. O irmão Bira compreende o Rosário como família, com suas contradições, dificuldades, contudo com alegrias e respeito que devem

ser deixados para os que virão. Por fim, o irmão Júlio diz que é fundamental manter viva a cultura da pequena África que se constituiu na Irmandade, tendo irmãos, irmãs e padres de dupla pertença e que souberam salvaguardar toda essa história.

Esse território sagrado que atrai pessoas de diversas matizes, lugares, origens, idades, classes sociais com profissões religiosas ou não, tornou-se centro referencial de uma teologia que aqui vou chamar “teologia afro-brasileira”, contudo precisamos aprofundar, onde realidades individuais e coletivas se entrecruzam e geram novas experiências, vivências, narrativas e memórias que alimentam e retroalimentam a Comunidade Viva Rosariana de Fé, a exemplo das primeiras comunidades cristãs com suas trocas, ajudas mútuas, oração, partilha e seus conflitos, fortalecendo sua identidade que foi recebida dos nossos antepassados e ancestrais e que devemos dar continuidade, legando aos que nos sucederão, pois um/a filho/a de Maria jamais perecerá, se fizer a Vontade de Deus!

Figura 55 – Imagens de irmãos e irmãs e de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e das Pretas



Fonte: Arquivos da Irmandade e do Irmão Bira, 2023 e 2024.

Ao fim desta jornada a certeza que esta dissertação abre outras lacunas a serem preenchidas com outras pesquisas, especialmente que continuem trabalhando a dimensão política da Irmandade na luta e resistência negra em Salvador.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Reis de. **A Igreja do Rosário dos Pretos, no Pelourinho. Arte, Memória e Religiosidade**: uma análise informacional do teto da nave central. Dissertação de Mestrado, 2013.
- ARQUIVOS DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA ÀS PORTAS DO CARMO - IRMANDADE DOS HOMENS PRETOS.
- CHRYSÓSTOMO, Elba Oliveira. **E tem África na Bíblia? Representações e discursos do continente africano no livro dos cristãos e nos movimentos sociais negros brasileiros**. Artigo. IX Encontro Estadual de História, Bahia. Setembro, 2018.
- COMPROMISSO DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DO ROSARIO DE NOSSA SENHORA ÀS PORTAS DO CARMO - IRMANDADE DOS HOMENS PRETOS, 2017.
- CRB, “Negros e indígenas: novos rostos na vida religiosa”, **Convergência**, nº 294, Rio de Janeiro, julho-agosto, 1995.
- DAVIS, Ângela. **A liberdade é uma luta constante**: Ferguson, Palestina e as bases para um movimento. (ed) BARAT Frank. São Paulo: Boitempo, 2018.
- DOCUMENTO DO CENTRO ARQUIDIOCESANO DE ARTICULAÇÃO DA PASTORAL AFRO MONSENHOR GASPAR SADOCA - CAAPA, 2001.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, p. 100-122, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- FARIAS, Sara oliveira. **Irmãos de cor, de caridade e de crença**: a irmandade do Rosário do Pelourinho na Bahia do século XIX. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.
- FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo eo sexismo na sociedade brasileira. **Revista Direito e Práxis**, v. 9, n. 02, p. 1080-1099, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/WFgLfzG77DN7xhh8MLsHMvb/>. 11 dez. 2024.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos na luta por emancipação. Petrópoles, RJ: Vozes, 2017.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Política & Sociedade**, v. 10, n. 18, p. 133-154, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2011v10n18p133>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora, identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Mestiçagem e identidade afro-brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2008.

OTT, Carlos. A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho. **Afro-Asia**, n. 6-7, 1968.

PALAZZI, Solange. **Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos Diversas em expressão, unidas em devoção**. Texto Publicado no Jornal a Voz do Rosário. Venerável Ordem 3ª de Nossa Senhora do Rosário às Portas do Carmo Irmandade de Homens Preto. Salvador - Ba. Ano VI. Nº13. Pg – janeiro de 2018.

PASTORAL AFRO-BRASILEIRA: Versão Popular do Estudo da CNBB – 85. Brasília, CPP, 1º. Edição, 2003, nº 1, pág. 11.

REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista**. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. **Tempo**, v. 2, n. 3, p. 7-33, 1996.

SANTANA, Anália. **A participação política das mulheres na irmandade de nossa senhora do rosário dos homens pretos do pelourinho (1969-2001)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

SANTANA, Stela Gleide Oliveira. **Quilombismo como viés de resistência cultural: Irmandade do Rosário dos Pretos Pelourinho**. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2020.

SANTOS, Frei Davi. Disponível em: <<https://www.educafro.org.br/site/>>. Acesso em: 10 de agosto 2023.

SANTOS, Joel Rufino dos. “**Movimento negro e crise brasileira**”, **Atrás do muro da noite; dinâmica das culturas afro-brasileiras**. Joel Rufino dos Santos e Wilson do Nascimento Barbosa, Brasília, Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994, p. 157.

SANTOS, Leomar Borges dos. **Festa de Santa Bárbara: fé, devoção e seus encantos**. Salvador: Qualigraf Serviços Gráficos e Editoria, 2021.

SANTOS, Mariana de Mesquita. **Pelas contas do rosário: Cidadania na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho no pós-abolição (Salvador, 1888-1930)**. 2019.

SILVA, Ana Célia. **Fragmentos de mim**. Salvador: Editora Katuka, 2023.

SIMONI, Rosinalda C. da Silva. Virgem do Rosário e São Benedito, Irmãos e Irmandades Negras na Capitania dos Goyases. **Revista Caminhos**, v. 17, 2019. Disponível em: https://afrokut.com.br/blog/10-pessoas-negras-nas-historias-biblicas/#google_vignette/. Acesso em: 12 ago. 2023.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação e Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ANEXO A –Termo de Consentimento e participação em pesquisa acadêmica



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS

**Termo de Consentimento e Participação em Pesquisa Acadêmica**

Concordo em colaborar com a pesquisa acadêmica de mestrado intitulada: “Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Salvador (1970-2020) – Identidade, Religiosidade, Memórias e Narrativas”, desenvolvida no Curso de Mestrado do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos do Pós-Afro da UFBA, pelo Pesquisador Leomar Borges dos Santos, orientado pela Professora Doutora Cristiane Santos Souza e Co-Orientado pelo Professor Doutor Jeferson Bacelar.

Salvador- BA, _____ de _____ de _____

Assinatura

ANEXO B – Termo de Compromisso de Utilização de Dados - TCUD

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS

**Termo de Uso de Imagem em Pesquisa Acadêmica**

Autorizo para os devidos fins o uso da minha imagem durante a realização da pesquisa, escrita da dissertação e desdobramentos futuros do trabalho acadêmico de mestrado, intitulado: “Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1970-2020) – Identidade, Religiosidade, Memórias e Narrativas”, desenvolvida no Curso de Mestrado do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos do Pós-Afro da UFBA, pelo Pesquisador Leomar Borges dos Santos, orientado pela Professora Doutora Cristiane Santos Souza e Co-Orientado pelo Professor Doutor Jeferson Bacelar.

Salvador-BA, _____ de _____ de _____

Assinatura

ANEXO C – Roteiro de entrevista

CRITÉRIOS PARA INTERLOCUTORES/AS:

- a. Gênero**
- b. Etária – mais antigos de idade**
- c. Tempo de Irmandade.**
- d. Localização – Moradia**
- e. Dupla Pertença ou Não**
- f. Integra ou Integrou MNU ou Outros movimentos negros.**
- g. Questão socioeconômica/profissão**
- h. Integrou a Mesa Administrativa e ou Comissões de Trabalho**

PERFIL PESSOAL/Identificação

- Nome completo? Tem algum apelido?
- Idade?
- Onde nasceu?
- Escolaridade?
- Profissão?
- Estado Civil?
- Tem filhos/as?
- Onde Mora?
- Pertencimento étnico-racial
- Quando entrou na Irmandade?
- Tempo de Irmandade?
- Religião?
- Frequenta outras religiões?

SOBRE A ENTRADA NA IRMANDADE E PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS SOCIAIS/MNU?

- Como conheceu a irmandade?
- Participava de algum Movimento dentro da Igreja ou Movimento social? Por exemplo MNU?
- O que levou a entrar na irmandade?
- Quais eram as exigências em sua época para a entrada de um/a irmão/ã na Ordem?
- Como foi o seu ritual de entrada na Irmandade? Poderia relatar um pouco sobre aquele momento? A irmandade influencia na sua vida cotidiana? De que maneira? Fale um pouco.
- O que a faz continuar na Irmandade por todos esses anos?
- Já teve momentos em que pensou em sair/se retirar da Irmandade?
- Considera a Irmandade como parte do Movimento Negro? E por que?

SOBRE A FAMÍLIA

- As pessoas da sua família também são ou foram da Irmandade? Se sim, fale um pouco sobre a experiências dessa(s) pessoas. Caso não, ao que você atribui esse não interesse e vinculação à Irmandade?

- Depois de você mais alguém da sua família ou pessoa conhecida entrou por sua causa?

NARRATIVAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADE

- Quais as memórias que marcaram sua caminhada na Irmandade?
- Como as narrativas/histórias ouvidas foram educativas na sua vida?
- Poderia relatar uma/umas memórias e histórias que trazem lembranças de Graça, de fé, religiosidade, pertencimento, de encontro ou reencontro com algo ou alguém?
- Como essas memórias e histórias se ligam com sua trajetória de vida?
- Como você vive sua identidade negra? Como ela aparece no seu dia a dia?
- Como você percebe a entrada de pessoas com pele mais clara (que se autodeclararam de pardas) na Irmandade?

COMPROMISSO E DOCUMENTOS DA IGREJA

- Como seguir o Compromisso? Como já utilizou?
- Tem conhecimento do regimento interno?
- Tem conhecimento de outros documentos da Igreja Católica?
- Sabe o que foi o Concílio Vaticano II?

RELAÇÕES DE PODER OBSERVADAS NA IRMANDADE

- Quem tem poder nesta entidade trisecular?
- Como se relacionavam homens e mulheres negros (as) neste processo de divisão do poder na Mesa Administrativa?
- Por que o nome Irmandade dos **HOMENS PRETOS**?
- Como funciona a Mesa Administrativa da Irmandade?
- Como ocorre o processo de ocupação dos cargos?
- Têm igualdade na composição entre homens e mulheres?
- Quais os momentos mais difíceis nas relações entre os homens e mulheres na Irmandade?
- Por que havia duas mesas na Irmandade?
- Por que mesmo tendo mais mulheres participando, ainda não temos uma Priora, desde a unificação da mesa administrativa? Fale um pouco sobre este processo.
- Já participou/assumiu algum cargo? Se sim, quais foram?? Quais foram os principais desafios enfrentados? Fale um pouco sobre.
- Quais as principais atividades da Mesa?
- Como foram os principais embates?
- E as conquistas?
- O que mudou com a unificação?

RELAÇÕES DE GÊNERO

- Como são as relações entre homens e mulheres na Irmandade?
- Vivenciou/Presenciou ou identificou/a situações e experiência de machismo/sexismo na Irmandade?
- Como eram/são tratadas as mulheres e quais as atividades em que elas participavam/participam com mais frequência?
- E quais são as atividades que elas não podiam participar? Por quê?

- E, existia (e) alguma atividade que as mulheres não podiam participar?
- A Irmandade tem alguma política/ação para diminuir e/ou evitar os conflitos entre homens e mulheres?? Fale um pouco sobre essas ações, caso existam?

MULHERES NEGRAS

- A senhora participa de algum movimento organizado: Negro, Mulheres e etc.?
- Há valorização da mulher dentro da Irmandade?
- A Irmandade tem ações que fortalecem a identidade da mulher negra? Quais? Fale um pouco sobre.
- As mulheres atuam na Irmandade para garantir seu lugar de fala? Como?

DUPLA PERTENÇA RELIGIOSA/SINCRETISMO/ CRISTIANISMO DE MATRIZ AFRICANA

- O que é sincretismo?
- E o que é dupla pertença?
- Tem algum conhecimento sobre o Cristianismo de matriz Africana?
- É iniciada/o em alguma Religião Afro-brasileira?
- Fale um pouco sobre esta experiência.
- Como é viver essa dupla pertença no cotidiano?
- Como você vê a relação da Irmandade com a religião do Candomblé e outras religiões?
- Há conflitos/divergências entre irmãos sobre a dupla pertença?

LEGADO DA IRMANDADE

- Qual a importância da Irmandade para a sua vida como mulher negra/homem negro?
- Quais as conquistas deixadas pelos antepassados da Irmandade?
- Quais as conquistas atuais em que você participou e o que pensa deixar para os que virão depois?
- Você fala dessas conquistas na sua família, comunidade, nos espaços em que você vive, atua?
- Qual o legado social/cultural deixado pela Irmandade para a sociedade brasileira contemporânea?

ANEXO D - Ata de Reunião do Movimento Negro Unificado de Salvador - Cedida pela Professora Ana Célia, após consulta a Gilberto Leal

1

Ata nº 1

Aos vinte dias do mês de maio do ano de mil novecentos e setenta e oito, com início às dez e meia, realizou-se a terceira reunião do grupo, na, digo, no Departamento de Assuntos Culturais, órgão vinculado à Prefeitura da Cidade de Salvador, sito à Praça Municipal no sub-solo do jardim "Suspensa", "Lucupera". O primeiro a usar da palavra foi o Sr. pastor Frei Reis Alcântara que sugeriu que a cada reunião fossem designados três membros para exercerem as respectivas funções de: coordenador, secretário e relator. Foram escolhidos, então, para a presente reunião: o coordenador a Srta. Raimunda Pedro da Santos, secretária a Prof. Lúcia Alves de Sacramento e o relator o geógrafo Gilberto Roque Nunes Leal. Foi lida a pauta da reunião anterior. Paulo sugeriu que fossem expostos os temas: em primeiro lugar a discussão do documento. Num aparte Luiz orientou que fosse redigida uma pauta pela coordenadora, a-proposando, avisou que um grupo da cidade de Bacharelaria estão fazendo um trabalho e pediu que alguém do grupo fosse apurá-los. Raimunda frisou que o último item da reunião passada ficou em aberto. Luiz propôs também como temas para pauta desta reunião "Problemas de estruturas financeiras, memória do grupo, formação da biblioteca. Explicou que a estrutura financeira seria uma taxa que cada membro daria. Paulo colocou o problema do local fixo para as reuniões. Paulo abordou que se colocasse, digo, colocasse em pauta a discussão entre Luiz, Manoel e Roberto que houve na sexta-feira, dia dezesseis de maio de mil novecentos e setenta e oito. Raimundo evidenciou a importância deste debate e ressaltou que os membros interessados, no caso Manoel e Roberto, não estivessem presentes, mas que o assunto deveria ser discutido logo depois de encerrado os níveis dos interesses do grupo. Paulo lembrou que se deveria colar o material à Célia. Leal explicou que havia se comunicado com esta e que lhe havia falado que

Lóizino Bultr estava interessado em vir fazer uma série de palestras. Luís, também, sugere que um dos temas a ser discutido deveria ser sobre o dia definitivo da reunião. Foi formado que o filme "Raízes Negras" seria exibido na Biblioteca Central a partir desta segunda-feira, cuja programação seria: de oito, vinte às vinte e duas horas, dia vinte e três às dez e às vinte horas, dias vinte e cinco dezoito e vinte e seis às vinte e sete e três horas. Seria uma série de quinze sobre o filme. Ana aventou que o comentário do filme deveria ser distribuído para os assistentes. Traionanda solicitou que Gilberto apresentasse a sugestão sobre o local das reuniões junto à Sociedade Protetora dos Desvalidos. Gilberto disse que havia entregue o ofício que foi redigido na reunião passada ao Presidente da referida sociedade e o mesmo lhe falou que este entraria em apreciação da assembleia. O presidente exigiu também, na ocasião, os nomes dos participantes do grupo. Gilberto falou que isto iria limitar um pouco o número dos participantes e pediu que as pessoas presentes assinassem uma lista. Traionanda afirmou que a sociedade está preocupada em não se comprometer, porém assegura que o grupo deve se reunir em sua sede, sem apuro tentar modificar um pouco a mentalidade de daquela sociedade salientou que se deve penetrar com muita cautela para não provocar conflitos e ao mesmo tempo mostrou a necessidade do grupo definir-se com uma posição bem sólida. Pedro lembrou o artigo primeiro do "regimento" da sociedade cujo teor indica a posição racista desta. Fez um aparte de que se deve penetrar com tato e evidenciar as próprias ideias do grupo e estabeleceu que o único vínculo deveria ser o local. Gilberto diz que o grupo deve apelar para salientou que o grupo não poderia sofrer a influência da sociedade, principalmente de caráter divisionista. Gilberto colocou que só a sociedade poderia fornecer os

mos disponíveis para a reunião do grupo. Raimunda colocou
 em votação os dias de reunião e o horário. Ficou estabe-
 lecido por dez a dois votos que as reuniões deveriam ser rea-
 lizadas aos sábados, das nove às doze horas. Raimunda
 enfatizou a importância da pontualidade. Após um
 aparte, ficou que não deveria haver tolerância para com os
 atrasados. A coordenadora, com a aprovação de todos, esta-
 beleceu que quem chegar depois das nove horas não
 poderá mais discutir o que já tenha sido ventilado, e
 apenas será informado dos acontecimentos, posteriormente. João
 reforçou as informações de Luiz sobre os eventos que o
 grupo de Cachoeira estará fazendo neste fim de semana pró-
 ximo. Raimunda colocou em discussão o documento. Luiz
 falou das alterações que havia feito na redação do mes-
 mo; onde se lê "uns do resto do país, leia-se" "de todas
 as partes do país". A coordenadora leu o documento que
 deveria ser colocado logo encaminhado à imprensa, po-
 rém Leite informou que havia lido, na coluna "Bo-
 na França" do jornal da Bahia, do dia dezesseis de maio
 de mil novecentos e sessenta e oito, a cópia do documen-
 to. Ficou surpresa geral, desde quando a cópia do
 mesmo se encontrava em mãos de Paulo e este afir-
 mou que não havia encaminhado ainda à Imprensa.
 Partiu-se então para o item seguinte que foi o da
 Estrutura Financeira. Luiz sugeriu que se deveria insti-
 tuir uma taxa para as despesas do grupo, inclusive
 opinou sobre a organização de uma biblioteca com siste-
 ma de cooperação, ou seja cada membro ou membro
 compraria livros e os doava. João perguntou a Luiz ex-
 de seriam guardados estes livros. João ofereceu a sua casa
 provisoriamente. Raimunda pediu sugestões sobre um livro.
 Voltando à Estrutura financeira, foi colocada em votação
 o valor da taxa proposta por Luiz. Leite opinou sobre
 a eleição de um tesoureiro. Gilberto perguntou se este

taxa seria para todos os componentes do grupo. Foi reu-
tido que isto seria apenas uma caixa-caixa. Geminio
disse que os componentes que formaram o grupo deveriam
arcar com uma responsabilidade maior. Raimundo afir-
mou que não se deve estabelecer qualquer tipo de discri-
minação. Dois palestrantes que o valor da taxa não deve
ser dito não deve ser muito alta, que fosse, porém
flexível conforme as possibilidades de cada um. Jô
sugeriu que Jô deve ficar responsável pela caixa-
caixa, o que foi aceito por todos. Foi colocado em
votação o valor da taxa. Jô, num aparte, propôs duas
formas de contribuição: uma de acordo com as possibi-
lidades e outra fixa. Gilberto acrescentou mais uma, a
da taxa mínima. Ficou decidido que a taxa míni-
ma seria de vinte cruzeiros. Gilberto propôs que se
deveria estabelecer um prazo para o recolhimento
da taxa. Ficou acertado que seria de vinte e cinco
a cinco do mês seguinte. A coordenadora colocou em
discussão o item que ficou em aberto na reunião
passada, ou seja a resolução de um grupo de tra-
balho, visando maior integração entre os grupos de
Salvador. Raimundo falou sobre um projeto de Gilberto
Hagalhaes. Bento sugeriu que os projetos fossem elabora-
dos pelo grupo, e falou que pensava em sugerir fun-
do ao Departamento a realização de um Festival
de Teatro cujo tema seria o Negro. Jô, num aparte,
chama a atenção que Bento fugiu um pouco da pro-
posta que a coordenadora colocou, e fica que o tema
é a criação de uma comissão para integrar os
os grupos de Salvador, e que o que Bento sugeriu seria
a consequência do trabalho do grupo. Paula, pale-
strante que a proposta de Bento seria um trabalho
para mais tarde, e a proposta em discussão é imedia-
ta, e que o primeiro passo seria colher material diante

destes grupos. Astor sugere que o grupo deveria fazer uma
 reavaliação dos grupos existentes em Salvador, definindo
 os seus objetivos e a partir daí o grupo tentava redefi-
 ni-los, julgando a validade do trabalho dos mes-
 mos. Denunciou-se a aceitação por parte destes grupos
 da reavaliação. Gilberto retoma a proposta da Confede-
 ração, sugerida nas reuniões anteriores, digo surgida, afir-
 mando que isto seria a meta final, antes disto de-
 via-se pensar na conscientização cultural do grupo,
 digo cultural e técnica, e sugere como pontos de parti-
 da: aproveitamento dos elementos do grupo, aumento da
 caixinha a nível popular, palestras, e afirma que se
 devia ter uma base bem sólida para saber contestar
 eventuais conflitos, definindo bem claro os objetivos do
 grupo. Todo o grupo deveria caminhar na mesma direção, em
 destinação. Foi colocada em discussão a proposta de Gilberto.
 Luiz concordou, porém disse que não se pode colocar a
 mão imediata desde quando não se tem uma estrutura
 na, ressaltando que a fase ainda é de organização.
 Gilberto, num aparte, diz que se poderá fazer as coisas para-
 lelamente, explicando as etapas de um projeto de a-
 ção, baseado num curso de organização de projetos, su-
 gere que daqui para frente se deve criar etapas de
 trabalho, dá como exemplos: palestras, reuniões com re-
 presentantes de entidades, evidenciando que estes não seriam
 imediatos. Luiz mostrou a importância de informar as pes-
 soas sobre eventos sobre o Negro, mesmo que seja de forma
 oral. Luiz colocou que mesmo em uma conversa in-
 formal de rua poderiam ser levadas as proposições
 do grupo. Astor mostrou a sua proposta em etapas: a
 primeira seria a reavaliação dos grupos existentes, ou
 seja usar os grupos que já existem, colocar na me-
 sa um representante, criticá-lo e ouvi-lo; a segunda
 seria trazer especialistas em assuntos sobre o Negro para

debates. Surge a pergunta de Fúte de como seria esta reavaliação. Astor explica que seria em termos de linhas filosóficas, por exemplo, reações das pessoas em público, o trabalho seria de reeducação em termos de informações. Leais criticou a proposta de Astor, dizendo que assim o grupo agiria como censor e discursivo. O Leão dego observou que preliminarmente se deve conhecer em termos de grupo, este grupo. Astor explicou a sua proposta, Leais demonstrou o perigo do grupo em se transformar em uma falsa elite. Bento sugere que a peça teatral "Lumbrá dos Palmeres" seja encenada aqui no Saco para. Surge a pergunta se a reavaliação somente seria para os grupos artísticos? Não que foi respondido da qual seria de todos os grupos que fazem trabalhos pelo o Negro e com o Negro. Foi sugerido um levantamento de todos os grupos existentes em Salvador. Raimundo sugeriu que fossem distribuídas tarefas com os membros deste grupo. Gilberto colocou que se deve fazer, em primeiro lugar, um levantamento nominal, destes grupos, evidenciando que não são somente de grupos, mas de pessoas também, como exemplo foi lida uma carta endereçada ao jornal da Bahia em oito de maio deste, por Leocádio no Paixão Ribeiro que vem escrevendo sobre o Negro há sugeriu um arquivo, onde se pudesse coletar trabalhos e resumos destas pessoas. Falou também que havia participado da reunião da Sociedade de Estudos da Cultura do Negro que já existe há três anos, cujo último encontro foi no dia treze de maio deste, no qual foi discutida a questão da abolição, fassou também que está vem desenvolvendo uma série de trabalhos, inclusive a aquisição recente de um terreno sito na Pituba. O coordenador pediu que cada pessoa desse seu nome que foi anotado pela se

certeira, a fim de que fosse encaminhado à Sociedade de proteção dos doentes. Logo informamos, ainda, que a Infância está interessada em doar terrenos para as entidades nepes como Gaudin, Basique e El' Agi. Foi suprido a aquisição de um livro para a Escrevoria. Nada mais havendo a tratar, a coordenadora declarou encerrada a reunião. Ou Lute Plus do Sacramento, redigi a seguinte lista presente: esta que vai assinada por mim, Secretária, e a Sr. Coordenadora. Salvador, ao monte de mais de mil novecentos e setenta e oito. Bem tempo, oude se li Pedro, deu-se cento. A reunião sobre a retificação do documento foi feita por Luis.

Luiz / de Sacramento
Raizunda Pedro / dos Santos

being taken to the river.

Charles T. Smith

1940-1941
 Maria Reis Salgado Gomes

Maria Raís Salgado Goes

ANEXO E – Ata de Assembleia Estadual do Movimento Negro Unificado de Salvador

Ata de Assembleia Estadual

Por três de agosto de 1985 com a presença dos grupos de Trabalho Benê Gama, grupo de Mulheres do MNU, BT Robson Liberdade da Luz e Movimento Negro Unificado de Alagoinhas realizaram-se a segunda Assembleia Estadual do MNU-Be, constituída por informes e pauta. Foram os seguintes os informes:

1º) dia 13 de agosto será lançado em Salvador, na sede da Sociedade Protetora das Bevalidas o bannê Anti Apartheid, pelo MNU-Be.

2º) no dia 13 de agosto será lançado o bannê de Entidades Negras de Bahia, na Sociedade Protetora das Bevalidas.

3º) no dia 24 de agosto é o aniversário do G.T. Benê Gama.

4º) em meados de agosto o B.M. participará do seminário do Odeum, com o tema África do Sul e Namíbia. A seguir apresentar-se-ão as pautas de pauta, que após discussões foram apresentadas na seguinte ordem: a) ampliação do 5º Encontro; b) bannê Anti Apartheid; c) Benê; d) eleição da coordenação estadual e da comissão executiva Nacional. Ponto 4) ampliou-se que os temas simultâneos não agrediram, houve proposta de um só dia para discussões e apresentação cultural. Ponto b) o bannê Anti Apartheid e do Benê será conjunto, deixando claro que o MNU estará lançando o bannê com o apoio do Benê.

Ponto c: O MNU vai participar do Conselho Deliberativo do Bamba. Vai realizar uma reunião privada e do Bamba em 06-08, às 18.30 no Becup para tirar a proposta das novas condições.

Ponto d: eleição da coordenação bimedial de nam ditos com seis (6) votos e brigas Baimas com seis (6) votos. Para a comissão Brasileira Nacional (BEN) foram eleitos membros efetivos, Luis Alberto com onze (11) votos, Valdeci Pedreira com nove (9) votos e

de viagem com oito votos. Foram eleitos suplentes, Jân timer Bancelião com quatro (4) votos, Valdecílio e Elias com um (1) voto cada um. Observação: as com

panheiros do MNU de viagem, por motivo de falta maior não puderam comparecer a esta Assembleia. Portanto o que ocorreu foi discutido a questão das eleições e a prefeitura de Salvador. Ficou decidido que o MNU-Ba. vai tirar um documento esclarecendo o não apoio a candidatas e explicando por que não é a favor do voto racial. E mais, visando a tratar a coordenação Municipal encerramos a reunião. O sr. Anne Bêlê da Silva, Lucene e presença etc, e qual reunião por todos, por mim, após sua leitura e aprovação.

Ana Bêlê da Silva.